



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

WÉSLLY LIMA DOS SANTOS

**MODALIDADE DEÔNICA COMO EXPRESSÃO DE AUTORITARISMO NA
SÉRIE TELEVISIVA “O CONTO DA AIA”**

FORTALEZA

2025

WÉSLLY LIMA DOS SANTOS

MODALIDADE DEÔNICA COMO EXPRESSÃO DE AUTORITARISMO NA SÉRIE
TELEVISIVA “O CONTO DA AIA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Paulino Pessoa Prata.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S239m Santos, Wésly Lima dos.
Modalidade deontica como expressão de autoritarismo na série televisiva “O Conto da Aia” / Wésly Lima dos Santos. – 2025.
137 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Profissional em Ensino de História, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Nadja Paulino Pessoa Prata.

1. Modalidade deontica. 2. Pragmalinguística. 3. O Conto da Aia. I. Título.

CDD 907.220711

WÉSLLY LIMA DOS SANTOS

MODALIDADE DE ÔNTICA COMO EXPRESSÃO DE AUTORITARISMO NA SÉRIE
TELEVISIVA “O CONTO DA AIA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 12/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Nadja Paulino Pessoa Prata (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dr.^a Leia Cruz de Menezes Rodrigues

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a. Dr.^a Maria das Dores Mendes

Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus,
Aos meus pais, irmãos e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas pessoas que tenho a grata alegria de encontrar na trajetória da minha vida.

Aos meus pais, Leide e Líbio, por sempre acreditarem que a educação é o meio de conseguir algo melhor na vida.

Aos meus irmãos, Welissom e Vanessa, pela torcida e incentivo.

Ao Geison, por todo apoio e por sempre acompanhar meu processo dando força para que tudo desse certo.

À minha orientadora, Nadja Paulino Pessoa Prata, por todo acompanhamento atencioso. É uma honra ter uma referência em pesquisa linguística como guia do meu trabalho. Como cidadão, muito me orgulha ter um funcionário público assim na universidade. Como aluno, resta-me a admiração.

Ao Armando, amigo de mestrado, que foi essencial na minha trajetória dentro do mestrado. Tive a sorte de ter alguém tão generoso e inteligente para poder compartilhar as dores e discussões nesse período.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, por todas as aulas e discussões que auxiliaram a me atualizar sobre aspectos diferentes da linguística.

À professora Maria das Dores Mendes, a quem tive a felicidade de tê-la na minha graduação e, recentemente, na minha trajetória de mestrado. Os apontamentos pertinentes me fizeram refinar minha dissertação, e a alegria que irradia me lembra do privilégio de tê-la tido como professora.

À professora Léia Cruz de Menezes Rodrigues, por sempre ser tão gentil e assertiva sobre os pontos de melhoria na minha pesquisa.

Às minhas ex-professoras do curso de Letras, Maria Fabíola Vasconcelos Lopes e Maria Monalisa Nogueira Vasconcellos, por terem me dado oportunidades acadêmicas que me abriram portas. Serei sempre grato.

Ao núcleo gestor da E.E.E.P. Walter Ramos de Araújo, no nome do diretor Francisco Moisés da Silva Rodrigues, pela possibilidade de realizar essa etapa na minha vida acadêmica/profissional.

Aos meus companheiros de educação Paulo Glayson e Désio Rodrigo, por me ajudarem no processo de leitura e crítica do meu projeto, assim como nos ensaios para a entrevista. A ajuda de vocês foi essencial para que me sentisse mais seguro em tentar.

À Capes, pelo fomento à pesquisa no país.

Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns.

(Atwood, 2017, p. 151)

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar e descrever como a modalidade deôntica mapeia o discurso autoritário que se manifesta na série televisiva *O Conto da Aia*. Dessa forma, usaremos a modalidade deôntica, relacionada ao eixo da conduta, a partir de Fuentes Rodríguez (1991), Pessoa (2007) e Lopes (2014). Pautamo-nos, também, na perspectiva Pragmalinguística de Fuentes Rodríguez (2017), a qual entende que aspectos contextuais devem ser englobados à análise juntamente às características fonológicas, morfossintáticas e semânticas. Para tanto, observamos os seguintes aspectos: (i) situacional (temporalidade dos eventos), (ii) nível superestrutural (sequências textuais), (iii) nível macroestrutural (locutor, fonte, alvo, organização argumentativa) e (iv) nível microestrutural (manifestação deôntica, valores, complexidade oracional, tempo verbal e tipo frasal) da série. De caráter quali-quantitativo, nossa pesquisa tem como *corpus* de análise as legendas da série em português. Temos como premissa que o contexto autoritário presente na série é profícuo para aparição de construções linguísticas de alta força ilocucionária, como a obrigação. Por meio da análise, os dados com maior relevância dentro de cada categoria foram: (i) contexto situacional: Durante Gilead (67,67%); (ii) superestrutura: sequência instrucional (87,93%); (iii) macroestrutura: locutor – Sra. Waterford (15,95%); fonte – Sra. Waterford (15,52%); alvo – Offred (32,11%); organização argumentativa neutra (41,6%); (iv) microestrutura: manifestação – imperativo (67,46%); valor – ordem (34,91%); complexidade oracional – oração simples (76,61%); tempo verbal – presente (27,8%); tipo frasal – frase imperativa (56,47%). Frente aos achados, foi possível perceber que o ambiente de opressão contra as mulheres, em especial, as Aias, deixa marcas nas manifestações linguísticas. Os cargos hierárquicos de maior poder agem sobre os mais rebaixados de forma que a modalidade deôntica esteja vinculada mais frequentemente nessa série a sequências instrucionais com valores semânticos mais marcados como a ordem, sem exigir assim estrutura frasal complexa para estabelecer o poder sobre o outro. Assim, notamos que a opressão social aparece impressa em marcas linguísticas da modalidade deôntica em *O Conto da Aia*.

Palavras-chave: Pragmalinguística; modalidade deôntica; *O Conto da Aia*.

ABSTRACT

This research aims to analyze and describe how the deontic modality maps the authoritarian discourse manifests itself in the television series *The Handmaid's Tale*. In this way, we will use the deontic modality, related to the axis of conduct, based on Fuentes Rodríguez (1991), Pessoa (2008) and Lopes (2014). We are also based on the Pragmalinguistic perspective of Fuentes Rodríguez (2017), which understands that contextual aspects must be included in the analysis along with phonological, morphosyntactic and semantic characteristics. To this end, we will observe the following aspects: (i) situational (temporality of events), (ii) superstructural level (textual sequences), (iii) macrostructural level (speaker, source, target, argumentative organization) and (iv) microstructural level (deontic manifestation, values, clause complexity, tense and phrasal type) of the series. Quali-quantitative in nature, our research uses the subtitles of the series in Portuguese as its corpus of analysis. Our premise is that the authoritarian context present in the series is beneficial for the appearance of linguistic constructions with high illocutionary force, such as obligation. Through the analysis, the most relevant data within each category were: (i) situational context: During Gilead (67.67%); (ii) superstructure: instructional sequence (87.93%); (iii) macrostructure: speaker – Mrs. Waterford (15.95%); source – Mrs. Waterford (15.52%); target – Offred (32.11%); neutral argumentative organization (41.6%); (iv) microstructure: manifestation – imperative (67.46%); value – order (34.91%); clause complexity – simple clause (76.61%); verbal tense – present (27,8%); phrasal type – imperative sentence (56.47%). According to the findings, it was possible to see that the environment of oppression against women, especially Handmaids, leaves marks on linguistic manifestations. Hierarchical positions with greater power act on lower ones so that the deontic modality is linked more frequently in this series to instructional sequences with more marked semantic values such as order, without requiring a complex phrasal structure to establish power over the other. Therefore, we notice that social oppression appears printed in linguistic marks of the deontic modality in *The Handmaid's Tale*.

Keywords: Pragmalinguistics; deontic modality; The Handmaid's Tale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inter-relação discurso e contexto.....	27
Figura 2 – Escala de subjetividade.....	41
Figura 3 – Temporada 1, Episódio 5.....	61
Figura 4 – Temporada 1, Episódio 3.....	62
Figura 5 – Temporada 1, Episódio 3.....	63
Figura 6 – Temporada 1, Episódio 10.....	64
Figura 7 – Temporada 1, Episódio 2.....	65
Figura 8 – Temporada 1, Episódio 4.....	66
Figura 9 – Temporada 1, Episódio 1.....	68
Figura 10 – Temporada 1, Episódio 7.....	69
Figura 11 – Temporada 1, Episódio 3.....	70
Figura 12 – Temporada 1, Episódio 4.....	71
Figura 13 – Temporada 1, Episódio 4.....	72
Figura 14 – Temporada 1, Episódio 8.....	73
Figura 15 – Temporada 1, Episódio 10.....	76
Figura 16 – Temporada 1, Episódio 10.....	77
Figura 17 – Temporada 1, Episódio 2.....	77
Figura 18 – Temporada 1, Episódio 3.....	78
Figura 19 – Temporada 1, Episódio 5.....	79
Figura 20 – Temporada 1, Episódio 2.....	81
Figura 21 – Temporada 1, Episódio 2.....	82
Figura 22 – Temporada 1, Episódio 10.....	83
Figura 23 – Temporada 1, Episódio 5.....	83
Figura 24 – Temporada 1, Episódio 6.....	84

Figura 25 – Temporada 1, Episódio 1.....	86
Figura 26 – Temporada 1, Episódio 3.....	86
Figura 27 – Temporada 1, Episódio 5.....	87
Figura 28 – Temporada 1, Episódio 8.....	91
Figura 29 – Temporada 1, Episódio 2.....	92
Figura 30 – Temporada 1, Episódio 1.....	92
Figura 31 – Temporada 1, Episódio 6.....	93
Figura 32 – Temporada 1, Episódio 8.....	94
Figura 33 – Temporada 1, Episódio 8.....	94
Figura 34 – Temporada 1, Episódio 5.....	95
Figura 35 – Temporada 1, Episódio 4.....	96
Figura 36 – Temporada 1, Episódio 2.....	96
Figura 37 – Temporada 1, Episódio 4.....	97
Figura 38 – Temporada 1, Episódio 6.....	98
Figura 39 – Temporada 1, Episódio 1.....	99
Figura 40 – Temporada 1, Episódio 8.....	99
Figura 41 – Temporada 1, Episódio 2.....	100
Figura 42 – Temporada 1, Episódio 9.....	102
Figura 43 – Temporada 1, Episódio 4.....	103
Figura 44 – Temporada 1, Episódio 6.....	104
Figura 45 – Temporada 1, Episódio 6.....	105
Figura 46 – Temporada 1, Episódio 9.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de análise	53
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Contexto situacional.....	60
Gráfico 2 – Sequência textual.....	67
Gráfico 3 – Locutor.....	74
Gráfico 4 – Fonte.....	75
Gráfico 5 – Alvo.....	80
Gráfico 6 – Organização Argumentativa.....	85
Gráfico 7 – Manifestação morfossintática.....	88
Gráfico 8 – Valores deônticos dos verbos no imperativo.....	88
Gráfico 9 – Valores deônticos dos verbos modais deônticos.....	89
Gráfico 10 – Valores deônticos dos adjetivos em posição predicativa.....	89
Gráfico 11 – Valores deônticos.....	90
Gráfico 12 – Complexidade frasal.....	104
Gráfico 13 – Tipo frasal.....	106
Gráfico 14 – Tempo verbal.....	107
Gráfico 15 - Contexto situacional X sequências textuais.....	108
Gráfico 16 - Contexto situacional X fonte deôntica.....	109
Gráfico 17 - Contexto situacional X alvo deôntico.....	110
Gráfico 18 - Contexto situacional X organização argumentativa.....	111
Gráfico 19 - Contexto situacional X manifestação deôntica.....	111
Gráfico 20 - Contexto situacional X valores deônticos.....	112
Gráfico 21 - Contexto situacional X complexidade oracional.....	113
Gráfico 22 – Sequência textual X fonte deôntica.....	114
Gráfico 23 - Sequência textual X alvo deôntico.....	115
Gráfico 24 - Sequência textual X organização argumentativa.....	116
Gráfico 25 - Sequência textual X organização argumentativa.....	116
Gráfico 26 – Fonte deôntica X manifestação deôntica.....	117
Gráfico 27 – Fonte deôntica X valor deôntico.....	118
Gráfico 28 – Alvo deôntico X manifestação deôntica.....	119
Gráfico 29 – Alvo deôntico X valor deôntico.....	120
Gráfico 30 – Organização argumentativa X manifestação deôntica.....	121
Gráfico 31 – Organização argumentativa X complexidade oracional.....	122
Gráfico 32 – Valor deôntico X complexidade oracional.....	123

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 PRAGMALINGUÍSTICA E MODALIDADE DEÔNTICA	24
2.1 Pragmalinguística	24
2.1.1 Contexto	28
2.1.2 Superestrutura	29
2.1.3 Macroestrutura	30
2.1.4 Microestrutura	38
2.2 Modalidade	39
2.3 Modalidade deôntica	43
3 METODOLOGIA	48
3.1 Caracterização da pesquisa	48
3.2 Delimitação do universo e da amostra	48
3.3 Procedimentos metodológicos	52
4 A MANIFESTAÇÃO DO AUTORITARISMO POR MEIO DA MODALIDADE DEÔNTICA	59
4.1 Contexto Situacional	59
4.1.1 Antes de Gilead	61
4.1.2 Centro Vermelho – Red Center	63
4.1.3 Durante Gilead	64
4.2. Superestrutura	67
4.2.1. Sequência Instrucional	68
4.2.2 Sequência Expositiva	70
4.2.2 Sequência Narrativa	71
4.3 Macroestrutura	73
4.3.1 Locutor e Fonte Deôntica	76
4.3.2 Alvo Deôntico	80
4.3.3 Organização Argumentativa	85
4.4 Microestrutura	88
4.4.1 Expressão deôntica: Manifestação e Valores	90
4.4.1.1 Imperativo	90
4.4.1.1 Modais deônticos	97
4.4.2 Complexidade frasal	103
4.4.3 Tipo frasal	106
4.4.4 Tempo verbal	107
4.5 Cruzamento de categorias	108

5. CONCLUSÕES	124
REFERÊNCIAS.....	128
APÊNDICE A -	135
APÊNDICE B.....	136
APÊNDICE C	137

1 INTRODUÇÃO

A categoria modalidade tem sido fruto de análise de vários pesquisadores da linguagem para compreender essa manifestação linguística a partir da sua ocorrência em um contexto discursivo. Seus estudos ajudam a observar a inter-relação existente entre as estruturas nas diversas línguas e seu funcionamento no mundo (Neves, 2006; Furtado da Cunha e Souza, 2011; Nogueira e Prata, 2024)¹.

O falante, ao produzir um enunciado, faz um julgamento no que diz respeito às possibilidades, proibições ou obrigações ali expressas (Pessoa, 2011; Menezes, 2011). Assim, pode-se dizer que, ao direcionar uma construção modalizada a outra pessoa ou a outro grupo de pessoas, o falante espera que o seu alvo chegue a determinadas conclusões e, assim, execute ou deixe de executar determinada ação. Dessa forma, faz-se pertinente analisar como construções linguísticas modalizadoras refletem as intencionalidades do falante na busca de afetar a conduta de alguém, e como as relações imbricadas no contexto de fala podem interferir nessa manifestação.

Sendo assim, neste estudo adotaremos a vertente funcionalista para podermos observar e descrever o fenômeno da modalidade. Isto é, para que se possa compreender e descrever os diferentes fenômenos da língua por essa ótica, faz-se de crucial relevância analisá-los em diferentes contextos reais de uso.

O viés funcionalista adotado, que interliga discurso e gramática, subsidia a análise linguística de discursos autoritários e o questionamento da submissão imposta a grupos minoritários no poder na sociedade, mais diretamente às mulheres dentro desse contexto de estudo, como ocorre na série ficcional *The Handmaid's Tale*², que estreou no Brasil sob o título *O Conto da Aia*.

Entendemos que as séries de televisão são materiais autênticos, no sentido de que são feitas para o entretenimento e não para fins de estudos restritos ao campo da linguagem. Ou seja, são produtos que dispõem de construções que servem a propósitos comunicativos, primando pela interação de participantes do discurso. Dessa maneira, mostra-se como ambiente propício para a investigação funcionalista, conforme exposto anteriormente.

¹ O presente estudo de mestrado está vinculado ao macroprojeto “Descrição e análise de língua sob o viés funcionalista: Gramática e discurso na construção de enunciados”, coordenado pela professora Dr^a. Nadjá Paulino Pessoa Prata do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

² Série norte-americana que estreou em abril de 2017, nos Estados Unidos, ainda em exibição, no Brasil, nos *streamings Globoplay e Paramount*.

Na série *O conto da Aia*³, a trama da distopia se desenvolve na República de Gilead, país fictício instituído depois de um golpe de Estado no que havia sido até então os Estados Unidos. É um momento no qual são enfrentados vários problemas, como radiação nuclear em excesso, o que acaba gerando baixíssimas taxas de natalidade em todo o mundo. Seguindo preceitos religiosos, a sociedade adere a uma nova constituição e se modifica quanto aos costumes e à organização social. A reestruturação sociopolítica ocorrida faz com que haja uma ordenação de poder extremamente bem demarcada. Os homens de alto poder passam a ser comandantes (responsáveis por todas as decisões do país) e, em casos de suas esposas não terem filhos, o que é extremamente comum, seleciona-se alguma “Aia” para sua casa, mulheres férteis obrigadas a terem relações sexuais com Comandantes com o intuito de gerar filhos para eles.

Aias são mulheres ainda férteis que perdem o controle sobre seus próprios corpos, passando à condição de meras servas à disposição do Estado, meras ferramentas de reprodução. A descaracterização das Aias como indivíduos é tamanha que tais mulheres perdem seus nomes, passando a serem designadas pelo sobrenome do comandante a quem servem. Por exemplo, “June” (personagem principal) passa a ser, na maioria do tempo, “Offred” (*of*, no inglês, equivalente à preposição *de*, em português, indicando posse na relação com o nome Fred: de Fred), e mudando Offred para outro nome, caso mude de casa.

É nesse contexto, o de um Estado autoritário onde as mulheres perdem vários direitos e passam a ser submissas aos homens, que queremos saber como as construções linguísticas podem refletir o ambiente autoritário construído na série, no qual as mulheres são postas em posição de submissão, o que pode ser mapeado pela expressão da modalidade deôntica.

Assim sendo, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar como as expressões linguísticas que perpassam pelo eixo da conduta instauram um discurso autoritário na série *O Conto da Aia*, com base na perspectiva Pragmalinguística (Fuentes Rodríguez, 2017).

Para tanto, norteamo-nos pelos seguintes objetivos específicos: (i) averiguar como a mudança do contexto sociopolítico (contexto situacional), ao longo da série, reflete-se linguisticamente quanto ao uso de expressões modalizadoras deônticas presentes em *O Conto da Aia* afeta nas construções deônticas; (ii) analisar, ao nível superestrutural, qual sequência textual é predominante quando há uso de expressões deônticas da série *O Conto da Aia*; (iii) investigar, por meio da modalidade deôntica, quem mais instaura falas autoritárias

³ Vídeo do canal *Maratonando*, do *YouTube*, no qual é feito um resumo da primeira temporada: <https://www.youtube.com/watch?v=BQ9xcIj8Vcc>

(personagem-fonte) e quem mais as recebe (alvo) no plano enunciativo nas legendas da série *O Conto da Aia*; (iv) perquirir, no nível da microestrutura, quais são os valores mais frequentes nas manifestações deônticas série *O Conto da Aia*; (v) descrever por quais meios de expressão da modalidade deôntica o autoritarismo se manifesta na microestrutura frente ao contexto da série *O Conto da Aia*; (vi) examinar se há predominância, a nível microestrutural, de um tempo verbal específico para a modalidade deôntica em *O Conto da Aia*; (vii) constatar se, na microestrutura, há um tipo frasal mais frequente quando manifesta a modalidade deôntica em *O Conto da Aia*; (viii) sondar se, a nível da microestrutura, as frases que manifestam a modalidade deôntica em *O Conto da Aia* são em sua maioria simples ou complexas

Supomos que, dado o fato de as mulheres serem o grupo social de menor poder decisório nessa obra fictícia, principalmente as Aias, sejam elas as personagens mais frequentemente na mira de construções deônticas. Em vista disso, visamos compreender como a modalidade deôntica se manifesta em discursos autoritários nessa série.

Mesmo o idioma original da série sendo o inglês, focalizaremos nas legendas em português, considerando que nossa análise suscita descrição de fenômeno deôntico na língua corrente do Brasil. Cremos que nosso estudo auxilia na aplicabilidade de preceitos linguísticos em materiais diversos, neste particular, em legendas de séries de TV, podendo servir como base para a análise da adequação entre a legenda e o texto fonte.

Buscamos, portanto, analisar como construções linguísticas refletem normas que são institucionalizadas, as quais colocam grupos como mandatários e outros como subordinados, por meio da obra midiática *O Conto da Aia*, complementando estudos já existentes na área da modalidade deôntica (Oliveira, 2016; Vasconcelos, 2021; Pires Neto e Prata, 2023).

Em um levantamento bibliográfico a respeito dos estudos sobre *O Conto da Aia* (Martins, 2020; Almeida, 2021; Holanda, 2021; Fonseca, 2021; Borges, 2023), pudemos verificar que a prevalência das análises sobre a série ou o próprio livro recai em áreas como estudos sociais, psicológicos e literários, explorando, em sua maioria, temáticas voltadas ao feminismo, poder e submissão, ou ainda, da tradução feita ao ser transposto o enredo do livro para as telas das televisões. Assim, esta pesquisa propõe-se à investigação da série quanto à sua linguagem: como a linguagem materializa o autoritarismo cerne da história narrada.

Vários trabalhos já utilizaram a modalidade de cunho deôntico (Menezes, 2006; Pessoa, 2007; Lopes, 2014; Oliveira, 2016; Oliveira, 2021; Pires Neto e Prata, 2023; Prata e Fuentes Rodríguez, no prelo) em diferentes *corpus* e com diferentes propósitos. Podemos citar, Menezes (2006), que, em sua dissertação, observou a persuasão no discurso político, usando

discursos na Câmara Federal de Deputados. Neste trabalho, a autora notou que, ao debater reformas no regime previdenciário de servidores, quanto maior a cobrança por resultados, maior a modalização dos enunciados. Além disso, foi notado que, nos seus discursos, os oradores se eximem com frequência da obrigação de executar algo, pondo-se na posição de denúncia ou cobrança. Essa estratégia persuasiva foi evidenciada, por meio da exclusão do falante do alvo deôntico, eximindo, assim, aquele que fala de maiores responsabilidades.

Baseando-se no modelo de interação proposto pelo funcionalista holandês, Simon Dik (1997), Pessoa (2007) estudou a modalidade deôntica nos anúncios publicitários analisando como a identificação ou não da fonte deôntica e marcas de asseveração ou mitigação da força dos modais podem constituir estratégias de persuasão para conduzir ao consumo.

Fazendo uso da Gramática Discursivo-Funcional, Pessoa (2011) analisa o discurso midiático difundido por meio do rádio e da televisão para descrever e analisar a modalidade deôntica. Nesse mesmo trabalho, a pesquisadora, baseada em alguns parâmetros como subjetividade/objetividade, marcação linguística da fonte, fonte/alvo e tipo de uso do modal, propõe uma tipologia para a modalidade deôntica, sendo essa categorização: subjetiva, intersubjetiva, objetiva e inerente.

Lopes (2014), em seu livro *Gramática de Significados*, com enfoque nos estudos da modalidade, dedicou-se a examinar expressões proferidas por professores e alunos da rede pública de Fortaleza, em aulas de inglês ministradas em português. A pesquisadora considerou o contexto instrucional de sala de aula para observar o fenômeno deôntico. Devido o professor estar em uma posição de poder, foi ele o maior produtor de enunciados que interferem na conduta, contudo, por mais que isso pudesse indicar autoritarismo, marcas de atenuação discursivas, como *por favor*, amenizaram, em sua maioria, a força ilocucionária das situações analisadas.

Essa atenuação da força semântica presente no contexto escolar para diminuir a assimetria existente entre professor e alunos é um traço que se fará presente na fala das personagens de *O Conto da Aia*, principalmente dada a chancela de cunho religioso em que a autoridade é exercida, acreditando que deva haver a intencionalidade de demarcar diferença entre classes no ambiente de Gilead⁴.

Outro trabalho atrelado aos estudos sobre modalidade deôntica é o de Oliveira (2016), que analisa o discurso médico representado na série televisiva *Dr. House*, visando

⁴ Importante ressaltar que nos atentaremos à ocorrência de outros alvos deônticos aplicados além das Aias, mas que é parte das nossas hipóteses que as Aias devam ser mais afetadas com a ocorrência de obrigações e proibições por não terem poder decisório na sociedade distópica da série.

verificar como a imagem da conduta do profissional de medicina aparece retratada na mídia, se é fator para transformação ou assevera uma imagem já construída socialmente. Esse último estudo se aproxima mais do nosso projeto, ao fazer uma análise descritiva linguística aplicada a uma série de TV. Todavia, além do material de análise e o objetivo diferirem, raramente se observa estudos que explorem séries de TV e modalidade deôntica, sendo nosso estudo uma forma de ampliar e dar mais contribuição às discussões. Vale ainda destacar que Oliveira (2016) empreende análise da série *Dr. House* em língua inglesa; enquanto nossa proposta toma como foco a língua portuguesa.

Lopes (2019), por sua vez, centra-se nas categorias orientadas para o agente e para o falante, de modo a examinar suas manifestações na peça teatral *The Glass Menagerie*, de Tennessee Williams. A autora traz uma nova roupagem aos valores deônticos, categorizando-os como funções modais (de procedimento, de ordem, de instrução, de permissão, de proibição, de concessão, de habilidade, entre outras), entendidos nesse estudo como “circunstâncias de uso que compreendem obrigações e deveres” (Lopes, 2019, p. 1198). Nesse contexto, a pesquisadora amplia as possibilidades de descrição da modalidade.

Atrelando preceitos da modalidade deôntica ao ensino da língua espanhola, Oliveira (2021) trabalha com editoriais usando preceitos de análise e descrição da língua para dar mais subsídios para interpretação seja de alunos ou de professores. Muito embora foque na abordagem da Gramática Discursivo-Funcional, portando utilizando aspectos analíticos diferentes da nossa abordagem (animacidade, por exemplo), esse estudo nos auxilia na análise valores e meios de manifestação deônticos em fragmentos linguísticos.

Pires Neto e Prata (2023), por sua vez, fazem aplicação da perspectiva pragmalinguística para analisar o valor de obrigação atrelado à perífrase “*haber que + infinitivo*” em postagens no *Twitter*. Esse trabalho é relevante, pois utiliza a perspectiva que aplicaremos na nossa análise, a pragmalinguística.

Também fazendo uso da pragmalinguística, Prata e Fuentes Rodríguez (no prelo), aborda o verbo deôntico em espanhol “deber” em condicional em ocorrência nas redes sociais. Esse trabalho nos auxilia, principalmente, na definição de categorias para a análise de nosso *corpus*, visto que há diferentes aspectos observados, sejam nos níveis ou nos planos propostos pela pragmalinguística.

Frente aos trabalhos citados, enfatizamos que, deter-nos-emos à proposta de Fuentes Rodríguez (2017), posto que esta é uma perspectiva que relaciona intrinsecamente gramática e discurso e que compreende existir uma estruturação linguística que está tanto ao nível oracional como discursivo. Para tanto, divide sua análise em 3 níveis: o superestrutural, o

macroestrutural e o microestrutural. Além disso, o contexto possui relevância dentro dessa abordagem, uma vez que é entendido como motivador das construções linguísticas e, assim sendo, ele passa a ser agregado de forma mais enfática na análise.

No primeiro, a descrição volta-se para a observação da língua por meio de componentes morfossintáticos. Isso significa dizer que a oração é a estrutura máxima da microestrutura, sendo tida como estrutura formal. Todavia, é por meio da realização de orações em contexto discursivo que se ocorre a comunicação, logo, Fuentes Rodrigues (2017) acresce a sua gramática a pragmática como perspectiva, implicando analisar o discurso condicionados por contexto e a relação entre os participantes.

Sendo assim, para esta perspectiva, a pragmática é tida como parte integrante dos estudos e auxilia na realização de um estudo mais geral da manifestação dos fenômenos linguísticos num contexto de uso. Dessa forma, condiciona a análise nos outros dois níveis, o da macroestrutura e superestrutura, nos quais o texto é unidade máxima de realização discursiva e o enunciado, a mínima.

Com essa abordagem, Fuentes Rodríguez (2017) combina preceitos sintáticos, morfológicos, discursivos e textuais para se observar a manifestação linguística de maneira mais ampla. Valer-nos-emos assim dessa perspectiva teórica para flagrar o fenômeno modal pela perspectiva da linguística pragmática, expandindo desde sua aplicação teórica até a utilização de tais preceitos em materiais em língua portuguesa.

É válido destacar que ainda é escassa a quantidade de trabalho que aplicam preceitos da pragmalinguística ao português. Dessa forma, nosso trabalho vem agregar quanto à aplicação e descrição do fenômeno modal ancorado nessa teoria proposta por Fuentes Rodríguez (2017).

Frente ao exposto, temos o seguinte problema como norteador de nossa investigação: Como as expressões linguísticas que perpassam pelo eixo da conduta instauram um discurso autoritário da série *O Conto da Aia*?

No que tange aos diferentes níveis de análise proposto pela Pragmalinguística, fazemos as seguintes questões de pesquisa: 1. No contexto situacional, a transformação de um Estado democrático para um totalitário - condiciona a manifestação linguística da modalidade deôntica na série *O Conto da Aia*?; 2. Existe predominância de alguma sequência textual nas manifestações linguísticas de cunho deôntico?; 3. Quais personagens-fonte mais proferem enunciados deônticos e sobre quem mais recai instruções que afetam a conduta na série *O Conto da Aia*?; 4. Quais valores deônticos são flagrados com mais frequência na série *O Conto da Aia*?; 5. Por quais meios de expressão, no nível da microestrutura, a modalidade deôntica se

manifesta na série *O Conto da Aia*? 6. Há predominância de algum tempo verbal quando se manifesta a modalidade deôntica na série *O Conto da Aia*? 7. Algum tipo frasal é mais frequente quando manifesta a modalidade deôntica em *O Conto da Aia*? 8. São mais comuns frases simples ou complexas na série *O Conto da Aia*?

Nossa hipótese básica é que o contexto autoritário da série condicionará as expressões linguísticas a operarem com valores deônticos de alta força ilocucionária, como ordens e proibições.

Em se tratando das hipóteses secundárias, supomos que: 1. as mulheres se expressam utilizando mais modalidade deôntica em seus enunciados, no período de antes de Gilead; enquanto durante Gilead elas passam a receber mais imposições, principalmente as que se tornam Aias; 2. a sequência instrucional, por possuir caráter mais instrutivo, deverá ser a mais preponderante para manifestação deôntica; 3. os Comandantes e as Esposas devem ser os personagens que mais fazem imposições, enquanto as Aias serão o alvo majoritário dos valores deônticos instaurados; 4. as expressões atreladas ao ato de obrigar serão mais preponderantes na série, principalmente quando adereçadas às Aias, uma vez que elas estão hierarquicamente na base do poder; 5. os verbos plenos no modo imperativo serão mais frequentes, tendo em vista o imperativo como forma mais gramaticalizada da modalidade deôntica; 6. os verbos no tempo presente serão os mais frequentes, visto que, ao indicar um comando, espera-se seu cumprimento imediato; 7. frases imperativas terão predominância, dado que o fato de ordenar está intimamente atrelado à modalidade deôntica; 8. as frases simples serão mais comuns, pois ordens são mais diretas e não precisam de enunciados com muitas informações acumuladas.

Quanto à organização deste trabalho, dividi-lo-emos em 6 capítulos. O primeiro é a Introdução, onde são apresentados os objetivos, que dizem respeito à análise da manifestação da modalidade deôntica nas legendas na série *O Conto da Aia* tendo em conta a abordagem da Pragmalinguística (Fuentes Rodríguez, 2017). Além disso, é ainda nessa seção da dissertação que são apresentados alguns trabalhos que já estudaram a modalidade deôntica, assim como a justificativa da relevância desta pesquisa.

No segundo capítulo, deter-nos-emos em discutir os preceitos da teoria base do nosso estudo, a Pragmalinguística. Dessa forma, descrevemos sua organização modular, caracterizando os níveis da superestrutura, macroestrutura e microestrutura. Além disso, centramos atenção nas características da modalidade deôntica (do plano modal, especificamente), fenômeno linguístico basilar de nossa análise.

O terceiro capítulo é dedicado à *Metodologia*, apresentando a constituição do *corpus* de pesquisa, assim como as variantes que analisaremos para observar a modalidade

deôntica nas legendas da série *O Conto da Aia* tendo em vista aspectos contextuais e os níveis superestrutural, macroestrutural e microestrutural da Pragmalinguística.

O quarto capítulo busca mostrar os resultados da análise da modalidade deôntica no nosso *corpus*. Para tanto será feita uma análise qualitativa, buscando demonstrar por quais meios a modalidade deôntica é expressa, quem instaura, para quem é direcionada e os valores mais recorrentes.

As duas últimas secções são constituídas pelas Conclusões e as Referências bibliográficas.

2 PRAGMALINGUÍSTICA E MODALIDADE DEÔNTICA

Nesta seção, expomos as bases da abordagem da Pragmalinguística. Em um segundo momento, deter-nos-emos nos conceitos de modalidade, delimitando algumas divisões existentes para alguns teóricos e, em especial, na deôntica e sua expressão em língua portuguesa.

2.1 Pragmalinguística

Os estudos da língua em uso, que são intitulados funcionais, possuem diversas vertentes e formas de abordagem. Dentre essas, podemos citar a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie, 2008), a qual visa explicar os fenômenos da língua tendo em vista um modelo *top-down*, que supõe que as intencionalidades do falante são codificadas e processadas atentando-se à interação verbal.

Muito embora o modelo preveja que o Componente Contextual influencie nas intencionalidades que serão codificadas, não é foco uma descrição contextual, aparecendo nas análises apenas quando há uma interferência sistêmica sobre o linguístico. Isso implica dizer que, apesar de considerar que a pragmática comande a semântica e estas duas comandem a morfossintaxe e a fonologia, por se tratar de uma organização modular e hierárquica, o fator discursivo não é amplamente explorado na Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld e Mackenzie, 2008).

A Pragmalinguística, por sua vez, tem como prerrogativa analítica a importância contextual na explanação dos fenômenos de uma língua, sustentando que os agentes, fatores sócio-históricos, culturais e até psicológicos (Fuentes Rodríguez, 2017, p. 40) interferem nas ilocuções e, assim, devem ser observados com maior afinco. Dessa forma, essa abordagem coloca o contexto como fator de direta influência sobre a expressão linguística, não o pondo em segundo plano em sua análise. No caso do nosso objeto de estudo, acreditamos que o contexto opressor e de hierarquias bem delimitadas presente na série seja motivador de construções linguísticas que enfatizem poder, moldando o uso da modalidade deôntica.

Nessa abordagem, o discurso⁵ é a unidade máxima da comunicação, devendo ser observado em contexto comunicativo, pois é nesse ambiente que ele ocorre e é atualizado. Isso implica dizer que a análise linguística seria muito mais próxima à da fala, ou, nos termos de

⁵ Para Fuentes Rodríguez (2017b), o discurso está no nível acima do oracional, podendo ser definido como toda comunicação contextualizada. Essa utilização de estruturas linguísticas para comunicação também possui uma organização, por esse motivo, a autora propõe uma gramática que leve em conta aspectos da pragmática e do texto.

Saussure, a *parole* (Pérez Béjar, 2018, p. 57). É notório, então, que as abordagens que privilegiam a oração como unidade máxima de análise, ou que descartem a noção de contexto para a explicação de fenômenos linguísticos, acabem por encontrarem restrições em suas investigações.

Fuentes Rodríguez (2017) se baseia na proposta de análise modular de Filliettaz e Roulet (2002), que visa explicar os variados fatores que interferem na manifestação discursiva, independente do gênero ou forma de materialização, oral ou escrita.

Para tanto, os autores sugerem uma proposta modular, a qual se estratifica em três âmbitos: linguístico, textual e situacional. Fuentes Rodríguez (2017) adota essa visão, contudo, acrescenta algumas observações em relação à proposta de Filliettaz e Roulet (2002):

a) a falta de rentabilidade, já que as informações relevantes surgem apenas da interação entre módulos;

b) a organização em módulos serve como aspecto de observação teóricos, mas que, na prática, só funcionam inter-relacionados;

c) a maior unidade linguística (oração) seria a menor unidade discursiva (enunciado), porém, há casos nos quais a manifestação de um sintagma, também pode ser a manifestação total de um discurso (Ex.: Socorro!). A visão separada entre linguístico e discursivo, para Fuentes Rodríguez (2017), não procede, já que tudo é circunscrito pela língua;

d) o nível textual é visto como parte da análise pragmática e não a linguística, Fuentes entende que nos níveis mais altos há unidades específicas e marcas que devem ser descritas.

Esta forma de observação difere de abordagens de níveis como a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), pois, enquanto nessa perspectiva é possível observar aspectos interpessoais, representacionais e morfossintáticos separadamente, na de módulos eles agem integradamente de tal maneira que um fenômeno discursivo afeta diferentes camadas de uma única vez. Desta forma, a perspectiva de Fuentes Rodríguez (2017) nos auxiliará a observar a modalidade deôntica tendo um enfoque descritivo integrado a fatores de ordem discursiva.

Tendo como foco a descrição dos componentes internos da língua associados com os elementos externos, a pragmática é entendida muito mais como uma perspectiva (Fuentes Rodríguez, 2017). Sendo assim, a nossa pesquisa, que visa observar a modalidade deôntica, entende que a manifestação modal, assim como outros fenômenos, deve ser acessada por elementos estruturais e contextuais integradamente. Nessa abordagem, o texto é a unidade linguística máxima que possui uma inter-relação com o contexto, sofrendo influências e o cifrando.

No contexto em que propomos avaliar a manifestação deôntica, a série *O Conto da Aia*, entendemos que o ambiente opressor, que se faz presente na produção, seja motivador para que construções modais sejam mais incisivas. Isso acontece, pois se leva em conta a conjuntura social, temporal, política e cultural da série.

O sistema modular faz-se relevante, uma vez que, sendo a língua um fenômeno complexo, sua estrutura possui várias dimensões de realização. O mesmo sistema também é entendido como heterárquico, isto é, não há a centralidade de um módulo sobre outro, mas, antes, o funcionamento linguístico, dentro dessa prerrogativa, é compreendido pela interdependência dos módulos e, a depender do que se é observado, dimensões linguísticas diferentes irão agir de maneira preponderante, para se atingir os objetivos comunicativos que melhor cabem à situação. Seria dizer, segundo Fuentes Rodríguez (2000, p. 30):

Adotar uma aproximação modular da interação verbal é propor como hipótese que as propriedades desta surgem de domínios diferentes, caracterizados por sistemas de conhecimento independentes, mas em inter-relação constante. (Fuentes Rodríguez, 2000, tradução nossa)⁶

Dentre algumas ressalvas que Fuentes Rodríguez (2017) faz à proposta de Roulet (1998), está que, este autor delimita que o linguístico está atrelado ao domínio oracional, e o que concerne ao discurso estaria ao nível pragmático. Por sua vez, para ela, seria inviável explicar a comunicação sem ter em conta o uso. Dito de outra maneira, avaliar a competência linguística de um falante é observar a sua capacidade de produzir orações que sejam utilizáveis em contextos e com intenções determinadas. É, pois, imprescindível que os planos oracionais e discursivos sejam observados integradamente:

Não entendo que haja uma organização sintática em unidades (orações, sintagmas, palavras...) e outra no nível discursivo que seja “textual” (ato de discurso ou enunciado, intercâmbio...). O texto começa no enunciado? E os sintagmas não compõem o texto? É uma necessidade integrar ambos para propor uma organização discursiva total, desde o mínimo ao máximo componente. O que está na base desta separação é o preconceito de distinção Pragmática/ Gramática que não nos deixa avançar na teoria. (Fuentes Rodríguez, 2000, p. 22, tradução nossa)⁷

⁶ “Adoptar una aproximación modular de la interacción verbal es proponer como hipótesis que las propiedades de esta surgen de dominios diferentes, caracterizados por sistemas de conocimiento independientes, pero en interrelación constante.” (Fuentes Rodríguez, 2000, p.30)

⁷ “No entiendo que haya una organización sintáctica en unidades (oraciones, sintagmas, palabras...) y otra en el nivel discursivo que sea “textual” (acto de discurso o enunciado, intercambio...). ¿Es que el texto comienza en el enunciado? Y los sintagmas, ¿no componen el texto? Es una necesidad el integrar ambos para proponer una organización discursiva total, desde el mínimo al máximo componente. Lo que está en la base de esta separación es el prejuicio de distinción Pragmática / Gramática que no nos deja avanzar en la teoría.” (Fuentes Rodríguez 2000, p. 22)

Logo, o que a autora defende é a interdependência entre a gramática e a pragmática, isto é, que se parte das unidades estruturais para formar orações, mas que, para surgir o texto (unidade máxima comunicativa), é necessário ter em conta o uso. Sendo assim, a análise linguística está condicionada a pressões que superam o nível oracional.

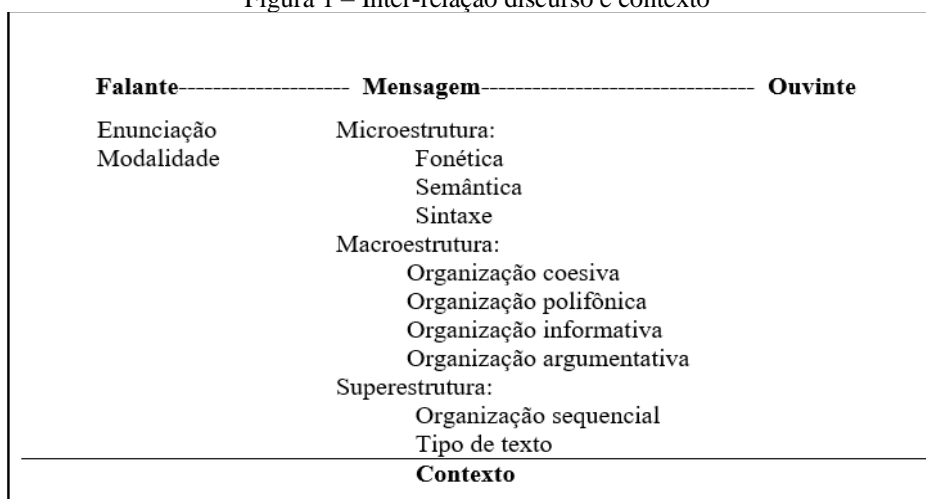
Tendo isso em vista, assim como Fuentes Rodríguez (2017), outros autores discutem a importância de se considerar o uso, e, para eles, a pragmática surge como uma perspectiva, é o caso de Pérez Béjar (2018, p. 69):

[...] resulta a única maneira rentável de entender que cada elemento linguístico está determinado por seu uso. Portanto, entender a pragmática como uma “perspectiva” ou um “enfoque” ajuda que as considerações desse âmbito sejam válidas na sistematização de fenômenos tanto por debaixo como por cima da estrutura oracional. (tradução nossa)⁸

Como consequência, a organização proposta pode, então, englobar aspectos que dão a possibilidade de explorar textos variados. Da mesma maneira que, com o entendimento que as unidades de análise variam de tamanho, a aplicação dos preceitos pode se dar tanto em textos extensos como em frase curtas.

Na abordagem da Pragmalinguística, o discurso é visto em diferentes níveis que organizam o texto. Dessa forma, Fuentes Rodríguez (2017), baseando-se em Van Dijk (1992), subdivide o discurso em: superestrutura, macroestrutura e microestrutura. Para a autora, uma vez que a língua é multidimensional, sua análise deve assim também ser.

Figura 1 – Inter-relação discurso e contexto



Fonte: Fuentes Rodríguez (2009, p. 68, tradução nossa).

⁸ “[...] resulta la única forma rentable de entender que cada elemento lingüístico está determinado por su uso. Por tanto, entender la pragmática como una “perspectiva” o un “enfoque” ayuda a que las consideraciones de este ámbito sean válidas en la sistematización de fenómenos tanto por debajo como por encima de la estructura oracional.” (Pérez Béjar, 2018, p. 69)

Na Figura 1, notamos o contexto como fator que influencia a interação verbal entre falante e ouvinte. Essa interação é entrelaçada pelos vários aspectos dos diferentes níveis, desde a semântica, morfossintaxe e fonologia, pertencentes à microestrutura, até a organização discursiva e textual nos níveis tidos como pragmáticos, macroestrutura e superestrutura. Buscaremos, a seguir, descrever o contexto da série *O Conto da Aia* e os três níveis propostos dentro da Pragmalinguística.

2.1.1 Contexto

Após o mundo enfrentar diversos problemas como altos índices de radiação, escassez de comida e infertilidade, fundamentalistas religiosos aplicam um Golpe de Estado no então Estados Unidos, para promover uma nova ordem. Para eles, diversas dessas adversidades seriam atreladas a questões morais, sendo a liberdade feminina tida como uma das principais causas (Nascimento, 2019).

Dessa maneira, a República de Gilead, país que se forma após o golpe, cria uma sociedade de casta, na qual a distinção de gênero e poder é bem delimitada⁹. Cada grupo possui uma função e as cores das vestimentas ajudam nessa marcação¹⁰. Desse modo, as mulheres que podem ter filhos são alocadas nas casas de poderosos para servirem de servas para procriação, sendo chamadas de Aias (usam roupas vermelhas). As Marthas, empregadas que ajudam nos serviços domésticos, usam verde claro. As Tias (roupas marrons), funcionárias do Governo, encarregadas de treinarem as mulheres férteis a serem Aias, podendo as punir. As Esposas, são casadas com os Comandantes, possuindo prestígio social e poder de mando sobre as mulheres abaixo de sua posição (Tias, Marthas e Aias).

Na organização masculina, as cores tendem a serem mais uniformes, em geral preta, e a principal posição de prestígio é a de Comandante. Essa figura é geralmente advinda de classes abastadas.

Cabe ressaltar que, muitas atividades outrora comuns às mulheres, passam a ser proibidas totalmente. Um exemplo é a proibição de ler ou participar da vida política. No caso das Aias, que estão na base social, sua única função é ter filhos para os Comandantes. Assim sendo, elas perdem não apenas poder político, mas também seu direito de ser. São renomeadas baseadas no Comandante da casa em que estão e, após terem as crianças, são obrigadas a darem para as Esposas. Elas não são consideradas pessoas, e, logo, não são mãe biológicas para reclamarem pertencimento em relação aos bebês, conforme Nascimento (2019).

⁹ No apêndice A, encontramos as sinopses dos 10 episódios da primeira temporada, extraídas da Globoplay.

¹⁰ O Apêndice B apresenta o desenho social da República de Gilead.

É nesse ambiente opressor e de estabelecimento de normas morais rígidas, que a série se ambienta e é importante o conhecer para que se compreenda de maneira mais global as relações de poder entre os indivíduos que resvalam nas suas enunciações.

Tendo explorado, dessa forma, os aspectos contextuais, vejamos como essa organização extralinguística se relaciona com o linguístico dentro da perspectiva da Pragmalinguística. Começamos, pois, com o nível da Superestrutura.

2.1.2 Superestrutura

A superestrutura diz respeito aos aspectos textuais, intertextualidade e tipos de textos vinculados aos diferentes discursos (Fuentes, 2017). Dessa forma, na superestrutura, é observada qual sequência textual é predominante a depender da intenção dos falantes, sendo elas: (i) expositiva (é a caracterização de algo), (ii) narrativa (o objetivo é contar algo) ou (iii) instrucional (visa passar comandos, condiciona o ouvinte a fazer algo), conforme Fuentes Rodríguez (2017). Utilizaremos a divisão de sequências textuais como categoria da superestrutura, tentando descobrir qual predomina quando há realização de modalidade deôntica na série *O Conto da Aia*.

Da mesma forma, é importante compreender as delimitações que caracterizam os diferentes discursos, ou seja, os tipos discursivos que permeiam os textos. Essa organização interfere conseqüentemente na estruturação dos demais níveis discursivos, o macroestrutural e o microestrutural

É crucial entendermos a caracterização do discurso autoritário, dado que, em nosso trabalho, buscamos compreender sua relação com a modalidade deôntica. Orlandi (1987a) argumenta que o processo constitutivo do discurso se dá de forma intersubjetiva, ou seja, a interação entre falante e ouvinte é fundamental sua produção. Sendo os sujeitos do discurso envolvidos em um contexto, o fator social influencia na tensão entre os participantes discursivos. De acordo com a autora: “Há tensão entre texto e contexto (social, histórico-social). Há tensão entre interlocutores (1987a, p. 151)”. Fica claro, assim, que o extralinguístico e o linguístico se tencionam e, assim sendo, há tipos discursivos que se manifestam conforme o contexto, a intensão do falante e a recepção do ouvinte.

Para estabelecer uma tipologia discursiva, Orlandi (1987a) faz uma contraposição entre interação, ou seja, a disputa entre os interlocutores pela dominação ou não entre si; e a polissemia, que a partir da relação estabelecida entre seus integrantes, o discurso se abre a aspectos polissêmicos ou fica mais restrito.

Sendo assim, a autora categoriza o discurso em três grandes categorias:

Discurso lúdico: é aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*.

Discurso polêmico: é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria.

Discurso autoritário: é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando. (p. 154)

A descrição de discurso autoritário nos interessa, uma vez que objetivamos observar como sua ocorrência está presente em *O Conto da Aia*. Fica marcado que o autoritarismo é marcado pela assimetria entre os integrantes do discurso, sendo que na tensão entre eles, o falante é o portador de ordens. O contexto, não obstante, é o fator validador da diferença entre os participantes.

Outro autor que nos auxilia na compreensão da língua como instrumento de dominação, e, portanto, como meio de expressão do autoritarismo, é Bourdieu (2007). Em seus estudos, ele teoriza sobre o poder simbólico que é um tipo de autoridade a qual é legitimada pela sociedade, vista como natural. Sendo assim, a imposição de normas, de ritos, de valor sobre o que é tido como bom ou ruim ditados por um grupo social no poder é uma forma de exercer o poder simbólico.

Não obstante, sendo a língua um meio de interação social, é possível perceber as relações de poder instituídas nela. Palavras de baixo calão ou prestigiosas são atribuídas a grupos e contextos específicos (Fuentes Rodríguez, 2011). Na série em questão, vemos que, por meio da palavra, criam-se castas (Aias, Comandantes, Esposas...), que fazem com que determinadas posições fiquem sujeitadas a obedecerem, e, portanto, sofram consequências caso se expressem livremente; e outras, usem a língua não só para se manifestar como também para imperar sobre outros.

Frente à delimitação de aspectos da superestrutura, examinaremos, em seguida, o nível subsequente na organização modular da Pragmalinguística, a macroestrutura.

2.1.3 Macroestrutura

No que concerne à macroestrutura, vale destacar que seus componentes, conforme Fuentes Rodríguez (2017), dão conta de diferentes nuances do discurso. O enunciado seria equivalente a um ato ou ato discursivo, a depender da teoria; intervenção e intercâmbio são cunhados das teorias da conversação; o parágrafo é concebido a partir do tema do texto, e a sequência é o modelo de cada tipo textual, de acordo com Pérez Béjar (2018).

A respeito da organização estrutural dos elementos da macrosintaxe, pode-se dizer que são formados por núcleo e elementos periféricos. Pérez Béjar (2018) argumenta que este arranjo suscita o conceito de enunciação, que seria dizer algo e mostrar o posicionamento do falante em relação ao que foi falado. Assim, o núcleo poderia ser encarado como o que é dito (*dictum*) e traços que expressam a subjetividade do falante (*modus*), já os elementos que estariam na periferia seriam os operadores, que se atrelam ao *modus*, e os conectores, que vincula os enunciados.

Tendo em conta o enunciado como unidade comunicativa, Fuentes Rodríguez (2017b) afere quatro planos para que se possa apreender a construção discursiva:

- plano enunciativo (o dizer do falante): mostra a este como construtor da enunciação e qualifica, assim como determina o grau de responsabilidade e implicação do falante em um discurso e sua distinção de papéis de locutor e enunciador;
- plano modal: mostra a atitude subjetiva do falante
[...]
- plano informativo: o falante dispõe a informação segundo o grau de conhecimento que tem do ouvinte dela (novo/dado) ou a necessidade de relevância que quer dá-la (focalização);
- plano argumentativo: se ocupa de como o falante busca convencer ao ouvinte de sua tese. Este plano é, em ocasiões, aquele ao qual os demais estão subordinados, já que a dimensão argumentativa domina tipos discursivos diversos e pode ser a razão de utilizar marcas modais e enunciativas. (p. 11)¹¹

Isto é dizer que, para se concretizar o discurso, são ativados diferentes módulos, e conseqüentemente, nossas análises devem considerá-los. Outro fator importante sobre os níveis é que eles não são totalmente independentes, ou seja, eles se inter-relacionam e podem interferir uns nos outros.

Sendo os agentes comunicativos essenciais nesse nível, as atitudes deles influenciam na organização macroestrutural dos planos: o enunciativo e o modal, indicam o posicionamento dos falantes frente ao seu enunciado; e o informativo e o argumentativo, levam em conta o que o ouvinte sabe e quais são as estratégias utilizadas pelo falante para convencer o ouvinte.

¹¹ “- plano enunciativo (el decir del hablante): muestra a este como constructor de la enunciación y la califica, así como determina el grado de responsabilidad e implicación del hablante en su discurso y su distinción de los roles de locutor y enunciador

- plano modal: muestra la actitud subjetiva del hablante.

[...]

- plano informativo: el hablante dispone la información según el grado de conocimiento que tiene el oyente de ella (nuevo-conocido) o la necesidad de relevancia que quiere darle (focalización)

- plano argumentativo: se ocupa de cómo busca el hablante convencer al oyente de sus tesis. Este plano es, en ocasiones, aquel al que está supeditado todo, ya que la dimensión argumentativa domina tipos discursivos diversos y puede ser la razón de utilizar marcas modales o enunciativas.”

Deter-nos-emos agora a compreender a conformação dos planos que compõe a macroestrutura.

2.1.3.1 Plano enunciativo

Conforme Fuentes Rodríguez (2014), enunciar corresponde à junção entre emitir marcas de subjetividade a expressar uma informação. Logo, a figura do locutor se faz relevante, já que este aparece no ato enunciativo. Para a autora, a enunciação seria uma atividade subjetiva do falante, pois existem deferentes traços linguísticos codificados que revelam pessoalidade, a exemplo os traços de (in)certeza que se vinculam à modalidade epistêmica.

Este plano também tem o caráter metalinguístico, ou seja, é a dimensão capaz de fazer referência a própria língua. Este ato não seria necessariamente problematizar a organização ou categorização de uma língua de forma explícita, mas também seria pensar inconscientemente. Tais processos levariam a, por exemplo, reformulação de fala para tornar o discurso mais claro ou preciso (Pérez Béjar, 2018, p. 93).

Outro aspecto atrelado a este plano, de acordo com Pérez Béjar (2018), é a polifonia, que diz respeito às diversas vozes que interferem no discurso. Este fenômeno está associado a fazer referência a terceiros que não estão diretamente envolvidos no ato discursivo, seja para demonstrar a autoridade de alguém ou algo e/ou não se comprometer com o dito.

Uma vez que, ao se comunicar, o falante busca que seu ouvinte o compreenda, ele faz um esforço cognitivo, seja conscientemente, usando metalinguagem, ou inconsciente, epilinguagem, para estruturar sua mensagem. Desta forma, o plano enunciativo comporta estratégias que dão ordenação ao discurso, que buscam dar clareza ao que é dito, que adjetivam a forma de enunciar, que corrijam ou reforcem o dito, e que referenciam outras vozes.

2.1.3.2 Plano modal

Este plano está conectado com o enunciativo, já que a modalidade diz respeito ao posicionamento do falante frente à afirmação. Vale também destacar que este é o plano focal do nosso trabalho, mas que, como já mencionado, funciona inter-relacionado com demais planos e devem ser vistos em conjunto.

Pérez Béjar (2018) aponta alguns meios linguísticos que mais frequentemente estão mais vinculados à modalidade: modo verbal, tipos oracionais (declarativos, exortativos, interrogativos, etc.), entonação, operadores discursivos.

Um aspecto de suma relevância é que, para a Pragmalinguística, a modalidade epistêmica está voltada ao plano enunciativo, enquanto, por outro lado, a deôntica está para o plano modal:

[...] a modalidade epistêmica, concernente ao “saber” (pelo visto, aparentemente, claro..., ou segundo afete à modalidade deôntica, referida à obrigação, à permissão, ao volitivo ou ao afetivo (obrigatoriamente, afortunadamente, surpreendentemente, infelizmente...) (cf. Palmer 1986; cf. Portolés 1993; cf. Martín Zorraquino y Portolés Lázaro 1999). Este segundo tipo é o que nós consideramos propriamente modais, já que o primeiro, pertence, desde do nosso ponto de vista, ao plano enunciativo. (Pérez Béjar, 2018, p. 102, tradução nossa).¹²

Vale reforçar que Fuentes Rodríguez (2017) enfatiza que os operadores modais incidem sobre o conteúdo proposicional, estando, assim, na periferia do enunciado. Sua interferência, portanto, não é apenas sobre um integrante do complexo frasal, mas sobre todo ele. A autora acrescenta, ainda, que as modalidades linguísticas podem coexistir em um mesmo enunciado. Todavia, para Fuentes Rodríguez (1996), por vezes, há manifestação de modalidade também dentro do *dictum*, como é o caso dos verbos modais, estando dentro da sintaxe da oração, tida como núcleo duro.

2.1.3.3 Plano informativo

Este plano centra-se no ouvinte, pois, ao informar, o falante leva em consideração não apenas o que ele quer dizer, mas o que o ouvinte sabe ou não sobre a informação. É por meio dessa habilidade que se é organizado o conteúdo expresso linguisticamente.

Seria, pois, esta a organização da mensagem pelo falante tendo em conta suas intencionalidade para se atingir determinados propósitos comunicativos, e para isso, ele toma com consideração o seu ouvinte. Frente a isso, aspectos relacionados a organização da mensagem são cruciais dentro deste plano, tais como a ordem dos elementos da oração: tema, rema, tópico e foco.

Para nosso estudo, contudo, não consideraremos esses aspectos como categorias de análise, pois, no nosso entendimento não seriam produtivos para a explicação da modalidade como expressão do autoritarismo.

¹² “[...] la modalidad epistémica, concerniente al ‘saber’ (por lo visto, aparentemente, claro...), o según afecte a la modalidad deôntica, referida a la obligación, al permiso, a lo volitivo o a lo afectivo (obligatoriamente, afortunadamente, sorprendentemente, por desgracia...) (cfr. Palmer 1986; cfr. Portolés 1993; cfr. Martín Zorraquino y Portolés Lázaro 1999). Este segundo tipo es el que nosotros consideramos propriamente modales, ya que el primero pertenece, desde nuestro punto de vista, al plano enunciativo. (Pérez Béjar, 2018, p. 102)

2.1.3.4 Plano argumentativo

Argumentar está correlacionado com o ato comunicativo, no qual o falante busca convencer seu ouvinte a agir de alguma forma ao persuadi-lo com sua ideia (Pérez Béjar, 2018). Seria, assim, estruturar a comunicação considerando os propósitos que o falante quer atingir sobre o seu ouvinte.

Para Escandell Vidal (2013), haveria duas maneiras de lidar com a argumentação, uma que se volta a observar os recursos linguísticos que permitem caracterizar os textos como argumentativos, e outra, como organização mental na qual os argumentos são estruturados até chegar-se a uma conclusão. Este segundo processo, então, teria um aspecto de ordem muito mais cognitiva e lógica.

Na avaliação de Anscombre e Ducrot (1983), todo enunciado tem o objetivo de comunicar algo o qual espera-se que o receptor o aceite. Sendo assim, todo enunciado seria composto pela argumentação. Baseados nessa proposição, os autores defendem uma sequência de enunciados-argumentos e enunciados-conclusões, que possuem como características:

1) a orientação argumentativa: os enunciados se organizam de maneira a argumentar para se chegar a um determinado objetivo ou fazem o movimento de contra-argumentá-la;

2) a força argumentativa: há uma desproporcionalidade entre os argumentos que se direcionam a uma conclusão. Isso é dizer que, alguns elementos linguísticos como conjunções podem intensificar ou atenuar um enunciado, gerando uma gradação;

3) a suficiência argumentativa: diz respeito às marcas linguísticas que demonstram se o argumento pode ser suficiente, mesmo tendo baixa força argumentativa. Um exemplo seria o “ao menos” que demonstra aceitabilidade do locutor frente a um argumento, mesmo sabendo que ele não é capaz de “vencer” por meio da força ilocutiva.

Pérez Béjar (2018) destaca que a argumentação como categoria que afeta o discurso pode interferir nos diferentes níveis da língua, ou seja, na superestrutura e na macroestrutura.

Essas características nos auxiliam no entendimento de que, na interação entre interlocutores, a intencionalidade permeia toda a manifestação linguística. Tendo em vista nosso material de análise e o próprio uso da modalidade, acreditamos que esses aspectos argumentativos ajudam a reforçar o poder de grupos no comando, assujeitando outros a uma posição de submissão, em especial as Aias.

Na superestrutura, é possível observar o texto como intento de persuadir alguém. Na macroestrutura, a organização que toma os argumentos em consideração até se chegar a um objetivo.

Fica claro o caráter heterárquico da proposta de Fuentes Rodríguez (2017) no qual os argumentos conformados na macroestrutura dão finalidade persuasiva ao texto na superestrutura. Da mesma forma que um texto motiva construções argumentativas específicas.

Dentro da Pragmalingüística, a argumentação é um fenômeno que pode ocorrer em qualquer texto, não necessariamente levando-o a uma tipologia do tipo “texto argumentativo”. Seria dizer que, mesmo em um texto com predominância narrativa, por exemplo, pode haver porções que buscam convencer um outrem sobre um ponto de vista. Todavia, é válido salientar que nem todo texto objetiva persuadir; podem ocorrer casos em que a função básica seja informar, por exemplo (Fuentes Rodríguez, 2017). No nosso caso de estudo, a série *O Conto da Aia* em si é uma narrativa, mas existem momentos os quais os personagens são instruídos a seguir determinados preceitos ou a aceitar o que um falante diz.

Considerando que a argumentação preconiza o convencimento de um alvo ou, em contextos autoritários, os quais o substrato sociopolítico chancela determinadas falas e ações, características atreladas à polidez linguística, tais como cortesia e descortesia, devem ser observadas.

a) Cortesia e descortesia

Outro aspecto atrelado ao nível da macroestrutura é a (des)cortesia, uma vez que essa estratégia discursiva é de suma relevância para se entender a dinâmica linguística estabelecida entre os participantes de uma situação. A manifestação da (des)cortesia é influenciada por diferentes fatores sócio-históricos e culturais, assim como interfere nas situações sociais, podendo gerar conflitos ou aliviá-los (Fuentes Rodríguez, 2017a; 2020; 2022). Seu uso é condicionado, assim, pelo conhecimento do falante em relação ao contexto discursivo de uso, suas intenções e características individuais de polidez¹³.

Outro atributo da (des)cortesia é que ela possui aspecto interacional, implicando que se supõe uma relação enunciadador-enunciatário, sendo o texto condicionado pelo uso, o que reforça que sua análise deva ter caráter pragmático. A partir da relação interpessoal e contexto,

¹³ Planejamos estabelecer critérios para caracterização linguística de (des)cortesia de maneira a auxiliar na nossa análise qualitativa nos próximos passos da nossa pesquisa.

é possível compreender o que é apropriado ou não. Em outras palavras, assim como aponta Fuentes Rodríguez (2017):

Ou seja, não existe conduta cortês ou descortês por si só, mas há uma avaliação que se aplica à conduta, dependendo se é socialmente apropriada ou não. (Fuentes Rodríguez, 2017, tradução nossa)¹⁴

O gênero discursivo, dessa forma, é condicionado por fatores socioculturais, permitindo-se notar a (des)cortesia pelo viés linguístico. No caso do nosso estudo, será possível notar os traços de cortesia ou descortesia quando o discurso for atenuado ou asseverado por expressões linguística que tragam maior ou menor força ilocucionária ao discurso.

Naturalmente, algumas construções possuem prototipicamente um valor cortês ou descortês devido ao seu frequente emprego (Fuentes Rodríguez, 2011), seriam casos como “por favor”, “com licença” ou palavras de baixo calão.

Em se tratando da cortesia, ela tende a ser vista como uma forma de comunicar, preservando a imagem positiva que o ouvinte tem do falante e a face do ouvinte; pressupõe-se, assim, uma relação harmônica. Na descortesia, por outro lado, o foco é comunicar sem que haja preocupação com a imagem que o ouvinte tenha do falante e com a possibilidade de se afetar a face do ouvinte.

Existe ainda outra problemática sobre a (des)cortesia: a intenção e a recuperação. Tal discussão se baseia no fato de que, como a relação interpessoal é fundamental para se entender essa manifestação (Fuentes Rodríguez, 2011), a intenção do falante pode ser cortês, mas, devido aos inúmeros fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos, a interpretação pode ser divergente. Da mesma maneira, o ouvinte pode compreender um ato descortês como adequado, mesmo que o intuito do enunciador não tenha sido esse.

De acordo com Brenes Peña (2011), por vezes, o contexto comunicativo influencia a interação de tal maneira que determinados comportamentos linguísticos, sendo esperados pelos participantes da situação, não são tidos como marcados, aferindo-se um tom de neutralidade. Silva (2022, p. 185) exemplifica como as expectativas podem auxiliar na não marcação de determinadas ações como (des)cortesias: “Nas relações entre patrão e empregado ou entre chefe e subordinado, é sabido que o chefe manda e o empregado deve obedecer, contudo há limites que devem ser respeitados.”. Isto é, ao haver a ritualização de determinados atos de fala influenciados por aspectos socioculturais, eles passam a serem neutros. Na série em análise, podemos perceber que para as figuras hierarquicamente acima das Aias é naturalizado o poder

¹⁴ “Es decir, no hay conducta per se cortés o descortés, sino que esta es una evaluación que se aplica a la conducta, dependiendo de si es socialmente apropiada o no.” (Fuentes Rodríguez, 2017)

de mando sobre elas. Assim, o que seria, em determinadas configurações sociais descortês, entendemos ser não marcado em *O Conto da Aia*, visto que é esperado pelos seus participantes.

Vejamos outro aspecto concernente às estratégias argumentativas que um falante utiliza na construção discursiva, o fenômeno da polifonia.

b) Organização polifônica

Ao nível argumentativo, ainda devemos ter em conta a polifonia, que se relaciona com as várias vozes que ecoam no discurso para persuadir o ouvinte (Fuentes Rodríguez, 2017). Essa autora se baseia em Ducrot (1988) que diz que quem fala é o emissor, mas nem sempre ele é o responsável direto pelo dito. Seria assim organizado:

1. Sujeito empírico: autor efetivo do enunciado;
2. Locutor: aparece como primeira pessoa, “eu”, é responsável pela enunciação;
3. Enunciador: é o ser creditado como responsável pela enunciação, muito embora nem sempre apareça de forma explícita.

Levando em consideração esses preceitos, Prata e Fuentes Rodríguez (no prelo) delimitam as fontes enunciativas nos seguintes tipos:

1. Enunciador-falante: quando há responsabilização direta de quem fala sobre o dito;
2. Enunciador-terceiro: quando é dito algo, mas quem diz se distancia apontando outro como responsável;
3. Enunciador-comunidade: quando o aludido na fala já é compartilhado por um grupo.

Isso implica dizer que a observação do comportamento discursivo dos personagens será considerada. Ou seja, no plano enunciativo, não apenas quem emite a fala em questão será marcado, mas, tendo em conta a multivocidade, quem enuncia também será estudado. Assim, a tripartição de enunciadores proposta por Prata e Fuentes Rodríguez (no prelo) nos auxilia na caracterização das fontes deônticas analisadas na nossa pesquisa. Isto é, observaremos se quem enuncia é efetivamente a fonte de poder, ou a personagem ao falar está reportando um comando de um terceiro ou de uma instituição como o Governo, fazendo assim a distinção entre fonte e enunciador. Essa divisão se faz relevante posto que, nem sempre quem reporta a modalidade deôntica, é efetivamente quem instaura o comando.

Outro fator que é indispensável nessa organização é a quem se fala. Para Fuentes Rodríguez (1993), o conhecimento que se tem sobre quem se fala também é crucial para a formulação da enunciação, uma vez que, o enunciado é composto da relação entre falante, ouvinte e as circunstâncias espaço-temporais.

No que tange essa relação e a modalidade deôntica, é necessário um indivíduo que tenha poder de indicar um comando, a fonte, e um outro indivíduo que reconheça sua autoridade, e, então, seja responsável por realizar o proposto, o alvo (Pessoa, 2011).

Para o nosso estudo, identificamos quem são os personagens que são alvos deônticos, de forma a mapear sobre quem mais recorrentemente recai os comandos. Assim sendo, acreditamos ser possível detectar sobre quem o autoritarismo mais se manifesta na sociedade de *O Conto da Aia*.

Uma vez explorados alguns dos pontos pertinentes ao entendimento da macroestrutura, observaremos aspectos que se relacionam com a microestrutura.

2.1.4 Microestrutura

A microestrutura é onde se encontra a sistematização morfossintática da oração. Esse é o nível mais formal, no qual se localizam as estruturas gramaticais obedecendo regras sintáticas. A oração é, assim, a maior realização do nível da microestrutura, enquanto o enunciado é a menor ocorrência do nível discursivo (Fuentes Rodríguez, 2013). Articulado de outra maneira, a oração vira enunciado quando entra no plano discursivo, ou seja, quando um enunciador usa determinada estrutura formal em um diálogo com um ouvinte num contexto específico.

Em nossa análise, categorizamos a modalidade deôntica quando manifesta em verbos no imperativo, adjetivos em posição predicativa e verbo auxiliares modais.

Arelado a manifestação, tomamos como referência os aspectos semânticos para categorizar quais valores são repassados quando são proferidas as ilocuções na série em questão. Para isso, teremos como parâmetro os macro-valores atrelados à modalidade deôntica: obrigação, permissão e proibição (Palmer, 1986; Pessoa 2007) para os auxiliares modais deônticos (*ter que, dever, poder + infinitivo...*) e adjetivos em posição predicativa (*é necessário, é preciso...*).

De maneira semelhante, adotaremos aspectos semânticos para categorização dos verbos no imperativo (*faça, corra, diga...*), atrelando-os aos macro-valores e seus nuances: ameaça, conselho, convite, obrigação, ordem, pedido, permissão, proibição, sugestão e súplica (Lopes, 2014).

Outro aspecto a ser explorado é o tempo verbal. Para Pessoa (2011), a categoria de tempo está intimamente vinculada à modalidade, servindo para atenuar ou asseverar a força ilocucionária e, portanto, atuar na argumentação. Os tempos presente e passados têm tendência a darem grau de maior assertividade, e o pretérito imperfeito seria menos. Em se tratando de

futuro, seria intrínseca a relação, dado que se espera que a realização de uma obrigação venha a ocorrer depois que se instaura na língua. Para nossa pesquisa, delimitamos em específico os seguintes tempos: pretérito imperfeito, futuro do pretérito, presente, futuro, não se aplica¹⁵.

No que tange complexidade oracional, Mayberry *et al.* (2023), discute a aquisição de língua de sinais desde a primeira infância como fator que influencia diretamente a aquisição de frases complexas futuro. Isso implica dizer que, frases mais complexas demandam maior processamento do código linguístico. Fazendo um paralelo com nosso material de análise, buscamos flagrar como as frases vinculada à modalidade deôntica são mais comumente construídas em *O Conto da Aia*, ou seja, se são mais frequentemente simples ou complexas.

Ainda em se tratando de frase, há uma relação entre a estruturação frasal e os atos de fala. Para a Manual da *Real Academia Española* (2010), as orações declarativas, interrogativas, exclamativas e imperativas servem como forma de os falantes expressarem suas intencionalidades. Dessa maneira, também utilizaremos essas categorias para observar como elas se inter-relacionam com a modalidade deôntica.

Tendo explanado características da organização da perspectiva da Pragmalinguística, deter-nos-emos sobre a modalidade, que é um fenômeno linguístico pertencente a um dos planos da Macroestrutura. Cabe enfatizar que, mesmo sendo uma expressão de nível discursivo, a modalidade é influenciada e influencia os demais níveis e planos da organização linguística.

2.2 Modalidade¹⁶

Tendo sido estudada por diferentes áreas, a modalidade surge a partir da lógica, tornando-se posteriormente uma categoria também estudada pela linguística. O fator apontado como crucial para a diferenciação entre lógica e linguística é que, enquanto, na primeira, voltava-se a se reconhecer a possível existência de uma objetividade expressa; na segunda, volta-se à subjetividade, com o enunciador ganhando destaque (Palmer, 1986). Explicaremos primeiramente o viés da lógica para então entendermos o da linguística.

A lógica se debruçava em avaliar o grau de verdade e falsidade das proposições, dando a denominação de alética ou de aristotélica. Com o tempo, os lógicos ampliaram a

¹⁵ Optamos por adicionar “não se aplica” dado que o imperativo formalmente não possui relação temporal.

¹⁶ A modalidade é atrelada a um plano do nível macroestrutural. Damos ênfase em uma sessão à parte dado que, além de ser nosso foco de pesquisa, fazemos um apanhado de teóricos que discutem modalidade por outras perspectivas.

modalidade alética para comportar as noções do que é certo, provável e possível (epistêmico); e do que é necessário, permitido, proibido e obrigado (deôntico) (Cervoni, 1989).

Embora haja uma aproximação entre os estudos da lógica e da linguística, não necessariamente eles se inter cruzam, dado que as atenções linguísticas estão relacionadas “aos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos da categoria modalidade” (Pessoa, 2007).

As fronteiras que delimitam a modalidade, mesmo com o desenvolvimento das discussões, ainda são difíceis de serem traçadas. Palmer (1986) aponta que a modalidade, diferentemente de outras categorias linguísticas, não é fácil de se delinear, já que usualmente não possui característica prototípica que a una como único fenômeno, mesmo havendo tantas classificações. O mesmo autor, no intento de demarcar características que englobem e definisse a modalidade, aponta a subjetividade e a não factualidade como os traços indicadores.

Vale menção de que alguns estudos privilegiam apenas uma das instâncias de análise, semântica, pragmática ou sintática, carecendo de estudos que as integrem em diferentes domínios.

Parret (1988) defende que a modalidade deve ser examinada levando-se em consideração aspectos pragmático-semânticos. Isso implica que a análise sintática em si não é suficiente para explicar tal fenômeno, deve-se, assim, considerar a relação entre intenção dos falantes, reconhecimento dessa intenção pelo ouvinte e contexto situacional de fala.

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento da ciência linguística, vários pesquisadores se voltaram para tentar descrever o fenômeno modalidade dentro dessa área. É o caso de Palmer (1986), Hengeveld e Makenzie (2008), Pessoa (2008) e Abdurakhmanov (2024) que fazem uma tripartição terminológica: dinâmica, epistêmica e deôntica.

A primeira modalidade citada tem conexão com a habilidade ou capacidade de um ser executar uma ação, geralmente atrelada a “ser capaz”/ “poder”. A epistêmica, por sua vez, tem relação com o grau de comprometimento do falante com sua proposição, sendo a noção de possibilidade mais forte nesse eixo. Para o autor, casos como julgamentos e evidências são tipicamente epistêmicos. No que tange a deôntica, o autor vincula expressões com elementos de vontade. Dois grupos são criados dentro dessa modalidade: o diretivo, quando o enunciador tenta convencer alguém a realizar algum ato; e o comissivo, quando há ameaças e promessas preponderantes na enunciação.

Para Palmer (1986), uma das características fundamentais da modalidade é a subjetividade, fato este citado por diversos autores, tal como Fuentes Rodríguez (2017).

(epistêmica). As ilocuções que envolvem a conduta (deôntica) ficariam em ponto intermediário de comprometimento do falante. Seria, assim, a modalidade vista em um *continuum* de grau de subjetividade, havendo uma fluidez categórica entre as modalidades.

Dados as variadas visões sobre a modalidade em diferentes arcabouços teóricos, a abordaremos na Pragmalinguística.

2.2.1 A modalidade na perspectiva da Pragmalinguística

Para a Pragmalinguística, abordagem que utilizamos como aporte teórico principal, baseando-se em Fuentes Rodríguez (1991, p. 93), há o entendimento que modalidade é “a atitude do falante ante ao que se diz”¹⁷. Juntamente a essa categorização, a autora defende existir uma distinção entre oração e enunciado, alegando que estariam em estratos diferentes. A oração estaria no nível gramatical (microestrutura), enquanto o enunciado é atrelado ao nível discursivo (macroestrutura). O que é defendido é que a modalidade é um fenômeno que afeta todo o enunciado, sendo, desta maneira, uma manifestação da ordem discursiva. Essa delimitação é uma forma de especificar o escopo da modalidade e não a confundir com qualquer categoria que venha expressar subjetividade, como adjetivos.

Para compreender melhor essa asserção, Fuentes Rodríguez (1991) compara dois enunciados:

1. Tem uma casa bonita.
2. Afortunadamente, tem uma casa. (tradução nossa)¹⁸

No primeiro exemplo, o adjetivo *bonita*, que é um termo que demonstra avaliação, se restringe a qualificar casa. Ainda é possível problematizar até que ponto expressa a visão do falante ou é uma construção cultural e ideológica que interfere na expressão linguística do enunciador, podendo ser nessa circunstância apenas locutor, ou seja, reproduzindo o que todos dizem. Por outro lado, em (2), *afortunadamente* exprime valoração sobre todo o enunciado, o falante externa contentamento sobre o fato de seu alvo possuir uma casa.

Dessa forma, o enunciado seria composto da seguinte forma:

Enunciação = *modus* + *dictum*
Afortunadamente, tem uma casa.

¹⁷ “la actitud del hablante ante lo que se disse” (Fuentes Rodríguez, 1991, p. 93)

¹⁸ Tiene una casa bonita.

Afortunadamente, tiene casa.

Todavia, cabe salientar que não seria regra que a manifestação da modalidade ocorra nas margens da oração, podendo, como as incertezas e modais deônticos, aparecerem na estrutura oracional.

Além de afetar toda a proposição, a autora preconiza que uma estrutura deve trazer as noções de atreladas a habilidades (alética), incertezas (epistêmica) ou obrigações (deôntica) para ser considerada modal.

É válido salientar que, na proposta Pragmalinguística, a modalidade precisa ser investigada tendo em consideração o contexto, já que é vista como uma manifestação semântico-pragmática. Como aponta Fuentes Rodríguez (1991, p. 98):

A modalidade, pois, é um conteúdo semântico pragmático que depende do contexto enunciativo propriamente, da própria organização do esquema de comunicação. Aponta aos interlocutores do ato, sobre tudo ao próprio organizador: o falante. (tradução nossa)¹⁹

Essa assertiva deixa clara que a modalidade, dentro dessa perspectiva, se refere diretamente ao posicionamento do falante. Caso não haja traço que apontem quem fala, é apenas mais um conteúdo do *dictum*, deixando de estar predisposto como fenômeno do nível discursivo. É pertinente frisar, contudo, que, para Fuentes Rodríguez (1996), os modais deônticos, por exemplo, ocorrem dentro do *dictum*, mas afetam a enunciação como um todo.

Vale, pois, destacar que, para Fuentes Rodríguez (1991), a modalidade não necessariamente é o mesmo fenômeno que a subjetividade, visto que a subjetividade pode ser bem mais ampla. De forma a exemplificar essa diferenciação, um adjetivo que valora um substantivo por vezes indica um juízo de valor compartilhado socialmente, como dizer que algo é bonito ou feio. Já um advérbio como *afortunadamente*, previamente discutido em (2), indica de maneira mais clara o posicionamento de quem fala, estando atrelado ao nível da macroestrutura.²⁰

Dito isso, enfocaremos na modalidade deôntica como fenômeno linguístico para podermos descrevê-la em ocorrência na série televisiva *O Conto da Aia*. Levantaremos, a seguir, algumas características atreladas a esse tipo modal.

2.3 Modalidade deôntica

¹⁹ “La modalidad, pues, es un contenido semántico pragmático que depende del contexto enunciativo propriamente, de la propia organización del esquema de comunicación. Apunta a los interlocutores del acto, sobre todo al propio organizador: el hablante.” (Fuentes Rodríguez, 1991, p. 98)

²⁰ Vale destacar que a profa. Drs. Nadja Prata está trabalhando, desde 2020, com essa perspectiva na Universidade Federal do Ceará.

Um primeiro ponto muito discutido por teóricos da área é a polissemia de alguns verbos, casos de *poder* e *dever*, que podem perpassar as modalidades deônticas e epistêmicas (Palmer, 1986; Neves, 2000; Lopes, 2014; Resende, 2021). Ou seja, a mesma frase pode ser interpretada de diferentes maneiras. Bybee e Fleishman (1995, p.5) destacam que se deve considerar o contexto e os elementos circundantes para se atribuir o tipo modal. Implicando dizer que uma análise que leve em consideração apenas o verbo categoricamente inserido em um tipo de modalidade pode levar a uma conclusão falha. Para exemplificar o então exposto, tomemos como exemplo a seguinte sentença encontrada em Neves (2000, p. 123):

3. Ela deve chegar já.

Podemos entender o verbo *dever* por três vias: uma de possibilidade epistêmica, ou seja, existe a chance (probabilidade) de que ela chegue em instantes; outra, como uma obrigação interna, havendo uma necessidade de que ela chegue já; ou ainda uma obrigação externa, sendo ela obrigada a chegar já.

Lyons (1977) aponta três características basilares da modalidade deôntica:

- a. ao modalizar uma enunciação, não se descreve uma ação em si, mas um estado de coisas que será atingido, caso a ideia passada seja executada;
- b. o traço de futuridade permeia tais construções, uma vez que não se pode dar ordens, instruções e afins no tempo passado para serem executadas;
- c. a identificação de uma fonte, seja pessoa ou instituição, que direciona valores a um alvo, também sendo pessoa ou instituição.

Pessoa (2011) sublinha que a fonte modalizadora expressa valores os quais influem na conduta dos alvos:

A instauração de valores deônticos por parte da fonte pode partir de princípios morais ou legais ou, ainda, de uma compulsão interna, o que nos leva a considerar que a noção de obrigação depende da cultura e não puramente da linguagem, estando, pois, correlacionada a crenças institucionalizadas e normas de conduta (p. 94).

Isso implica dizer que os valores impostos não dependem apenas da linguagem, mas também de fatores extralinguísticos. Se fizermos um paralelo com o material de análise que propomos para nosso estudo, a cultura opressora vigente na sociedade retratada na série deve espelhar isso em traços linguísticos.

Gasparini-Bastos (2014) traz uma distinção de modalidade deôntica, a qual se subdivide entre objetiva e subjetiva. A primeira, objetiva, diz respeito a alguma necessidade imposta sem que o enunciador seja envolvido. A segunda, subjetiva, está atrelada ao

envolvimento do enunciador frente a uma modalização. Isso posto, podemos assumir que a diferença basilar nessa distinção proposta pela autora é a fonte, isto é, quem enuncia. Ou seja, ao enunciar alguma assertiva no campo deôntico, é válido observar o grau de comprometimento de quem indica tal conduta. Tendo por base a organização polifônica da perspectiva da Pragmalinguística, observaremos, no nosso estudo, quando o enunciador se posiciona frente ao que é dito ou quando reproduz uma norma de um terceiro ou de uma comunidade, em outras palavras, faremos a distinção entre locutor e fonte.

Ao considerarmos os valores deônticos, é importante problematizar a polaridade, dado que sua compreensão nos dá suporte no entendimento do *continuum* existente entre os valores deônticos tal como sugere Pessoa (2011). Halliday (2004) define que polaridade é a oposição entre positivo e negativo que está gramaticalizada na maioria das línguas. A forma positiva sendo geralmente não-marcada e a negativa, por sua vez, marcada por algum elemento aditivo. No português, o advérbio de negação “não” é um exemplo de polaridade negativa.

Quando se examina a manifestação da polaridade junto à modalidade, Palmer (1995) aponta haver irregularidades quando se é feita a negação de formas verbais. Segundo o autor, não existe uma correspondência perfeita entre forma e significado, não sendo possível a predição de um único sentido para uma única forma.

Lyons (1977) traça um paralelo entre os valores basilares de ordem deôntica e a polaridade:

se X não é obrigado a fazer A (onde A é ou um ato individual ou um ato geral), lhe é permitido não fazer A; e se ele é obrigado a fazer A, não lhe é permitido não fazer A [...]. Também, se a X é permitido fazer A, então ele não é obrigado a não fazer A, e se a X não é permitido fazer A, ele é obrigado a não fazer A[...] (p. 832).²¹

Isso posto, Pessoa (2011) assinala que valores que imprimem deonticidade podem ser instaurados direta ou indiretamente por meio da polaridade. O que acontece é que ao negar um valor modal, transita-se, por meio da polaridade, entre os valores de obrigação, permissão e proibição. Tomemos novamente o exemplo (3) e consideremos o mesmo por uma leitura deôntica, na qual “Ela deve (como obrigação externa) chegar já”. Ao negarmos (3) transformando a afirmativa em “Ela não deve chegar já”, temos uma proibição ao ato anteriormente posto. Podemos elencar mais um exemplo, encontrado em Lopes (2014, p. 99):

²¹ “If X is not obliged to do A (where A is either an individual or a generic act), he is permitted not to do A: and if he is obliged to do A, he is not permitted not to do A [...] Also, if X is permitted to do A, then he is not obliged not to do A: and if X is not permitted to do A he is obliged not to do A [...]” (LYONS, 1977, p. 832).

4. Você não precisa pagar nada.

Em (4), entendemos que a polaridade negativa traz o valor de permissão para o não pagamento, ao ser externalizado a não necessidade de se efetuar uma ação. Por outro lado, se estivesse em modo afirmativo, a oração estaria no eixo da obrigação, algo necessário a ser executado.²²

Essa problematização, sobre a necessidade de que estudos modais devam levar em consideração mais que categorias/classificações estanques, casa-se com a perspectiva de análise de Pragmalinguística. Em outras palavras, para a Pragmalinguística, a modalidade deôntica não é restrita a manifestação morfossintática, ela é um fenômeno que afeta todo o *dictum*, estando, assim, mais atrelada ao nível macroestrutural (Fuentes Rodríguez, 1991). Contudo, sendo a língua vista sob um viés de organização modular, responsável por toda enunciação apresentar todos os níveis e planos, ela faz com que a modalidade deôntica também sofra influências do nível da superestrutura, pois é condicionada pela organização do gênero no texto está inserido.

Da mesma forma, o componente morfossintático, que é do nível microestrutural, precisa ocorrer para a manifestação da modalidade deôntica. Em outras palavras, a categoria modalidade pode ser parcialmente categorizada por meio de verbos modais, porém é necessário ater-nos aos eventos interativos contextuais para que se possa recuperar a intenção subscrita na troca entre falantes. Por conseguinte, devemos recorrer ao nível supra-oracional para podermos melhor compreendê-la.

Devemos ainda destacar que outro meio comumente atrelado à manifestação deôntica é o imperativo, dado que esse modo verbal é estritamente associado a comandos. Segundo Bechara (2009, p 222), o imperativo tem “relação a um ato que se exige do agente”. É dizer que, com o imperativo, é feita uma exigência para que alguém execute uma ação. Esse é um fator de grande relevância, dado que o imperativo é a forma mais gramaticalizada da modalidade deôntica (Batista; Prata; Menezes, 2021).

Scherre *et al.* (2007) e Scherre e Andrade (2023), ao estudar o imperativo no português, demonstram que ele ocorre em mais de uma forma: como o imperativo verdadeiro (olha, abra, faz) e como forma supletiva (olhe, abra, faça). Os autores argumentam que a primeira configuração é tida como derivada do indicativo, o que gera, por vezes, ambiguidade quanto sua manifestação. Isso se dá devido o que eles denominam de sincretismo sincrônico, já

²² Salientamos que, no nosso entendimento, a frase na forma afirmativa seria equivalente a *Você precisa pagar*, uma vez que a repetição de um termo com semântica negativa (nada) serve de expressão asseveradora para a força ilocucionária de não obrigação, o que leva à permissão, nesse contexto.

que a forma imperativa verdadeira e a indicativa podem ocorrer com a mesma codificação em contextos de orações não subordinadas, o que dificulta, por vezes, a leitura semântica. Dessa forma, uma estratégia discursiva para que se quebre a ambiguidade é o uso de vocativo, que ajudaria a diferenciar um enunciado imperativo de um indicativo.

Por outro lado, a forma supletiva advém do subjuntivo, e, não tendo um correlato direto com outra forma presente em outro modo verbal, seria mais facilmente identificada como imperativa. Cabe adicionar que, conforme os autores salientam, nos casos em que a supletiva não é uma oração subordinada e não aparece com algum elemento de dúvida como “talvez”, esse tipo de construção é inevitavelmente atrelada ao valor de imperativo.

É válido ainda evidenciar que Scherre *et al.* (2007) destaca que o português brasileiro apresenta uma uniformidade na ocorrência de clíticos, sendo uma língua por essência proclítica. Consequentemente, a forma “pronomes oblíquos + verbo principal” é a mais comum em território brasileiro, como é o caso de se dizer, “me faz um favor” ao invés de “faz-me um favor”. Essa organização linguística é interessante para compreender que, no nosso *corpus*, que se vale de legendas baseadas na língua oral, quando ocorrer o imperativo, haverá predominância dos pronomes oblíquos em posição proclítica.

Estabelecidos parâmetros para que compreendamos a modalidade deôntica e suas formas de manifestação, apresentaremos, no próximo capítulo, os passos metodológicos da nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

No presente capítulo, descrevemos os passos metodológicos adotados na nossa pesquisa, assim como caracterizamos e esquematizamos, de acordo com a perspectiva da Pragmalinguística (Fuentes Rodríguez, 2017), as categorias que utilizamos para a análise do nosso corpus, a série *O Conto da Aia*.

3.1 Caracterização da pesquisa

O presente trabalho tem como foco a análise da modalidade deôntica com base na abordagem da Pragmalinguística, proposta por Fuentes Rodríguez (2017). Dito isso, selecionamos as legendas da série *O Conto da Aia* para observarmos a ocorrência de tal modalidade em materiais autênticos, uma vez que nos apoiamos em preceitos do Funcionalismo Linguístico.

A seleção desse *corpus* se deu devido às séries televisivas serem um gênero bastante difundido atualmente. De acordo com a Agência Nacional do Cinema (2023), o Brasil foi o segundo maior consumidor de streamings globalmente em 2021. *O Conto da Aia*, em especial, ao explorar o subjugo da mulher, auxilia na discussão sobre a realidade. Além disso, esse ambiente autoritário justifica a ocorrência da modalidade deôntica.

Como nos guiamos pela perspectiva da Pragmalinguística, Fuentes Rodríguez (2017), acreditamos que a descrição e a análise linguística do material são afetadas pelo contexto discursivo que condiciona como os personagens agem e se expressam.

3.2 Delimitação do universo e da amostra

A série em questão tem, até o momento, cinco temporadas, com previsão de encerramento na sexta temporada. Possuindo entre 10 e 13 episódios cada temporada e sendo baseada no livro homônimo de Margaret Atwood.

Nessa ficção, ocorre um golpe de Estado no que até então se conhecia por Estados Unidos da América e é implantada uma nova República intitulada Gilead, na qual, por ser baseada em preceitos bíblicos, a mulher é sujeita a uma posição de submissão.

Deter-nos-emos na primeira temporada, com um total de 10 episódio²³, tendo em conta a ambientação da série “Antes de Gilead”, “*Red Center*”²⁴ e “Durante Gilead”. Dessa

²³ No Apêndice A, encontramos as sinopses dos episódios da primeira temporada, extraídos da *Globoplay*.

²⁴ Centro de treinamentos de mulheres férteis para serem Aias.

forma, é possível analisar o contexto discursivo da série e observar como, para quem e por quais meios a modalidade deôntica é expressa.

3.2.1 Séries de TV

Há anos que as séries televisivas ganharam relevância no contexto ao nível global. As dimensões cultural e econômica que elas passaram a ter chamam cada vez mais atenção.

Mittel (2015) indica que alguns traços são tidos como integrantes desse gênero: mundo ficcional, personagens, eventos e temporalidade. Mungioli (2017) chama atenção para a temporalidade, pois, segundo a autora, a narrativa das séries se constrói tendo em vista não apenas o tempo presente, mas também a interligação deste com o passado e o futuro.

Além disso, outro fator relativamente comum a esse gênero é valer-se de um resumo do episódio anterior, assim o telespectador consegue lembrar fatos e se preparar para o episódio prestes a iniciar. Da mesma forma, o retorno ao passado, por vezes no próprio episódio, faz com que, gradualmente, o espectador faça relação dos fatos no decorrer da trama, estratégia chamada de puzzle ou quebra-cabeça (Mungioli, 2017).

Adicionalmente a isso, é chamada atenção para a re-assistibilidade, já que, diferentemente dos produtos disponibilizados pela TV tradicional, que geralmente são vistos apenas uma vez, os meios tecnológicos vinculados às séries possibilitam sua repetição quantas vezes o espectador desejar. Isso molda não apenas quem a vê, mas também quem a produz. Não é o mesmo processo de reprisar, pois agora o foco motivador da ação vem do usuário, gerando uma nova experiência sobre o material.

Vale salientar, ainda, que a série é um texto multimodal. Isto é, um texto composto de diferentes linguagens semióticas. Segundo Thibault, (2000), os textos multimodais seriam:

textos que combinam e integram recursos de criação de significado de mais de uma modalidade semiótica – por exemplo linguagem, gesto, movimento, imagens visuais, som, etc. – no intuito de produzir um significado textual específico.²⁵ (Tradução nossa). (p. 47)

Em outras palavras, seria a combinação de diferentes meios integrados em um texto para atingir um sentido.

Ainda é válido mencionar que a estrutura é composta por episódios que se agrupam e formam temporadas. Mesmo cada episódio intencionando narrar partes da história, existe uma

²⁵“texts which combine and integrate the meaning-making resources of more than one semiotic modality — for example language, gesture, movement, visual images, sound and so on — in order to produce a text-specific meaning” (Thibault, 2000, p. 47).

progressão até o fim da temporada. No que concerne à série *O Conto da Aia*, notamos o início ambientando a mudança sociopolítica que o país sofre após um golpe de Estado; a difusão dos novos preceitos e o estabelecimento de uma nova República; e o desenvolvimento dos personagens no enredo para mostrar várias tensões que levam a um fim de temporada repleto de rupturas com a trama imposta no início.

Outro fator interessante na construção da temporada é que o passado, antes de Gilead (a nova República), sempre é retomado, tanto para contrastar com o presente como para, por vezes, explicar acontecimentos que os telespectadores presenciam e que, sem contexto, ficariam mal explicados.

Acreditamos, pois, que a temporalidade é uma das características no arranjo dos episódios e, conseqüentemente, de toda a série. À vista disso, acreditamos que o contexto “Antes de Gilead” supõe maior liberdade de ser e de se expressar e, “*Red Center*” e “Durante Gilead”, isso é modificado, causando interferência nas ilocuições. Dito de outra maneira, a temporalidade retratada na série deverá influenciar na liberdade de expressão linguística entre os personagens, principalmente sobre as mulheres que se tornam Aias após a implantação de Gilead.

Tendo em consideração que o *corpus* avaliado será composto pelas legendas da série *O Conto da Aia*, no próximo tópico, discutiremos brevemente algumas características das legendas.

3.2.2 Legendagem

Gottlieb (2012) classifica as legendas “como tradução diamésica em uma mídia polissemiótica (incluindo filmes, TV, vídeo e DVD) na forma de uma ou mais linhas de texto escrito apresentados na tela em sincronia com o conteúdo verbal original”. (p. 37) (tradução nossa)²⁶

Destacamos, assim, alguns dos termos utilizados nessa definição. A tradução diamésica diz respeito, dentro desse contexto, da transposição verbal do que é dito durante os episódios em texto escrito. Havendo diferentes canais semióticos em coocorrência durante um episódio, a terminologia polissemiótico se faz pertinente. Gottlieb (2012) destaca dois meios não-verbais (as imagens e músicas/ efeitos sonoros) e dois verbais (diálogos e elementos

²⁶ No original: “diamesic translation in polysemiotic media(including films, TV, video and DVD) in the form of one or more lines of written text presented on the screen in sync with the original verbal content” (Gottlie ,2012, p. 37).

gráficos escritos). No caso verbal, quando é algo traduzido, ou seja, a produção original é estrangeira, as legendas costumam trazer mais detalhes, como tradução não apenas de diálogos, mas também, de outros textos visuais que apareçam e que devam ter alguma importância na história.

3.2.2.1 Subtítulos como parte de textos multimodais

Mesmo com o desenvolvimento tecnológico possibilitando alterações em outros componentes de um texto multimodal quando traduzido para outras línguas e culturas (por exemplo, alteração de imagens gráficas), o mais frequentemente alterado é o nível verbal, seja por meio da dublagem ou legendagem.

As legendas têm o caráter aditivo, pois reproduzem aspectos que já estão no texto multimodal previamente. Um exemplo constante desse fenômeno é a articulação para o escrito das falas de personagens. Podem também serem repetitivas, principalmente se as legendas utilizadas forem na mesma língua do áudio. No caso de repetições enfáticas no nosso *corpus*, consideramos uma única vez na contagem.

Importante frisar que o processo de transformação de texto oral para legenda não mantém sempre todos os aspectos do original. Como aponta Taylor (2012, p. 27):

Pode ser que o legendador veja a necessidade por vezes de traduzir com flexibilidade, de localizar termos culturais específicos ou uniformizar extravagâncias linguísticas. Ele deve diminuir sentenças, ignorar costumes de segmentação sintática ou deixar de fora trechos inteiros de discurso, e, por vezes, se justificar pelo alcance de um bem maior, isto é, a facilidade de entendimento e satisfação por parte do espectador. (Tradução nossa)²⁷.

Isso nos mostra que, por vezes, os subtítulos podem não ser literalmente semelhantes ao que encontramos nas falas oralizadas dos personagens. Na nossa análise, é interessante esse fator ser ressaltado, pois uma vez que estas serão nosso material linguístico de análise, pode não conter precisamente os mesmos termos da oralidade presente nos episódios. Não nos deteremos, contudo, a comparar oral e escrito para detectar eventuais diferenças.

Em se tratando de textos orais e escritos, Fuentes Rodríguez (1999) argumenta existir um *continuum* gradual entre os textos orais e escritos, no qual uma forma de expressão pode influenciar na outra à medida que se aproxima de cada uma das pontas. Em outras

²⁷ No original: “It may be that the subtitler sees the need at times to translate flexibly, to localise culture-bound terms or standardise linguistic extravagances. S/he may shorten sentences, ignore the mores of syntactic segmentation or leave out entire stretches of discourse, and at times be justified by the achieving of a greater good, namely the facilitating of understanding and enjoyment on the part of the viewer.”

palavras, seria dizer que existiriam gêneros diversos que são posicionados nessa gradação. A autora ainda acrescenta que existem textos orais sendo transmitidos de forma escrita, a exemplo da carta familiar; e outros que são escritos, mas levados à oralidade, pois são lidos/ recitados, exemplo disso seriam peças teatrais. No caso das legendas, entendemos ser semelhante a esse segundo caso, dado que os atores encenam baseados em textos escritos já previamente estipulados, e os subtítulos seriam a transcrição do dito na tela.

3.3 Procedimentos metodológicos

Por se tratar da primeira temporada, tencionamos avaliar os dez episódios que a compõem, sendo uma média de 52 minutos por episódio. Utilizaremos a versão escrita (legenda) para auxiliar no estudo.

Realizamos a transcrição no programa *Word* das legendas dos dez episódios da primeira temporada. O *streaming* pelo qual assistimos à série foi a *Globoplay*.

Recorreremos a legendas em português, para examinar o código linguístico da série. Vale destacar que não é o foco a análise de possíveis discrepâncias entre a língua inglesa e a portuguesa. Isso implica dizer que um estudo comparativo ou de tradução não será enfoque, mas, antes e principalmente, a manifestação deôntica na série no código linguístico do português brasileiro.

Após a primeira seleção de excertos com manifestações deônticas, utilizamos o *software* “*Statistical Package for the Social Sciences*” (SPSS), para organização e quantificação das diversas categorias que qualificamos. Ao criarmos categorias e adicionar os dados, o SPSS transforma-os em dados estatísticos.

Como método de análise, consideramos aspectos extralinguísticos contextuais, observando principalmente como as diferenças temporais interferem na manifestação deôntica no enredo da série. Para isso, fizemos a seguinte divisão: “Antes de Gilead”, “Centro Vermelho” e “Durante Gilead”. Optamos por criar como variável o Centro Vermelho, pois, quando é retratado esse momento, a nova República foi estabelecida, mas as mulheres estão em treinamento para serem aias. Entendemos que o meio social já é Gilead, mas as mulheres ainda não são precisamente aias.

Em se tratando da organização textual da série no nível da superestrutura, assim como proposto por Fuentes Rodríguez (2017), observamos qual sequência predomina: narrativa, expositiva ou instrucional, quando há manifestação deôntica na série.

No nível macroestrutural, examinamos quem são os participantes do discurso deôntico: locutores, fontes e alvos deônticos.

Outro aspecto da macroestrutura que tivemos em nossa análise foi a organização argumentativa, categorizando o discurso como: cortês, descortês ou neutro.

No tocante à microestrutura, fizemos uma triagem inicial de manifestação deôntica. Avaliamos o meio de expressão, ou seja, os elementos pelos quais a modalidade é expressa nas sentenças, sejam eles: (i) verbos no imperativo (faça, corra, diga...); (ii) verbos modais (ter que + infinitivo; auxiliar + infinitivo...); (iii) adjetivos na posição predicativa (é necessário, é preciso...).

Pautamo-nos em Lyons (1977) e Lopes (2014) para classificar as manifestações dos valores deônticos. No caso dos verbos modais e adjetivos em posição predicativa, analisamos os valores deônticos básicos: obrigação, permissão e proibição. No que concerne os verbos no imperativo, qualificamos sua manifestação semântica tendo em conta os valores básicos e seus nuances, tais como: ameaça, conselho, convite, obrigação, ordem, pedido, permissão, proibição, sugestão e súplica, assim como proposto por Lopes (2014).

Além disso, observamos a complexidade oracional: se simples ou composta; o tempo verbal dos verbos; e o tipo frasal: imperativa, exclamativa, interrogativa ou declarativa.

No próximo tópico, organizamos em forma de tabelas as categorias que utilizaremos para a análise do nosso *corpus*.

3.3.1 Categorias de análise

A seguir, apresentamos um quadro esquematizando as categorias da pesquisa.

Quadro 1 - Categorias de análise da modalidade deôntica na série *O Conto da Aia*.

CONTEXTO SITUACIONAL	Tempo da ação na narrativa	Antes de Gilead
		Centro Vermelho
		Durante Gilead
SUPERESTRUTURA	Sequência discursiva	Narrativo
		Expositivo
		Instrucional
		Aia (s)
		Ajudante de fuga

M A C R O O E S T R U T U R A	Plano enunciativo – Organização polifônica (Locutor e Fonte deôntica)²⁸	Andrew (Comandante que recruta Nick para trabalhar para Gilead)
		Atendente do Café
		Bíblia
		Chefe da Editora
		Comandante
		Comandante Putnam
		Cozinheira do Jezebel
		Deus
		Embaixadora Mexicana
		Esposa
		Estado
		Intruso no abrigo
		June Osborne / Offred
		Luke (esposo de June)
		Martha dos Putnams
		Mayday
		Médico
		Moira (melhor amiga de June)
		Namorada da Moira
		Nick (motorista dos Waterfords)

²⁸ Muito embora sejam diferentes, as categorias que utilizamos para Fonte e Locutor são as mesmas. Assim, decidimos deixar essas suas categorias juntas no Quadro.

		Ofglen (parceira de compras de June)
		Ofglen 2 (substituta)
		Ofwarren / Janine
		Pessoas que encontram Luke
		Policial
		Recepcionista no Canadá
		Rita (Martha dos Waterfords)
		Sr. Waterford / Fred
		Sra. Putnam
		Sra. Waterford / Serena
		Tia Elizabeth
		Tia Lydia
		Macroestrutura - Plano enunciativo (Alvo)
	Ajudante da embaixadora	
	Ajudante de fuga	
	Andrew (Comandante que recruta Nick para trabalhar para Gilead)	
	Comandante Putnam	
	Comandantes	
	Embaixadora Mexicana	
	Esposa	
Estado		

		Hanna
		Intruso no abrigo
		June Osborne / Offred
		Luke (esposo de June)
		Marthas
		Médico
		Moira (melhor amida de June)
		Motorista
		Mulheres
		Nick (motorista dos Waterfords)
		Ofglen (parceira de compras de June)
		Ofwarren / Janine
		Pessoas da Cerimônia
		Pessoas que encontram Luke
		Policial (s)
		Porteiro do hospital
		Putnams
		Rita (Martha dos Waterfords)
		Sequestradora da Hanna
		Sr ^a . Putnam
		Sr ^a . Waterford / Serena

		Tia Elizabeth	
		Tia Lydia	
		Todos na sala	
	Organização Argumentativa	Cortês	
		Descortês	
		Neutra	
	M I C R O E S T R U T U R A	Manifestação da modalidade deôntica	Verbos no imperativo
			Adjetivos em posição predicativa
			Verbos Auxiliares Modais
		Valores semânticos do imperativo	Ameaça
Conselho			
Convite			
Obrigação			
Ordem			
Pedido			
Permissão			
Proibição			
Sugestão			
Súplica			
Valores semânticos dos verbos modais e adjetivos		Proibição	
		Permissão	
		Obrigação	
Complexidade da oração		Simple	

		Complexa
	Tempo/modo verbal dos modais	Pretérito imperfeito
		Futuro do Pretérito
		Presente
		Futuro
		Não se aplica ²⁹
	Tipo frasal	Declarativa
		Exclamativa
		Imperativa
		Interrogativa

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Prata e Fuentes Rodríguez (no prelo).

Frente ao exposto anteriormente, no próximo capítulo, analisamos a manifestação da modalidade deôntica tendo em conta a primeira temporada da série *O Conto da Aia*.

²⁹ Devido os verbos no imperativo não se relacionarem diretamente com a categoria de tempo, criamos a subcategoria “não se aplica” para esses casos.

4 A MANIFESTAÇÃO DO AUTORITARISMO POR MEIO DA MODALIDADE DEÔNTICA

Neste capítulo, apresentamos uma análise da modalidade deôntica no nosso *corpus* de pesquisa, a série *O Conto da Aia*, a partir da perspectiva Pragmalinguística. Desta maneira, levaremos os preceitos de uma análise modular, tendo em vista o contexto situacional, a superestrutura, a macroestrutura e a microestrutura de um total de 464 ocorrências. Iniciaremos, assim, pelo contexto situacional.

4.1 Contexto Situacional

Dentro da série *O Conto da Aia*, é notório que a trama se passa na maior parte do tempo na República de Gilead. Todavia, durante diversos momentos em episódios variados, o público é levado, por meio das lembranças dos personagens, ao período que antecede a consolidação do novo regime, ou seja, é apresentada como era a vida dos personagens quando ainda viviam no que então eram os Estados Unidos.

Enquanto se vivia no que hoje compreendemos como os Estados Unidos, há maior liberdade entre os indivíduos, seja desde a forma de se vestir à maneira de se expressar. Por outro lado, após a implementação de Gilead, é notório o cerceamento de atitudes, falas, vestimentas, etc, principalmente no que tange à figura feminina.

Lima Júnior e Hogemann (2019) expõem que o cerceamento de direitos gera a despersonalização da mulher no ambiente distópico de *O Conto da Aia*, fazendo com que elas sejam vistas como os males da sociedade e responsáveis para sua nova estabilização, desconsiderando-as seres humanos.

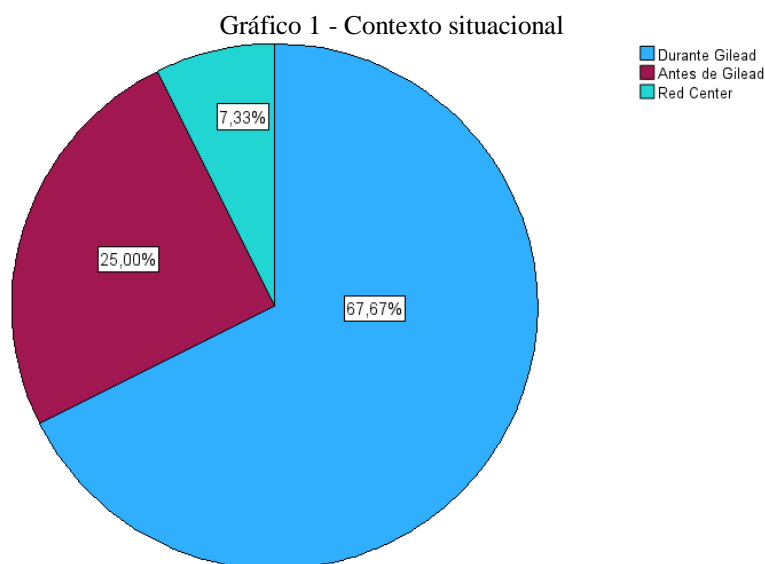
Fica extremamente claro o direcionamento quase exclusivo da culpa pelos males do mundo à mulher, gerando uma carga de brutalidade gratuita contra esta. Além da retirada de direitos, é feito o processo oposto ao acima brevemente retratado. A própria personalidade da mulher é amputada, desconstruída através do processo de domesticação da vontade e de imposição de papéis dentro da sociedade, patriarcal e estratificada, que se assenta então. (Lima Júnior; Hogemann, 2019, p. 76)

Isso é perceptível, por exemplo, na própria hierarquização existente nas castas sociais, nas quais há o assujeitamento das mulheres a determinados papéis que retiram sua liberdade, ou até mesmo seus nomes, como é a situação das Aias que passam a ter designações temporárias atreladas aos seus comandantes.³⁰

³⁰ Assim como já relatado na Introdução, um exemplo dessa renomeação é o que acontece com a June, que passa a ser chamada de Offred (*of* preposição do inglês equivalente a de; e Fred, nome do comandante atual). Assim, não chega nem a ser um nome, já que qualquer Aia que venha a ser alocada na casa dos Waterfords será Offred, da mesma forma que June será chamada diferente a medida que for designada a ser Aia em outras residências.

Tendo isso em mente, separamos três recortes temporais no contexto da série. O primeiro, a época anterior à Gilead, que engloba todo fluxo ao passado, desde a contextualização das vidas dos personagens às mudanças estruturais que levam à transição para o novo regime. O segundo, a fase de treinamento no Centro Vermelho (*Red Center*)³¹, local onde mulheres são treinadas para serem Aias. E o período durante Gilead, que seria o tempo presente da série, o qual já se tem o estabelecimento de todas as novas premissas sociopolíticas.

Dado essa organização contextual, podemos observar que o maior percentual de ocorrência da modalidade deôntica se deu *Durante Gilead*, com 67,7% dos casos, conforme vemos na Figura 1:



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

O percentual preponderantemente maior para “Durante Gilead” deve indicar uma predominância de aspectos linguísticos atrelados à conduta quando a história está focada nesse período. Podemos, contudo, ponderar que a maioria do tempo, o enredo se concentra em Gilead e acompanha principalmente a Offred, que é uma Aia, o que pode condicionar prevalência de manifestação deôntica nesse recorte temporal.

Vejam alguns exemplos da manifestação da modalidade deôntica dentro desses diferentes contextos da série. Seguimos a linha cronológica, assim, observamos primeiro “Antes de Gilead”, depois “Centro Vermelho”, e, por fim, “Durante Gilead”.

³¹ Fizemos esse recorte metodológico dado que, embora o Centro Vermelho já seja em Gilead, as personagens ainda não são Aias, pois não sabem os costumes da nova sociedade ou possuem “novos nomes”, visto que elas ainda não foram alocadas em casas de comandantes.

4.1.1. Antes de Gilead

Se tratando do período anterior à Gilead, no Episódio 5³², observamos Moira (amiga de June) que, mesmo não conhecendo Luke na época, se aproxima dele na rua e pede ajuda sobre a escolha de uma foto da June.

Figura 3: Temporada 1, Episódio 5



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia*

3: MOIRA: Me **ajuda** a achar algo melhor.

A aproximação a um homem desconhecido para pedir ajuda na seleção de fotos de sua amiga e ainda permitir que ele mexa no celular de June indica que, socialmente, a mulher pode agir sem tantas restrições. Podemos observar isso por meio da manifestação linguística do imperativo de “ajudar” junto ao pronome oblíquo “me” no início da frase. Segundo Scherre (2004), o uso do “me” antes do verbo favorece a aparição do imperativo relacionado ao indicativo, e também é uma expressão de um novo sistema da nossa língua, ocorrendo principalmente na oralidade.

Vale salientar que Moira está, neste recorte temporal, hierarquicamente igual ao Luke, logo o imperativo não tem força para que a ajuda seja imposta, mas, para que seja instaurado um pedido para que ele a auxilie na escolha da foto.

Mais adiante, quando o golpe está sendo implantado, o então chefe da June se dirige às funcionárias de sua empresa sobre o fato de ele demiti-las.

³² No apêndice A, encontramos as sinopses dos 10 episódios retiradas da plataforma *Globoplay*.

Figura 4: Temporada 1, Episódio 3



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

4: CHEFE DA EDITORA: A decisão não foi minha, eu não tenho escolha.

Tenho que dispensá-las.

Nesse episódio, observamos que há uma normatização governamental que obriga ao chefe da empresa a demitir as mulheres quando ocorre o golpe. Nota-se que, à medida que Gilead se desenha como um novo panorama, as liberdades são restringidas, inclusive para os homens. Nessa circunstância, em especial, o poder do chefe da instituição é reduzido, uma vez que ele tem como obrigação dispensar as suas funcionárias. O poder governamental age sobre o homem, que reconhece que não é de sua escolha, mas é abrigado a proibir mulheres de trabalhar. Sendo assim, ele não é a fonte deontológica, apenas locutor, ou seja, apenas alguém que reporta a regulamentação imposta pelo Sistema e que agora afeta a todas as funcionárias.

Ainda nos momentos de transição de Estados Unidos para Gilead, somos apresentados a outra cena na qual, ao tentar comprar um lanche, June descobre não ter dinheiro disponível. Frente à situação que está se instalando, o atendente se sente autorizado a destratar as duas clientes, falando palavras de baixo calão e expulsando-as do recinto. Esse tipo de comportamento linguístico faz parte, segundo Fuentes Rodríguez (2011), de traços que demonstram descortesia. O que reforça a influência contextual para a ocorrência da (des)cortesia, pois nem sempre o uso de palavrões se atrela à descortesia. Porém, dado o início da instauração de Gilead, alguns membros da sociedade, como o atendente em questão, se sentem representados e habilitados para impor seus pensamentos depreciativos e destratar as mulheres.

Figura 5: Temporada 1, Episódio 3



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

5: ATENDENTE DA CAFETERIA: Vagabundas. **Saiam** daqui.

Esse fato mostra que, com a mudança social em curso, já existe um tensionamento de poder, de sobreposição, da figura masculina sobre a feminina. Outro fator que ajuda a demonstrar o discurso agressivo do atendente é o uso do imperativo “saiam”, que é mais incisivo que uma construção com modal como: “Vocês poderiam sair daqui?”. É válido, contudo, destacar que, como ainda não está estabelecido o novo sistema, as duas personagens reagem à agressão verbal, rebatendo com xingamentos.

Tendo feito uma apreciação sobre alguns casos do período “antes de Gilead”, elencaremos algumas ocorrências que compreendem o “Centro Vermelho”, delimitação que fizemos dado que Gilead já está implantada, mas as mulheres ainda estão sendo treinadas para serem Aias e, logo, ainda não estão totalmente inseridas no novo Sistema. Um exemplo dessa ambientação é a falta de “nome de Aia”, visto que elas ainda não foram alocadas nas casas de nenhum comandante, mas existe a figura das Tias as instruindo, o que denuncia a existência de Gilead com suas novas regras e estrutura.

4.1.2. Centro Vermelho – *Red Center*

Conforme já mencionado, o Centro Vermelho teve a menor quantidade de ocorrências. Acreditamos que isso se dá, pois a quantidade de vezes que a série se detém a esse ambiente são poucas. Em geral, as mulheres estão recebendo ordens, dado que esse ambiente serve para instruí-las para serem Aias. Podemos observar na Figura 6 a Tia Lydia, personagem encarregada de treinar as Aias, ensinando as mulheres sobre postura de uma Aia. Ela usa o verbo “baixar” no imperativo, de maneira que as futuras Aias presentes no recinto direcionem seus olhos ao chão. É válido observar que, sendo a Tia Lydia a instrutora das Aias, já se é

esperado que ela dê ordens. Logo, diferentemente do atendente (Figura 5) que não possui autoridade oficialmente validada pelo Governo, a Tia Lydia não precisa nem mesmo alterar a voz para fazer a imposição, há uma naturalização quanto ao seu papel e poder frente às Aias.

Figura 6: Temporada 1, Episódio 10



Fonte: Print da tela da série *O Conto da Aia*.

6: TIA LYDIA: **Baixem** os olhos, meninas.

Visto o ambiente de treinamento das Aias, agora nos deteremos em observar o período que engloba as mulheres como Aias efetivamente.

4.1.3. Durante Gilead

Após a implantação do Novo Regime, notamos que as regras sociais se enrijecem, e as mulheres passam a ter que seguir ordens e atender protocolos de forma mais incisiva, conforme a posição social³³. Dessa forma, a organização social se estrutura de forma bem marcada, tendo as Aias como um dos grupos constituintes da base hierárquica, e por mais que haja mulheres em posições mais privilegiadas que as Aias, todas elas ficam abaixo dos homens. Outro fator que ajuda a distinguir o papel social são as cores de roupas, assim, as Aias usam vermelho; as Marthas, verde claro; as Tias, marrom; e as Esposas, azul.

Notamos, no exemplo 7, que Offred (antes, June), após receber um convite para ir ao escritório de seu comandante, Fred Waterford, recebe o aconselhamento de Ofglen (parceira de compras de Offred) para não esboçar reações que a comprometam.

³³ No apêndice B, mostramos um organograma que retrata a estratificação social presente em *O Conto da Aia* elaborado pelo site *Garotasgeek*.

Figura 7: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

7: OFGLEN: Se ele³⁴ acusar você de algo, **não se defenda, não se explique**, só **peça desculpas**.

Sendo duas Aias, existe pareamento social entre elas, assim, não há capacidade de mando de uma sobre a outra, fazendo com que a ocorrência de imperativos, seja em forma afirmativa ou acompanhado de partícula negativa (não), não seja entendida como uma ordem ou uma proibição, mas, sim, um conselho. Nesse caso em específico, dada a relação amistosa entre as personagens, a polaridade negativa atribuída aos atos de “se defender” e “se explicar” e as forças contextuais servem para delinear o valor deôntico atribuído.

Nesse exemplo, fica marcado o receio que as Aias possuem sobre qualquer ação que ocorra diferente do estabelecido. À vista disso, é aconselhável que, independentemente de sua inocência ou não, em havendo acusação por parte do dono da casa, a Aia peça perdão, sem ao menos se explicar. Subentende-se que ela é sempre a culpada, logo, melhor se desculpar que sofrer sanções. Demonstrando, assim, a posição da mulher nessa nova conjuntura.

É válido ainda frisar que, já que Gilead é uma sociedade com estratificação marcada, e as Aias são servas utilizadas para procriação; outras mulheres exercem poder sobre elas. Um caso claro dessa diferença hierárquica é explícito com a figura das esposas que coordenam a casa e consequentemente mandam nas Aias e nas Marthas (empregadas da casa). Braga (2019) ressalta a marcação social também se evidência visualmente:

A estratificação se apoia também na estética dos rituais, portanto, cores, gestos, tipos de roupas tem importância na manutenção do status de cada habitante. Esta divisão garante que cada indivíduo entenda a posição ocupada na sociedade e as roupas exercem função primária de identificação.

³⁴ Nessa situação, Ofglen faz referência a Fred, Comandante da casa de Offred.

Ou seja, toda a organização de Gilead busca explicitar os papéis sociais, logo, quem manda e quem obedece. Enquanto os homens, em sua maioria, se vestem de roupas pretas, as mulheres são condicionadas a terem cores específicas a depender de sua função: Esposas vestem azul; Tias – marrom; Marthas – verde; Aias – vermelho. Braga (2019) reforça a importância das roupas:

As vestimentas se tornam ferramenta e símbolo de um sistema de poder no qual elas não somente são uma representação do status social de cada indivíduo, mas também são uma forma de comunicação e expressão dos valores daquela sociedade. Nesse sentido, as roupas utilizadas em Gilead se tornam instrumentos de apagamento da individualidade. (p. 5)

Esse fato evidencia que os trajes padronizados para cada grupo servem como forma de eliminação de particularidades dos membros da sociedade, auxiliando no controle social, sobressaltando o caráter repressor do governo que age com preceitos totalitários. Além disso, as cores demarcadas sinalizam maior igualdade entre os homens e mais diferenças entre as mulheres.

Na figura 8, a Sra. Waterford, esposa do Comandante Fred Waterford, ordena à Offred que ela retorne para seu quarto. Nessa circunstância, Offred deve apenas obedecer, não havendo a possibilidade de permanecer, não apenas pelo fato de ela não estar no seu quarto, mas, principalmente, porque a ordem de uma superior deve ser seguida sem questionamentos, mesmo que não haja explicação.

Figura 8: Temporada 1, Episódio 4



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

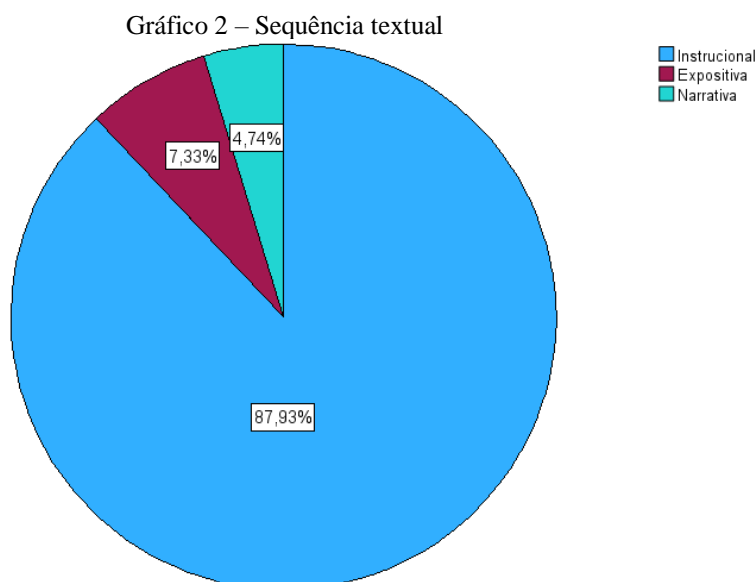
8: SRA. WATERFORD: **Volte** para o seu quarto.

Levando em consideração que o contexto sócio-histórico se reflete também no comportamento linguístico de uma sociedade; a seguir, buscaremos descrever a manifestação da modalidade deôntica, observando, por meio da estruturação da Pragmalinguística, como ela se dá em *O Conto da Aia*. Visto que, para Fuentes Rodríguez (2017), a organização linguística é influenciada pelo contexto e se dá por níveis que interferem diretamente nos que estão abaixo, começaremos pela superestrutura, que é o nível mais alto, o textual.

4.2. Superestrutura

A superestrutura, segundo Fuentes Rodríguez (2013), é o nível linguístico que condiciona as estratégias discursivas da macroestrutura e da microestrutura. Sendo o nível mais alto na organização da Pragmalinguística, pode ser entendida como o gênero textual, em textos homogêneos; ou, em caso de textos heterogêneos, a sequência discursiva que os compõe: narrativa, expositiva, instrucional.

Entendendo que a série *O Conto da Aia* é um texto heterogêneo, ou seja, é formado de mais de uma sequência discursiva, analisamos a ocorrência das três sequências discursivas. E, tendo em consideração essas três categorias, foi possível constatar que a predominância, conforme esperado, do tipo instrucional com 87,93%, seguido por 7,33% da sequência expositiva, e 4,74% da narrativa.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Tal fato ocorre, pois, a sequência instrucional se relaciona diretamente com a conduta esperada, seja pela sociedade ou pelos cidadãos. A expositiva e a narrativa, por sua

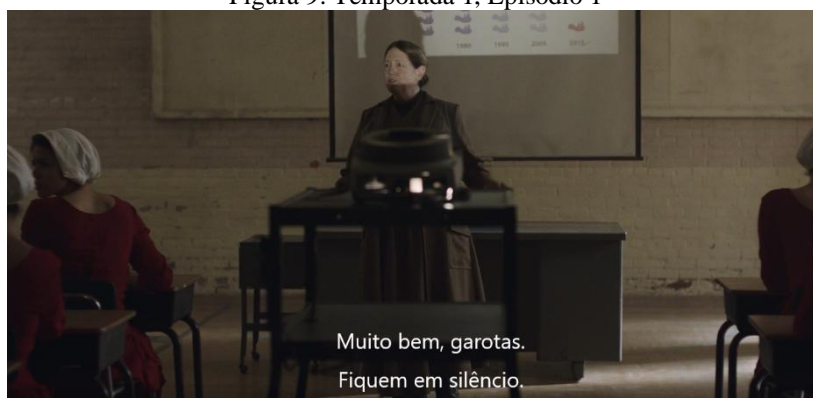
vez, estão preocupadas em descrever ou contar algo, não sendo estruturas textuais condicionantes para a modalidade deôntica.

4.2.1. Sequência Instrucional

Para Fuentes Rodríguez (2017), essa sequência se relaciona com as determinações que visam atuar sobre como o outro deve agir. No caso da série “*O Conto da Aia*”, notamos o condicionamento de o querer de alguém sobre a conduta de uma outra pessoa ou conjunto de pessoas. Conforme observado em nosso estudo, a modalidade deôntica se fez mais preponderante nas sequências instrucionais, em 87,93% dos casos. Isso deve-se ao fato de que, ao indicar o quê e/ou como algo precisa ser realizado por alguém, ocorre um desnivelamento na hierarquia entre os interlocutores, gerando produções linguísticas que buscam interferir no agir do outro.

Há circunstâncias mais explícitas da sequência instrucional, como em (9):

Figura 9: Temporada 1, Episódio 1



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

9: TIA LYDIA: **Fiquem** em silêncio.

Nessa situação, a Tia Lydia, encarregada por treinar as mulheres a serem Aias³⁵, está ensinando-as sobre o ambiente caótico pelo qual a Humanidade está passando, que após guerras nucleares e mudanças climáticas, há lugares inóspitos e as taxas de fertilidade caíram drasticamente, por exemplo. Esse cenário justificaria a criação de um novo sistema dentro do qual as Aias estão inseridas. Ela, então, é uma das encarregadas de sujeitar as mulheres a uma preparação sobre todas as regras de como ser uma Aia, e, em caso de alguma desordem ou insubordinação, possui autorização do Estado para punir, geralmente, fisicamente. Assim, ela tanto instrui as Aias como tem poder sobre elas.

³⁵ Mulheres férteis que são compelidas pelo Governo a reproduzirem.

A própria cena enunciativa que somos apresentados evoca a figura de professor e de alunos. O que reforça a utilização de deonticidade, visto que o discurso pedagógico é comumente atrelado à figura de uma autoridade (Magalhães, Ninim e Lessa, 2014), e, logo, a modalidade deôntica tem maior propensão de ocorrer.

Todavia, nem sempre é necessário haver uma diferença hierárquica muito bem delimitada para a ocorrência de instrução, visto que a autoridade pode ser tanto “de força” como “de conhecimento”. Aguiar (2016, p. 53) afirma que a ideia de autoridade “que compreende desde imagens de tirania a imagens de supervisão e conselho”. Como podemos observar na Figura (10), quem instrui repassa um conhecimento para o outro sobre algo que ele não detém:

Figura 10: Temporada 1, Episódio 7



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

10: AJUDANTE DE FUGA: **Puxa** o ejetor, **coloca** as seis balas.

Nesse caso, Gilead está se consolidando como novo Estado, e June e sua família tentam fugir dos Estados Unidos para o Canadá. Nessa tentativa, o encarregado de ajudá-los ensina Luke, marido de June, a utilizar o revólver caso precise. Existe, inclusive, uma sequência de passos que Luke deve seguir para que ele consiga atirar com êxito. Ele faz uso de imperativos que prescrevem todo o encadeamento de ações que Luke deve tomar.

Da mesma forma, podemos destacar os casos que o contexto, mesmo que não explicitamente voltado a ensinar algo, indica posturas ou ações as quais os personagens devem seguir.

Na cena retratada, a Sra. Waterford está esperançosa sobre a possibilidade de Offred estar grávida, e, após convidá-la a ir visitar uma amiga sua, a esposa do comandante indica que sua Aia deve terminar sua alimentação para que, em seguida, saia com ela.

Figura 11: Temporada 1, Episódio 3



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

11: SER: **Termine** o almoço, **coma** tudo.

Logo após, enfatiza a completude por meio do imperativo “coma” juntamente com o pronome “tudo”, indicando que Offred, como Aia que é, não controla nem a quantidade de comida que come, servindo como “recipiente”. Vale enfatizar que, como há expectativas boas, já que as Aias são antes de tudo utilizadas para procriação, a Sra. Waterford não obriga da maneira mais incisiva, apresentando voz em tom baixo e um sorriso discreto. Há até traços em suas feições que amenizam o comando instaurado: para fazer o convite para sair com Offred, ela se senta para ficar na mesma altura; o tom de voz mais ameno; o sorriso ao dizer que a Aia precisa se alimentar bem, fazendo uma pequena brincadeira com ela. Todavia, ela continua exercendo autoridade sobre a Offred, não podendo ser entendido como um simples pedido o que ela diz. Outro fator é que ela quer a Offred alimentada não por preocupação direta com a mulher que está a sua frente, mas, antes de tudo, para que sua Aia consiga ter uma gestação saudável e conceba um filho em boas condições.

Tendo explanado situações envolvendo a sequência instrucional, veremos como se deu a ocorrência da sequência expositiva no nosso *corpus* de análise.

4.2.2 Sequência Expositiva

No que diz respeito à sequência expositiva, é possível notar um recorte descritivo por parte do falante de um objeto, pessoa ou conceito (Marquesi, Elis, Cabral, 2017). Em geral, busca-se explicar os procedimentos a serem seguidos ou condutas tidas como apropriadas para determinados momentos. No exemplo abaixo, Offred acaba de se posicionar para a Cerimônia, ficando de joelhos, quando o Comandante Waterford adentra a sala. Inevitavelmente ela estranha sua chegada, visto que existe todo um protocolo a ser seguido, e revisita, nos seus

pensamentos, os passos que deveriam ter ocorrido antes de sua entrada: deveria entrar os empregados da casa primeiro, depois a Esposa, e só então o Comandante adentra. Vale ressaltar que sendo o último a se fazer presente, mesmo assim, precisa bater na porta e esperar a autorização da Esposa.

Figura 12: Temporada 1, Episódio 4



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

12: OFFRED: **Tem que bater.**

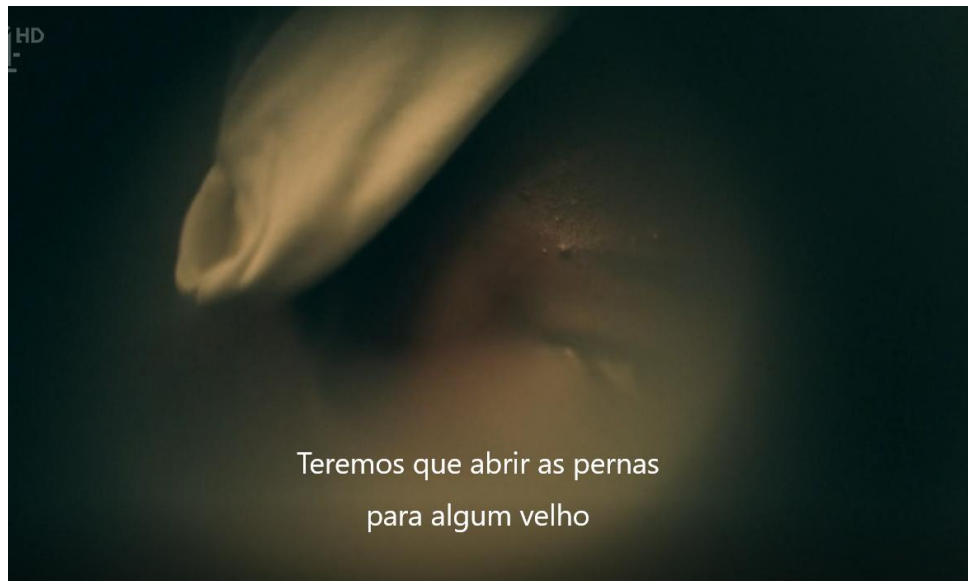
Fica claro que, estando confusa sobre o fato de o Comandante ter entrado na sala antes do previsto, a Aia revisita mentalmente os passos a serem seguidos de forma que notamos a descrição de um momento. Cabe salientar que o uso da perífrase modal “ter que” + “infinitivo”, sugere uma obrigação que o Comandante deve seguir. Contudo, a Offred não tem poder para impô-la, ela apenas descreve os motivos que o impedem de estar no recinto, quem o obriga a seguir estas normas é o Governo, que regula, nesse caso, o procedimento a todas as casas que possuem Aias e, conseqüentemente, fazem a Cerimônia.

Explorada a sequência expositiva, vejamos como se deu a sequência narrativa na série *O Conto da Aia*.

4.2.2 Sequência Narrativa

Em se tratado da sequência narrativa, conforme Marquesi, Elias, Cabral (2017), diz respeito “à apresentação de acontecimentos”. Como já mostrado, tivemos o índice de 4,74% das ocorrências. A principal característica percebida é a tentativa de relatar situações do cotidiano. Como podemos ver a seguir:

Figura 13: Temporada 1, Episódio 4



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

13: MOIRA: **Teremos que abrir** as pernas para algum velho para parirmos um filho para a pátria.

No excerto (13), Moira conversa com June, ambas em processo de se tornarem Aias, no banheiro do Centro Vermelho, local usado para treinar mulheres para serem Aias. Em um determinado momento, ela expõe o fato de terem que serem expostas a relações sexuais com comandantes para tentarem que elas engravidem, tendo escutado essa informação de outra mulher no Centro Vermelho. Com a construção “ter que + abrir”, ela retrata uma obrigação que elas terão de assumir.

De forma semelhante, no excerto (14), após o Comandante Waterford aparecer no quarto de Offred e se oferecer para depilar suas pernas com lâminas, ela descreve o fato de que, enquanto ela (Offred) retira os pelos de suas pernas, Rita sempre fica esperando do lado de fora, pois as Aias não podem ficar só por muito tempo com objetos cortantes, já que podem se suicidar, tendo em vista a vida que estão levando.

Figura 14: Temporada 1, Episódio 8



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

14: JUN: **Não podemos ter** lâminas por mais tempo do que o necessário...

Sendo assim, ela apresenta um fato da sua rotina e de outras aias, demonstrando haver proibições dos atos de todas as mulheres na condição de servas, principalmente no que tange ter contato com materiais que podem colocar suas vidas em risco. Ao mesmo tempo, indica que, o seu comandante estar portando lâmina e disposto a depilá-la, é uma infração ao convencionalmente socialmente em Gilead. Ou seja, ele também contraria as normas do Estado, o que significa que não há obediência total. Vale ainda o destaque para o fato que os telespectadores acessam esse relato por meio dos pensamentos de Offred (June 2). Ela não verbaliza acusticamente tais palavras, deixando-as reclusas para si em sua mente. Além disso, ela não é a fonte, já que não possui poder algum de normatizar tais medidas, ela é locutora de regras estabelecidas pelo Governo.

Isso parece demonstrar que, desta maneira, a língua utilizada sofre pressão dos meios externos, visto que a organização social que enquadra diferentes pessoas em papéis específicos, valida ou impede a expressão dos personagens, corroborando com o poder simbólico de Bourdieu (2007).

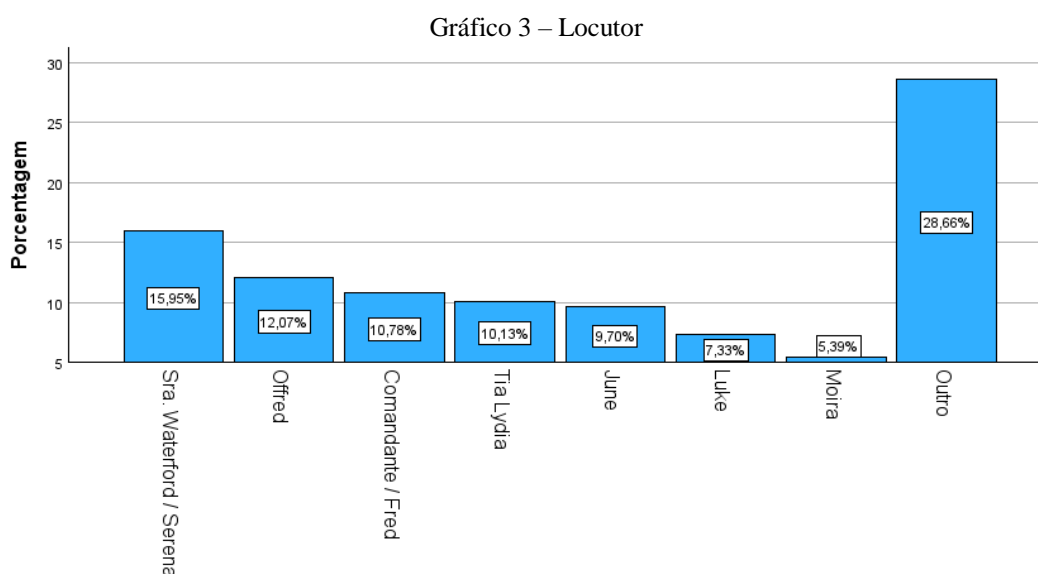
Consideradas as sequências discursivas inerentes à superestrutura, concentraremos nossas atenções nos aspectos voltados aos participantes do discurso, no plano macroestrutural.

4.3. Macroestrutura

Para Fuentes Rodríguez (2017), a macroestrutura é responsável por influenciar na organização textual, já que nela se estruturam os mecanismos do discurso. Nesse nível, têm-se

em consideração a interação entre falante (planos modal e enunciativo) e ouvinte (planos informativo e argumentativo)³⁶.

Daremos início a nossa análise da macroestrutura fazendo um comparativo entre locutor e fonte deôntica. De acordo com Fuentes Rodríguez (2014), quem enuncia e quem instaura a mensagem por vezes são coincidentes, contudo, podem ser diferentes. Se nos atentarmos aos locutores, ou seja, quem fala a mensagem para o interlocutor, há preponderância dos personagens: Sra. Waterford (15,95%); Offred (12,07%); Comandante (10,78%); Tia Lydia (10,13%); June (9,70%); Luke (7,33%); Moira (5,39%).³⁷



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

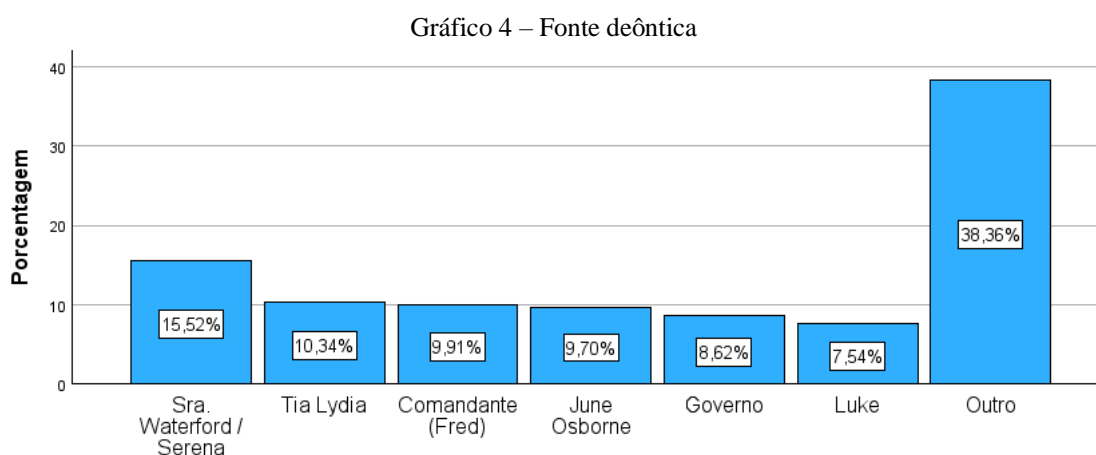
Se nos atentarmos, a maioria dos locutores são mulheres (cinco entre os sete personagens que mais ocorrem como locutores). Acreditamos que isso se dá principalmente pelo fato de que a série passa mais tempo mostrando mulheres, sejam Aias, que são um foco inquestionável; as esposas, que coordenam as casas em que as Aias ficam; e as Tias que são as responsáveis por instruir as Aias.

A figura masculina do Comandante não é a mais frequente, dado que por vezes ele está ausente da casa trabalhando e o Luke passa a maior parte do tempo da 1ª temporada apenas como lembranças esporádicas, visto que ele não fica em Gilead.

³⁶ Consideraremos as seguintes categorias para análise dos planos: plano modal (a modalidade deôntica); enunciativo (locutor, fonte e alvo); plano argumentativo (descortesia/cortesia); plano informativo (desconsideramos categorias desse plano, pois não julgamos pertinentes para nossa análise).

³⁷ Destacamos que, em todos os gráficos analíticos, onde aparecer a categoria “Outros”, corresponde às variáveis que perfizeram menos de 5% condensadas em uma única.

No que tange à fonte, ou seja, o real indivíduo ou instituição com poder de instaurar algum valor deôntico, destacamos: Sra. Waterford (15,52%); Tia Lydia (10,34%); Comandante (9,91%); June (9,7%); Governo (8,62%); Luke (7,54%). A distinção entre fonte e locutor se faz pertinente pois podemos assim perceber que nem sempre quem institui comandos é quem está falando.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Fazendo o comparativo entre o Gráfico 3 – Locutor, e Gráfico 4 – Fonte deôntica, os dados parecem indicar que a Sra. Waterford além de ser quem mais profere falas com modalidade deôntica dentre os personagens, ela é a principal fonte de instauração. Por outro lado, Offred é a segunda personagem que mais tem em sua fala a manifestação da deonticidade, mas como fonte, seus dados ficam abaixo de 5%. Isto sugere que ela mais reproduz ou reporta discursos autoritários, que lhe foram repassados, do que instaura efetivamente, já que não tem poder na hierarquia social. Isso é um indício claro de seu papel social, dado que as Aias não tem poder de agir sobre outros. Outro fator que pode indicar isso é que a personagem principal quando era June, ou seja, antes de Gilead, tem coincidência numérica entre quando ela é locutora e fonte (9,7% em ambos os gráficos, 3 e 4). O que indica que ela, quando não é Aia, parece efetivamente instaurar deonticidade.

Os personagens Tia Lydia, Comandante Waterford e Luke tem números similares entre locução da modalidade deôntica e instauração da mesma. Isso se dá, pois os dois primeiros são autorizados por Gilead de dar ordens e proibições, e o segundo, na sociedade pré-Gilead possui relativa liberdade de instaurar valores deônticos.

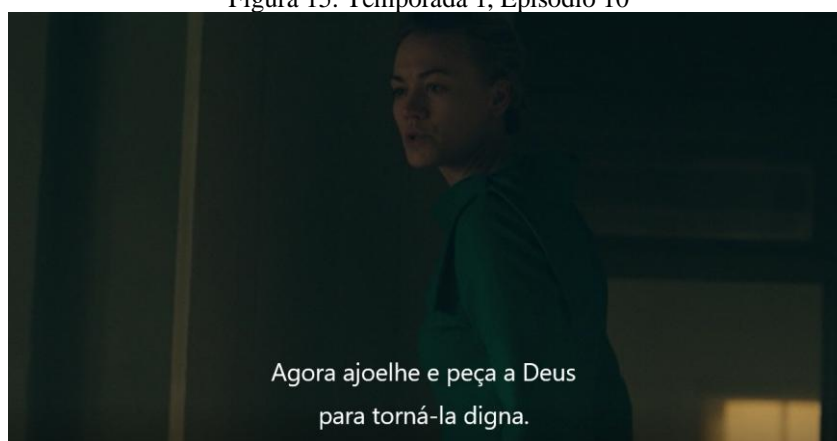
Um outro fator que merece destaque é a aparição do “Governo” como fonte deôntica. Isso implica dizer que, embora não seja um personagem efetivo da série, essa instituição, que regula a vida de todos na nova República aparece na manifestação discursiva.

Vejamos, assim, alguns exemplos que exemplificam a categoria fonte deôntica em nossa pesquisa.

4.3.1. Locutor e Fonte Deôntica

Feita a análise dos dados, faremos uma síntese com alguns casos de fonte deôntica, visto que esta é a indivíduo (Lyons, 1977) ou instituição que manifesta imposições que interferem na conduta de terceiros. Como consequência, é possível mapear de onde vem, ou em outras palavras, quem instaura comandos/ordens que possam indicar autoritarismo. Nos casos em que o locutor da mensagem é detentor de poder em um contexto específico, há uso de modalidade deôntica sem que haja preocupação com nenhum traço de amenização de força. Podemos notar isso em (15):

Figura 15: Temporada 1, Episódio 10



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

15: SRA. WATERFORD: Agora **ajoelhe** e **peça** a Deus para torná-la digna.

Nesse momento, a Sra. Waterford está enfurecida com Offred, pois descobriu que ela e seu marido estão saindo às escondidas para terem encontros no Jezebels, bordel secreto onde mulheres são prostituídas à homens do alto escalão de Gilead. Dessa forma, ela tanto a agride verbalmente e fisicamente como, após dar um teste de gravidez a sua Aia, ela a ameaça, mandando que ore para que esteja grávida, caso contrário, sofrerá sanções ainda mais severas. Assim, a Sra. Waterford é descortês com sua Aia.

Após observar que o teste de gravidez deu positivo, a Sra. Waterford se acalma mais e permite que Offred possa descansar. Diminui o grau ameaçador que passava na fala e nas ações, contudo permanece no poder, não à toa autoriza que a Aia possa repousar um pouco, como em (16).

Figura 16: Temporada 1, Episódio 10



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

16: SRA. WATERFORD: **Descanse** um pouco.

Outra personagem que aparece como fonte da modalidade deôntica e é validada pela sociedade para impor ordens às Aias é a Tia Lydia, visto que ela é uma das responsáveis pelo treinamento das Aias. Dito de outra forma, as Esposas e Tias recebem poder do Estado, a voz delas são validadas em alguns contextos, ou seja, quando elas estão instruindo o comportamento das Aias, representam o poder do Estado.

Figura 17: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

17: TIA LYDIA: **Demonstrem** a devoção de vocês, e seremos recompensadas.

Em (17), as Aias estão ajudando a Ofwaren (antes, Janine) a ter a criança que ela estava esperando, e a Tia Lydia é a responsável por organizar toda a cerimônia e as Aias dentro da casa dos senhores da Ofwarren. Por conseguinte, suas instruções são seguidas sem

questionamentos, e, ao pedir devoção das mulheres presentes, faz com que elas obedeçam e continuem com o rito de maneira uníssona.

Destacamos que, conforme já exposto, sendo o contexto capaz de interferir nas relações sociais, poderemos flagrar essas tenções refletidas na língua. O que buscamos dizer é que a dinâmica entre os indivíduos e o que socialmente é permitido/obrigado/proibido pelo Governo, ente onipresente e onipotente, depende das situações que eles se inserem. Observemos também o excerto 18:

Figura 18: Temporada 1, Episódio 3



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

18: OFWARREN: Posso contar um segredo? **Posso fazer** o que eu quiser. Eu tive um bebê.

No episódio 3, Ofwarren (antes, Janine) tem acabado de dar à luz a um bebê e a senhora Putnam³⁸, ao retirar o bebê de seus seios abruptamente, é mordida por ela. Offred (antes, June) adverte Ofwarren que ela não pode realizar ações como essa. Todavia, por ser capaz de ter uma bebê saudável e que ainda vai ter que cuidar amamentando, de forma que garanta sua nutrição e, conseqüentemente, sua sobrevivência, Ofwarren que, como outras Aias, é cerceada de agir com liberdade, passa a ser “permitida” a comportar-se “um pouco mais livremente”. Ela reconhece isso em sua fala, quando diz poder fazer o que quiser por ter tido um bebê. Mesmo que não seja efetivamente tudo, qualquer ação que indique escolha por parte da Aia é de grande valia dentro de Gilead, e ela é permitida a algumas delas, como a possibilidade de comer sorvete, uma vez que não enfrenta punições severas a depender do que faz. Isso tudo é consequência do valor que Ofwarren passa a ter, mesmo que seja como reprodutora, uma vez que gerou uma criança saudável. Vale mencionar que, uma vez que a

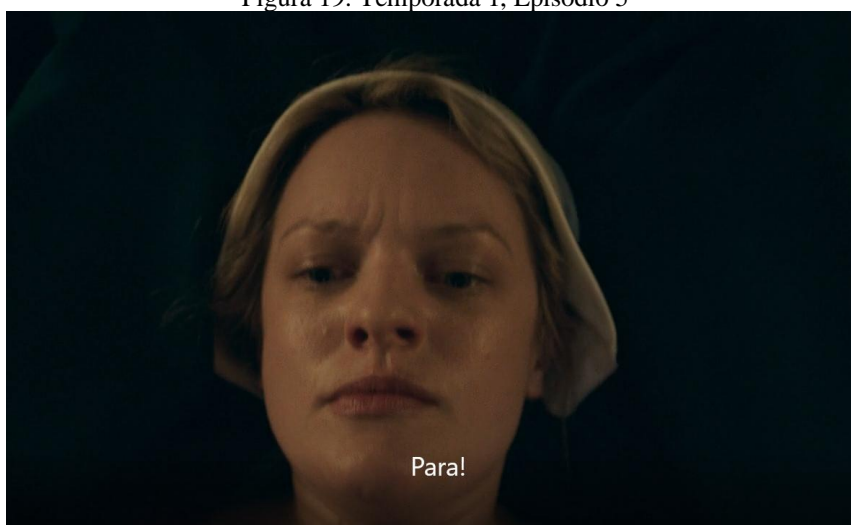
³⁸ Esposa do Comandante da casa a que Ofwarren está alocada.

criança crescer um pouco, Ofwarren não terá o mesmo tratamento, pois perderá a “utilidade” dentro para a casa dos Putnams, sendo realocada para tentar ter filhos em outro local.

Da mesma forma, é notório que, por vezes, as mulheres desejam se expressar e, até mesmo, impor suas vontades, porém são impedidas ou sofrem sanções severas, como perder o dedo, ser apedrejada, ter o olho arrancado, etc.

No exemplo 19, está acontecendo mais uma Cerimônia, ritual que o Comandante Waterford tenta engravidar a Aia enquanto ela está deitada entre as pernas da dona da casa.

Figura 19: Temporada 1, Episódio 5



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

19: OFFRED: **Para!**

Nesse episódio em específico, ele já havia tido encontros secretos com Offred em seu escritório, e então, durante a Cerimônia, ele chega a ficar olhando para seu rosto e chega a tocar em suas pernas. Offred, por medo da Sra. Waterford que se encontra junto a eles, quer que ele pare com isso, porém, é impedida socialmente de demonstrar sentimentos, inclusive descontentamento, pois pode ser comprometedor. Além disso, ela não tem autoridade para proibir que o Comandante aja conforme ele queira, tendo em vista a hierarquia de Gilead. Assim sendo, a expressão imperativa “para” que os telespectadores têm acesso fica restrita aos pensamentos de June³⁹, comprovando que por mais que ela queira, ela não tem poder para demandar por algo naquela situação.

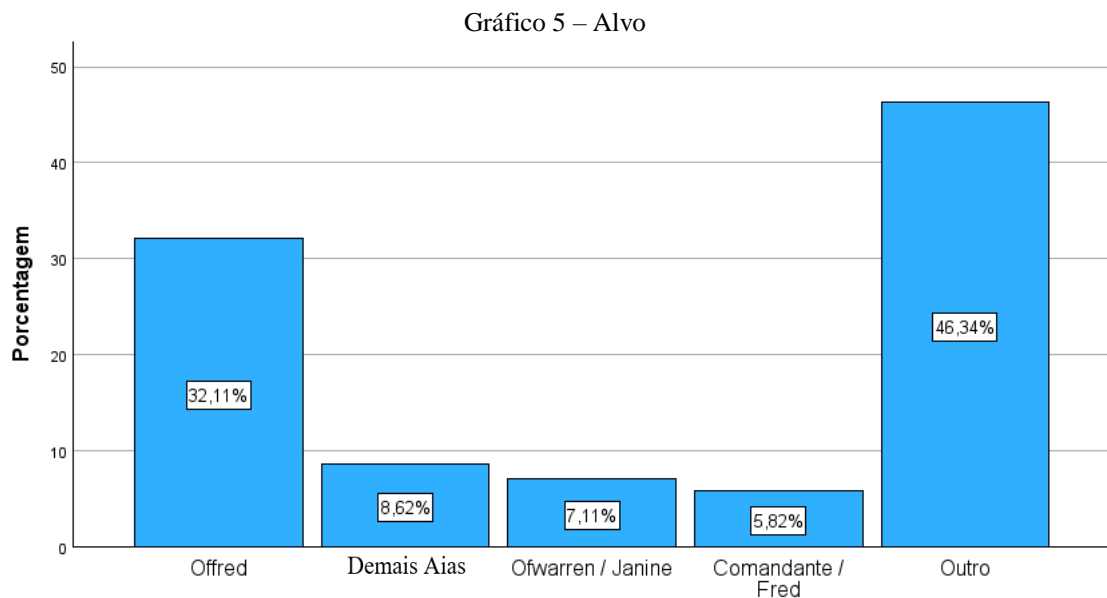
Outra importante categoria para se entender a modalidade e que está atrela intimamente ao conceito de fonte é o alvo deôntico, o qual analisaremos no próximo tópico.

³⁹ Nesse instante, a ordem de parar, a expressão de raiva/descontentamento é de June, a mulher que outrora fora livre, mas as amarras sociais a impedem externalizar o que pensa. Geralmente, os pensamentos que temos acesso são os pensamentos de June, por isso, por vezes, temos contato com palavras, inclusive.

4.3.2. Alvo Deôntico

Focando nos alvos da modalidade deôntica, observamos a preponderância da Offred com 32,11%, demais Aias com 8,62%, Ofwarren com 7,11%, e o Comandante Waterford com 5,82%. Notando que as três primeiras colocações dos alvos são de Aias, se condensarmos os números, temos 47,84%, ou seja, quase metade dos alvos da modalidade deôntica se concentram em Aias. Cabe destacar que Offred (antes, June) é a personagem⁴⁰ a quem mais acompanhamos, visto que ela é a protagonista e, por várias vezes, personagem-narradora. Ela simboliza, em alguma medida, a vivência de outras aias. Isso sugere o discurso autoritário muito mais marcado sobre a mulher que é impelida a ser Aia, visto que, para Orlandi (1987a), nesse tipo de discurso a reversibilidade entre os integrantes da interação se inclina a zero, ou seja, alguém que impõe não espera um troca com o outro, apenas que cumpra, principalmente se há hierarquização como encontramos em *O Conto da Aia*.

No caso do Comandante, em geral, quando ele é alvo, o valor mais atrelado é a obrigação, conforme veremos mais adiante. Isso indica que ele possui condutas e posturas que deve seguir como figura de poder, geralmente endossadas pelas regras sociais impostas pelo regimento governamental ou por ele mesmo.



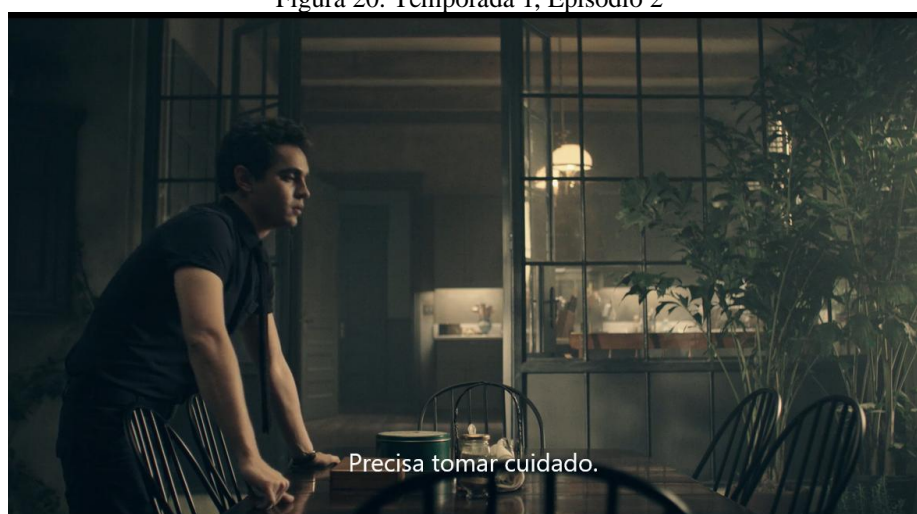
Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Vejamos alguns casos que ilustram a ocorrência da modalidade sobre os personagens de *O Conto da Aia*.

⁴⁰ Faremos o cruzamento dos dados entre as categorias de Fonte e Alvo para observar quem mais impõe e a quem.

Em (20), Nick, motorista dos Waterfords, conversa com Offred após vê-la voltando do supermercado com sua parceira de compras, Ofglen (antes, Emily). Ele a alerta sobre o risco de ela estar conversando com Ofglen. É importante destacar que ele não possui poder para impedi-la de conversar com a outra Aia, mas ele, como amigo dela, utiliza o verbo “precisar” como auxiliar modal para chamar atenção que é uma obrigação dela de ser cuidadosa, alertando-a sobre problemas que possam surgir e, conseqüente, a possibilidade de ela ser penalizada. Dado que tomar cuidado compete, nesse contexto, apenas a Offred, já que é de sua escolha continuar correndo risco ou avaliar melhor suas ações.

Figura 20: Temporada 1, Episódio 2



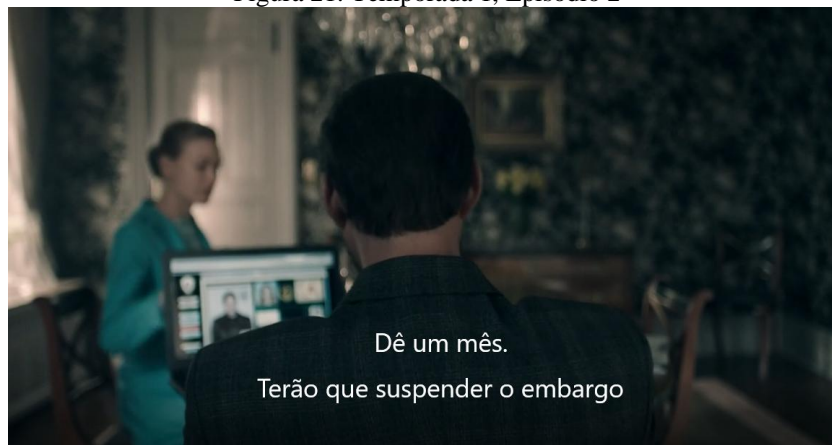
Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

20: NICK: **Precisa tomar** cuidado.

No exemplo 21, temos a Sra. Waterford conversando com o Sr. Waterford no começo da manhã. Nessa ocasião, ela aproveita o momento para opinar sobre política externa, o que oficialmente não é permitido dado que as mulheres não participam da vida política de Gilead. Ao que podemos perceber, a Europa embargou Gilead, mas ela sugere ao seu esposo que se mantenha firme, porque, após um mês, a Europa não manteria o embargo, pois precisariam deles. Muito embora a Sra. Waterford tenha algum nível de comando, visto que ela é esposa e, conseqüentemente, pode fazer algumas imposições, principalmente em relação a Aias, ela não deve interferir em assuntos políticos, já que isso é destinado aos homens, em especial, aos Comandantes. Logo, por mais que ela faça uso de imperativo, dizendo que Sr. Waterford “dê um mês”, o contexto assegura com que sua fala não se confunda com uma ordem, e seja vista muito mais como uma sugestão. Não à toa, o Sr. Waterford não dá muita importância à sua fala e comenta sobre a fuga de uma tia para o Canadá. Vale destacar que antes da

consolidação da República de Gilead, a Sra. Waterford (antes, Serena) era intelectualmente mais atuante e respaldada que Fred, o que demonstra que seu pensamento crítico sobre diversas situações continua ocorrendo, mas o meio em que está inserida cerceia sua manifestação, seja proibindo ou invalidando.

Figura 21: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

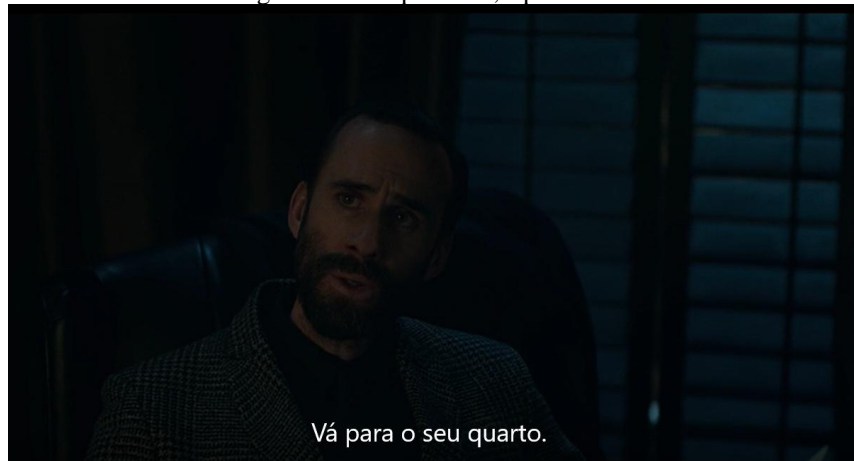
21: SRA. WAT.: **Dê um mês. Terão que suspender o embargo** se não quiserem que o euro entre em colapso.

Esse caso reforça a tensão de forças que existe entre fonte da instauração deontológica e alvo, uma vez que, o Comandante Waterford ocupa um dos maiores cargos hierárquicos na sociedade em questão e a enunciação proferida por Serena não consegue impor uma ordem significativa sobre ele. Em consequência disso, o contexto serve como atenuante a força do seu dizer, levando a considerar o dito como um conselho e não uma ordem. Situação totalmente diferente quando o alvo é Offred, como já observamos no caso 15, quando ela agride sua Aia física e verbalmente, ameaçando-a.

Destacamos, ainda, que casos de personagens que costumam ser fonte instauradora de deonticidade, a depender de com quem ela se relaciona, pode passar a ser alvo. No exemplo 22, a Sra. Waterford vai para o escritório de seu marido, onde discutem, pois havia descoberto que ele estava saindo com Offred. O Comandante acusa sua esposa de ter o feito pecar e ela diz que Deus sabe a verdade e que todos respondem a ele. É nesse momento que ele destaca que ela responde a ele e a manda ir para o quarto. Tendo em vista que ela é Esposa, em Gilead, é chancelado ao marido a possibilidade de mandar na esposa, assim como nos demais membros da casa, uma vez que ele é hierarquicamente o representante maior da sua família. Assim, percebemos que a interação condicionada, a partir dos aspectos sociais e contextuais, é crucial para a caracterização dos valores impressos nas enunciações deontológicas. É notório que o Sr.

Waterford reitera de maneira clara que ela é subordinada a ele e, então, dá a ordem. Ele prova seu poder sobre sua Esposa em outro momento da série de maneira ainda mais explícita, quando a agride fisicamente em determinada situação alegando desobediência, o que é validado pelas normas sociais de Gilead. Assim, na situação em análise em (22), devido à sua autoridade, a força de sua fala é asseverada.

Figura 22: Temporada 1, Episódio 10



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

22: FRED: E você responde a mim. **Vá** para o seu quarto.

Em (23), durante um encontro secreto no escritório do Sr. Waterford, o que é proibido, é ofertado a Offred uma revista do período anterior ao de Gilead. Ao oferecer o produto para a Aia, ele fala que supunha que ela iria gostar de ler. Todavia, essa ação é banida para qualquer mulher nessa nova sociedade.

Figura 23: Temporada 1, Episódio 5



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

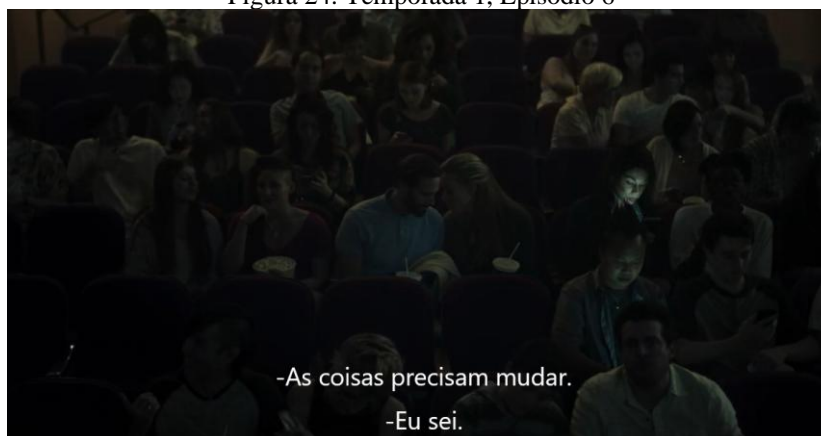
23: SR. WATERFORD: Achei que você gostaria de ler isto.

OFFRED: **Não é permitido.**

Diante disso, Offred menciona que não é permitido acessar um material assim. Não é uma proibição imposta por ela sobre o ato de ler ou para que o Sr. Waterford não a entregue a revista, mas, antes de tudo, é algo vetado pelas normas do Novo Governo. A utilização de adjetivo em posição predicativa (ou da voz passiva) serve para omitir a fonte deôntica, está implícita. Logo, a ela não é indicado que burle essa regra por Gilead. Outro fator a ser destacado é que a circunstância de estar em um momento mais íntimo com seu comandante lhe dá a possibilidade de lembrá-lo sobre uma norma social a ser seguida, contudo, não lhe afere poder de recusar e muito menos proibir que ele a dê, já que, caso ela imponha alguma vontade ou ação que interfira no agir de alguém hierarquicamente superior, fica passível de sanções.

No episódio 6, é apresentado aos telespectadores o processo de negociações para que Gilead surgisse. Em uma das cenas, Serena (futura Sra. Waterford) e Fred (futuro Comandante Waterford) vão ao cinema e, ao receber notificações no celular e abrir, ele se dá conta que o golpe para a implementação do novo Estado está em curso e parece apreensivo, mas Serena tenta acalmá-lo falando que é necessário que as coisas mudem.

Figura 24: Temporada 1, Episódio 6



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

24: SERENA: As coisas **precisam mudar**.

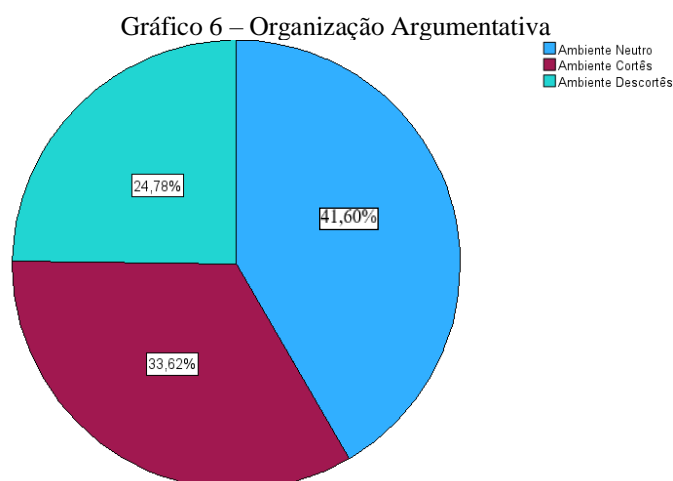
Ao proferir tais palavras, a personagem externaliza que as ações que estão em curso são uma necessidade moral. Há uma generalidade na sua fala sobre de onde parte a fonte de poder deôntico, ou seja, quem será a causa da mudança, e o alvo, quem ou o que será afetado, marcado pelo uso de um sintagma nominal genérico. Isso se dá dessa maneira para que Fred não se sinta pressionado sobre o que vai ocorrer, muito embora ele seja uma das mentes por trás disso. Além disso, com a construção linguística nesses termos, ela não instrui nem seu esposo, nem nenhuma outra pessoa a agir, até porque já estão agindo; antes de tudo, ela expõe uma opinião.

Outro aspecto relevante na macroestrutura, diz respeito à organização argumentativa, que analisa aspectos de (des)cortesia Fuentes Rodríguez e Prata (no prelo). Deteremos nossa atenção a tais aspectos na próxima secção.

4.3.3. Organização Argumentativa

Conforme já destacamos, o discurso é influenciado por aspectos contextuais e socioculturais (Fuentes Rodríguez, 2017). Dessa maneira, na interação verbal, o enunciador que busca uma harmonia com seu destinatário, apregoa traços corteses. Por outro lado, aquele que busca afetar a face do ouvinte, gerando assim desarmonia, emprega traços descorteses. Corroboramos com a visão de Brenes Peña (2011), que faz uma tripartição entre o discurso cortês, descortês e neutro. Esse último tipo discursivo, para essa autora, é atribuído à frequência de manifestação, que, de tanto ocorrer, perde força argumentativa e se neutraliza. Tendo em vista essa sistematização, podemos perceber 41,60% das falas da série marcadas pela modalidade deôntica são neutras; 33,62% são corteses; e 24,78% descorteses.

Cabe analisar que, no contexto da série *O Conto da Aia*, onde a hierarquia é bem marcada e ordens são comuns, consideramos neutra qualquer expressão que não há algum tipo de exagero na emotividade explícita, por exemplo, quando um personagem grita ou é rude com o outro. Em outras palavras, visto que é comum alguém de maior poder ordenar ou proibir pessoas menores na organização da sociedade de Gilead e, por vezes, determinadas atitudes são até protocolares; entendemos que não há, em geral, preocupação com a recepção do interlocutor em relação ao que é dito, pois o esperado é o cumprimento. Logo, o que se tem como “neutro” no nosso estudo, se, em outro texto que não o da série em questão, pode ser visto como descortês, pois no nosso caso, há neutralização de algumas construções dada a frequência e as interferências socioculturais, tal como aponta Brenes Peña (2011).



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Para ilustrar os casos de uso de falas com força argumentativa neutra, vejamos o exemplo 25:

Figura 25: Temporada 1, Episódio 1



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

25: TIA LYDIA: **Ajoelhem.**

No excerto em questão, a Tia Lydia dá a instrução para que as Aias se ajoelhem. Tendo em vista que as Tias sempre estão responsáveis pelo agir das Aias, o fato de dar ordem a essas mulheres se apresenta como algo totalmente aceito por toda a sociedade. As Tias, dessa forma, não precisam utilizar nenhuma estratégia que amenize, como “por favor”, ou dê ênfase a sua fala, como “agora mesmo”. Por esta razão, consideramos neutra.

Por outro lado, existem situações as quais é perceptível a alteração na postura, tom de voz ou, até mesmo, seleção lexical que afetam diretamente o interlocutor. No caso 26, Offred informa à Sra. Waterford (antes, Serena) que não está grávida, fazendo com que a Esposa tenha um acesso de raiva, agarre a Aia pelo braço, leve-a até o quarto e jogue-a no chão.

Figura 26: Temporada 1, Episódio 3



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

26: SRA. WATERFORD: Você **vai ficar** aqui e **não vai sair**. Entendeu?

Nessa circunstância, a dona da casa não apresenta nenhum tipo de filtro no trato, impondo a ordem sobre a Offred de permanecer dentro do quarto, enfatizando isso com o advérbio “aqui”, após levá-la por meio de força para esse local. Na mesma frase, impõe uma proibição, dizendo que ela está impedida de sair. Termina gritando, fazendo uso de um marcador discursivo (entendeu?), de forma a aumentar o grau de sua imposição.

Em contra partida, é notório que os papéis rígidos encontrados em Gilead, em alguns instantes, são amenizados. Conforme vemos no exemplo 27, o Sr. Waterford convida Offred a ir em seu escritório e lhe oferece uma revista, o que é proibido para mulheres, pois não podem ler. Ela, por receio, lembra-o que é proibido, mas, ele, usando tom cordial, afirma que com ele é permitido, porque ele detém o poder. A própria vestimenta que ele apresenta, calça e gola polo, bebidas, oferta de revista para Aia; tudo deixa claro que ele busca criar um ambiente agradável para ela. Dessa forma, a construção linguística de permissão que ele profere está atrelado a traços de cortesia.

Figura 27: Temporada 1, Episódio 5



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

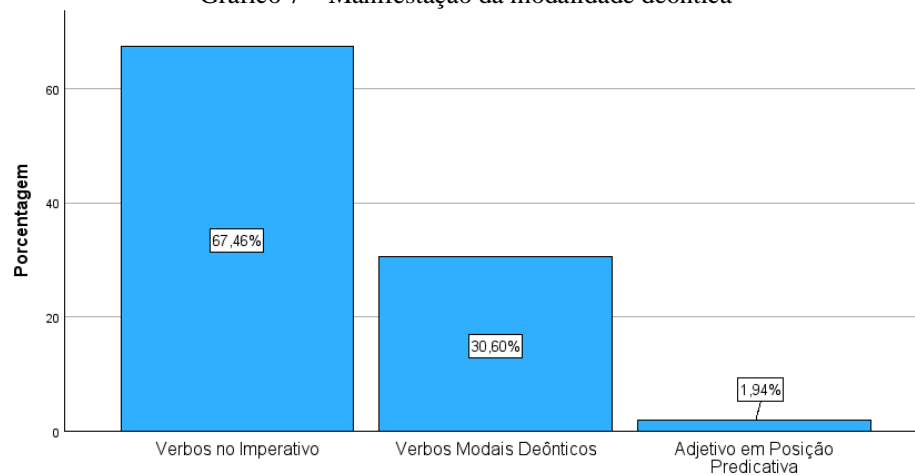
27: SR. WATERFORD: **É permitido** comigo.

Levando em conta a análise de aspectos do contexto, da superestrutura e da macroestrutura, na próxima seção, verificaremos as manifestações da modalidade deôntica com relação à microestrutura, nível este que se interliga diretamente com a descrição da manifestação deôntica dentro da língua portuguesa.

4.4. Microestrutura

Em se tratando da manifestação morfossintática da modalidade deôntica na microestrutura, observamos que os verbos no imperativo foram a forma mais frequente, perfazendo 67,46% das ocorrências. Em seguida, aparecem os verbos modais com 30,60% e, por fim, os adjetivos em posição predicativa com 1,94%.

Gráfico 7 – Manifestação da modalidade deôntica



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

No que tange a expressão semântica da modalidade deôntica para os verbos imperativos, o valor mais frequente foi a ordem com 34,7%⁴¹. Os valores que se seguem com expressividade acima de 5% foram: pedido (7,33%) e conselho (7,11%).

Gráfico 8 – Valores deônticos dos verbos no imperativo

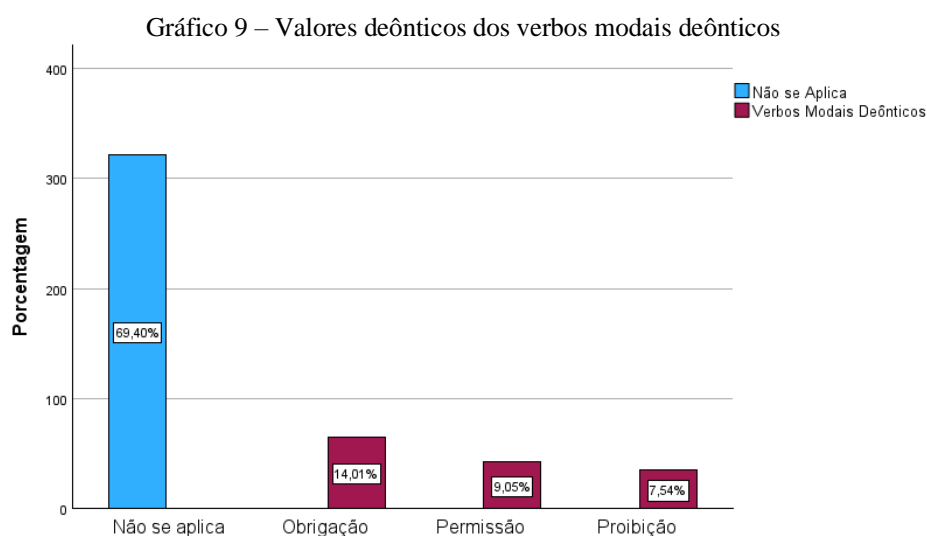


Fonte: SPSS a partir das análises do autor

⁴¹ A categoria “Não se aplica” presente nos Gráficos 8, 9 e 10, diz respeito aos outros tipos de manifestação da modalidade deôntica. Assim, em 8, equivale aos verbos modais e adjetivo em posição predicativa; em 9, verbos no imperativo e adjetivo em posição predicativa; e, em 10, verbos modais e verbos no imperativo.

Isso nos sugere que o uso dos verbos imperativos na série *O Conto da Aia* ocorre, em sua maioria, da forma mais direta, ou seja, para fazer imposições sobre uma outra pessoa. Os casos em que há amenização da força, seja por contexto ou hierarquia entre falante e ouvinte, parecem não terem tanta expressividade como os casos mais enfáticos.

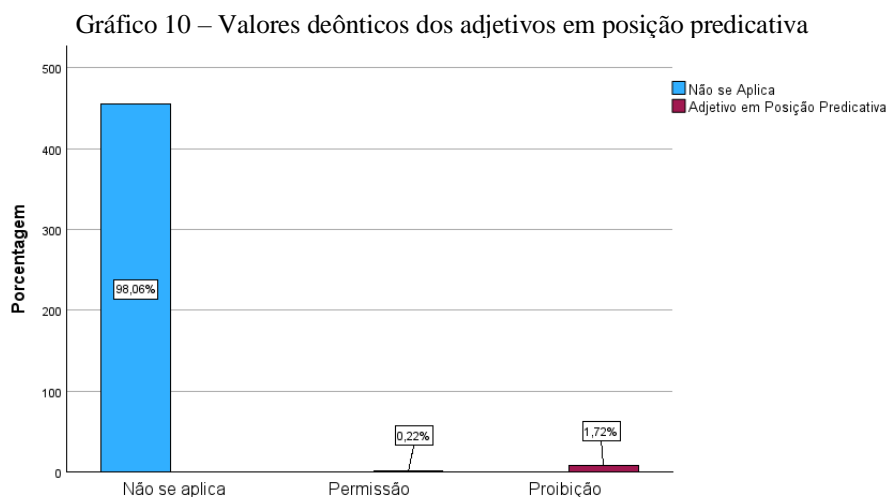
Em se tratando da semântica atrelada aos verbos modais (obrigação, permissão, proibição), a obrigação foi mais expressiva (14,01%), seguida por permissão (9,05%) e proibição (7,54%).



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Nossa hipótese é que, sendo Gilead uma sociedade a qual todos tem suas funções e o poder é bem marcado, a proibição não precisa ser o meio deôntico mais frequente, visto que a obrigação imposta ou moral é mais facilmente acessada.

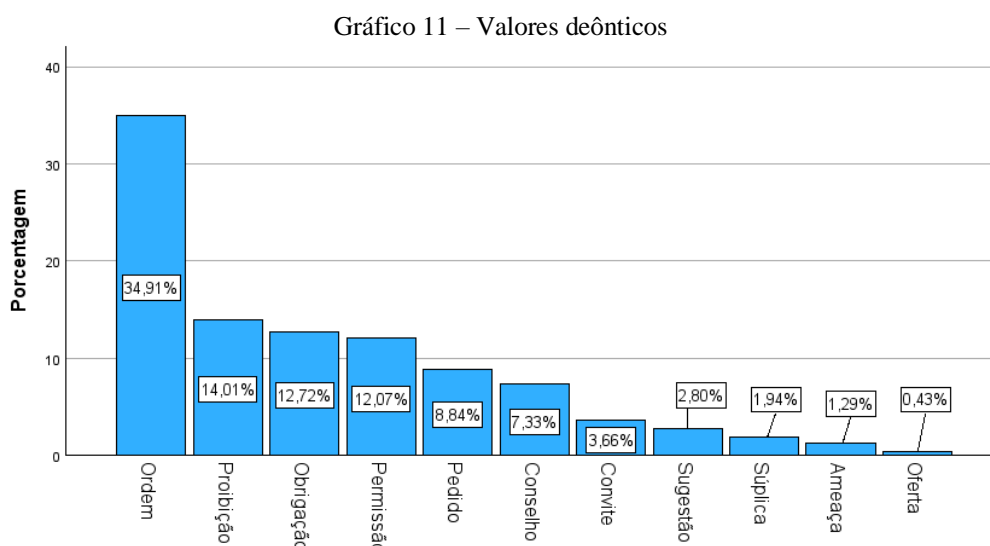
Ao que se refere aos valores modais atrelados aos adjetivos em posição predicativa, houve expressão apenas de proibição com 1,72% dos casos, e de permissão com 0,22%.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Acreditamos que as frases com ocorrência de adjetivos na posição predicativa foram menos produtivas em *O Conto da Aia*, pois, em geral, ela é uma estratégia de polidez a qual não há um comprometimento direto de quem fala sobre o que é dito, pois não há especificação do alvo. Contudo, acreditamos que o ambiente da série impele a preocupação do falante com o recebimento da mensagem por parte do ouvinte. Assim, assumimos que este é o motivo da preponderância do imperativo e da baixa expressividade dos adjetivos em posição predicativa.

Se considerarmos todos os valores condensados, independentemente do tipo de manifestação deôntica, constatamos que a ordem continua sendo o valor mais expressivo, precedida pelos eixos mais básicos da deonticidade: proibição (14,01%), obrigação (12,72%) e permissão (12,07%).



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Esses dados confirmam o que era esperado nas hipóteses, dado que valores mais impositivos como a ordem e a proibição perfazem a maior quantidade das ocorrências. O que indica uma influência mais direta de quem fala sobre a quem ele se adereça, e dado os valores descritos, aponta aspectos autoritários.

4.4.1. Expressão deôntica: Manifestação e Valores

4.4.1.1 Imperativo

Como já demonstrado, o imperativo foi o meio de expressão mais frequente no nosso estudo. Batista, Prata, Menezes (2021, p. 2213) afirmam ser o imperativo “forma de expressão mais gramaticalizada de modalidade deôntica”, o que corrobora com a expressividade de casos dentro de nossa análise. Salientamos que não é apenas o imperativo

atrelado ao modo verbal conforme a gramática normativa, mas das suas possibilidades de uso (Scherre e Andrade, 2023).

No exemplo 28, o Sr. Waterford leva Offred ao Jezebels, bordel secreto onde são mandadas algumas mulheres tidas como rebeldes para serem sujeitas à prostituição. Estando impactada com o ambiente aparentemente inimaginável para Gilead, Offred (antes, June) mostra surpresa e seu comandante lhe diz para agir naturalmente:

Figura 28: Temporada 1, Episódio 8



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

28: FRED: **Aja** naturalmente.

Percebe-se a utilização do **imperativo** do verbo “agir” para condicionar que a Aia se comporte de um jeito que não denuncie que é nova naquele ambiente visto como proibido, mas como algo normal no comportamento deles. Acresce-se o fator de quem é a fonte da enunciação é um Comandante, fazendo com que o que é dito a ela seja visto como algo ao qual ela deve seguir, seja porque contextualmente é interessante que ela não mostre desconhecimento do ambiente, como quem lhe diz para fazer é uma pessoa superior a ela. Assim, entendemos que esta seja uma ordem.

Outro exemplo é o que encontramos em 29. Nesta situação, Ofwarren (antes, Janine) está em trabalho de parto, e a Tia Lydia, ao perceber que a criança está prestes a nascer, ordena que as Aias presentes conduzam a grávida para uma cadeira. A partir de sua posição social, ela afere as instruções de como as mulheres presentes devem agir e o que fazer. A desinência de terceira pessoa do plural “-em” serve para agrupá-las de forma a cumprirem a ordem.

Figura 29: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

29: TIA LYDIA: **Levem-na** para a cadeira.

Em (30), somos apresentados, ainda no primeiro episódio, a uma Cerimônia de procriação. Nesse contexto, de regras cerimoniais rígidas, a esposa (Sra. Waterford) é encarregada de comandar o processo. O Comandante, ao chegar à porta e bater, só adentra após receber o indicativo que pode realizar essa ação. É um dos raros momentos nos quais a mulher é autorizada, por um procedimento instituído pelo próprio Governo, a agir sobre um homem. A esposa é resguardada pelos princípios norteadores de Gilead.

Figura 30: Temporada 1, Episódio 1



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

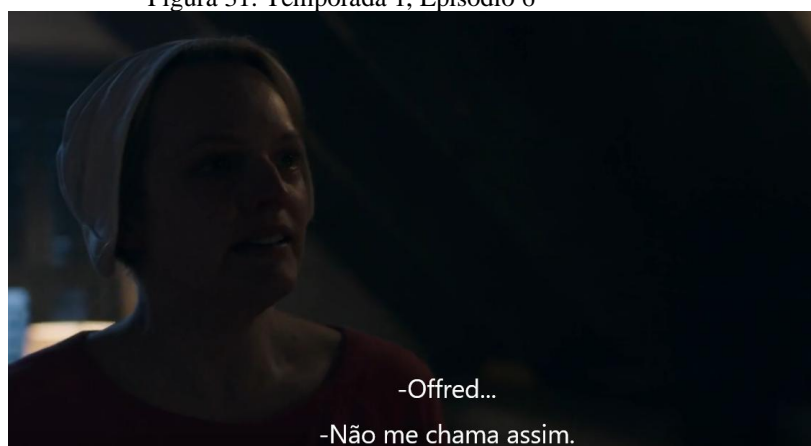
30: SRA. WAT.: **Entre.**

Observamos a utilização do imperativo do verbo “entrar” por parte da Sra. Waterford, que incidirá sobre o Comandante. As regras sociais anuem que, durante aquele momento, ela faça construções imperativas para seu esposo. Contudo, é muito mais cumprindo formalidades, já que se é esperado determinados comportamentos dentro da liturgia. Ela

continua tendo poder desproporcional em relação a ele, fazendo com que sua enunciação seja uma permissão, muito mais que uma ordem.

No episódio 7, Offred (antes, June) tenta desabafar com Nick (motorista dos Waterfords) sobre o fato de que, ao ser questionada como ela se sentia por uma embaixadora mexicana que visitou a casa, ela diz ser feliz. Nick, então, tenta consolá-la explicando que não há nada que ela poderia fazer diferente, e, busca uma aproximação, chamando-a pelo seu nome de Aia:

Figura 31: Temporada 1, Episódio 6



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

31: OFFRED: **Não me chama** assim.

Dentro dessas circunstâncias, Offred (antes, June) é incisiva e fala para que ele não a chame daquela maneira, pois não é seu nome. Devido o nível de intimidade que ambos possuem, posto que, de forma sigilosa, eles estão tendo um caso; ela age como não fosse Aia, expressando seus sentimentos e impondo que ela não utilize a designação que Gilead impõe a toda mulher na sua mesma posição. Assim, afere à sua fala uma proibição.

Quando temos uma paridade social, ou seja, não há sobreposição de poder e não há contextualmente algo que force um dos participantes da interação ser mais incisivo, deparamo-nos com amenização da força da ilocução. Conforme notamos em 32, Offred (antes, June) reencontra Moira após anos, o que é uma boa surpresa para ambas. Durante a conversa, Offred pede para que Moira diga o que se passou nesse interim de tempo que estiveram distantes. Percebemos que o imperativo do verbo “contar”, tendo em conta o contexto social e imediato, reflete um pedido.

Figura 32: Temporada 1, Episódio 8



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

32: OFFRED: **Me conta tudo.**

No exemplo 33, Rita fica sabendo da gravidez de Offred, e, ao encontrá-la na cozinha, abraça-a, dá-lhe um beijo na bochecha e indica que ela sente. Não há uma imposição formal sobre a ação que a Aia vai tomar, mas uma proposta, a qual Offred acata se quiser. Em razão da possibilidade de estar carregando um bebê, o tratamento dispensado à Aia já muda, sendo suavizado. Entendemos, portanto, ser uma sugestão, já que há uma maior liberdade de escolha da parte do outro.

Figura 33: Temporada 1, Episódio 8



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

33: Rita: **Sente-se.**

Situação diferente, observamos no exemplo 34, a qual, após Offred confrontar Nick sobre a possibilidade de ele ser um Olho (policia secreto de Gilead responsável por manter a

ordem), ele acaba confirmando. Contudo, após isso, ele utiliza o verbo “ir” no imperativo mais o verbo “deitar” no infinitivo, para impor que ela vá para seu quarto. O uso de advérbio “agora”, serve como estratégia argumentativa para dar mais ênfase ao dito, ou seja, ela deve fazer isso naquele momento. Atrelada à essa fala, ele utiliza uma oração subordinada temporal, a qual ele afere a consequência, em caso de não cumprimento do que ele diz por parte dela, ele a delatará. Assim, ele a ameaça de forma contundente.

Figura 34: Temporada 1, Episódio 5

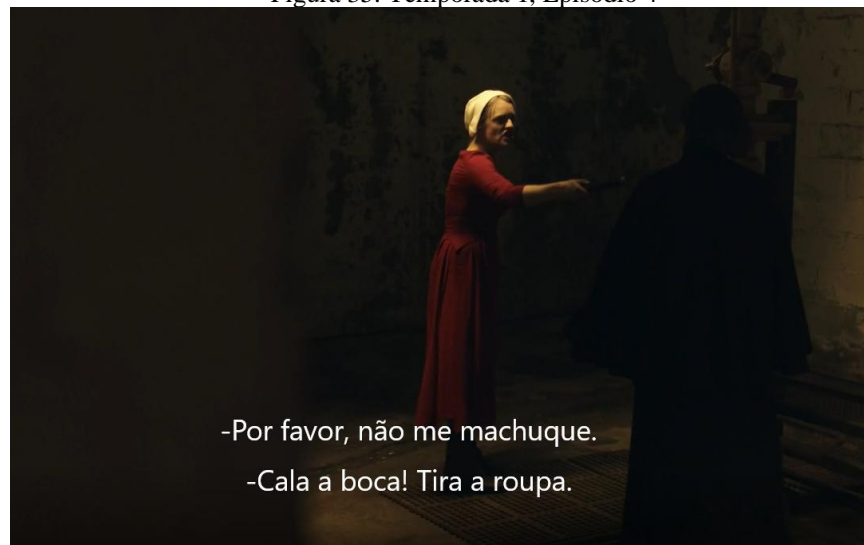


Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

34: Nick: Agora **vá deitar**, antes que eu entregue você.

Em 35, June e Moira tentam fugir do Centro Vermelho (local onde as mulheres são treinadas para serem Aias), e, para tanto, amarram uma Tia em uma sala a parte. Dado que a Tia está vulnerável, de mãos atadas e correndo risco de ser agredida, sua posição de mando é anulada momentaneamente. Dessa forma, o fosso de poder existente entre Tia e Aias se inverte nesse momento. Como consequência, o uso de “não” mais o verbo “machucar” não afere proibição, pois há prevalência de poder físico (Aguiar, 2016). Há, além disso, o emprego de “por favor”, para atenuar a possibilidade de soar agressiva com as detentoras do poder físico. Essa conjunção de fator caracteriza um pedido de tom desesperado, o que categorizamos como súplica.

Figura 35: Temporada 1, Episódio 4

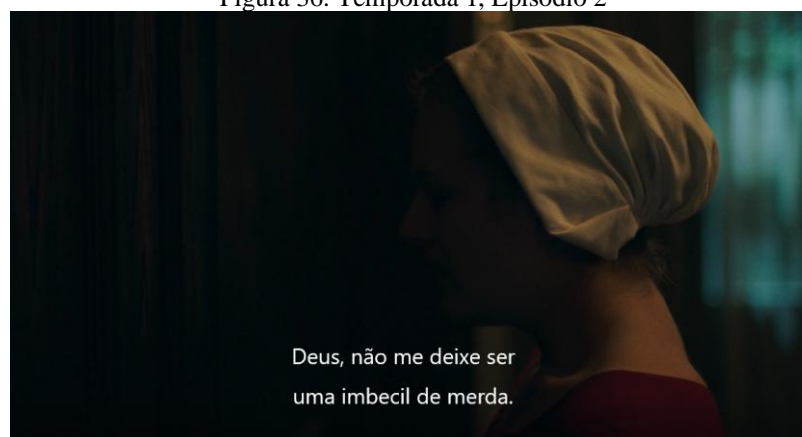


Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

35: TIA ELIZABETH: Por favor, **não me machuque.**

No período de tempo entre seu quarto e o gabinete, Offred (antes, June) faz uma analogia entre ela e uma mulher de filme de terror que desce ao porão achando que seu namorado a espera para alguma surpresa, quando, na verdade, ela se encontrará com um destino trágico. Dentro dessa circunstância, chega a caracterizar a mulher do filme como uma imbecil, e, em seguida, pede a Deus que a impeça de ser uma semelhante.

Figura 36: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

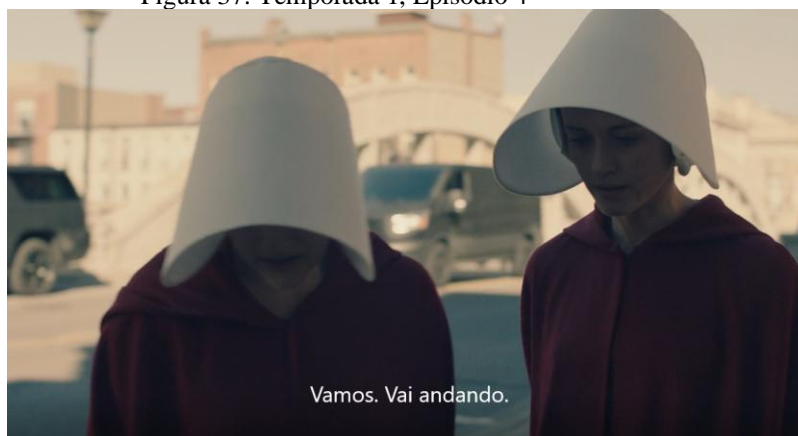
36: JUN: Deus, **não me deixe ser** uma imbecil de merda.

Por meio do verbo auxiliar “deixar” no imperativo, junto ao infinitivo “ser” e a partícula negativa “não”, Offred adereça a Deus uma súplica. Assumimos que o distanciamento de poder entre a Aia e Deus é altamente marcado, seja social como religiosamente,

principalmente na República de Gilead, teocrática por essência. Por conseguinte, Offred não tem autoridade para instituir um impedimento a figura de Deus, muito embora pareça desejar. Assim, a expressão de sua fala se aproxima muito mais a uma súplica.

Um último valor que mapeamos foi o de “convite”, ilustrado no exemplo 36. Após pararem de frente a uma vitrine de loja para conversar, Ofglen (antes, Emily) avista um carro dos Olhos e chama Offred para saírem daquele local e seguirem para casa. É importante observar que ambas personagens são iguais na hierarquia de Gilead. Para além disso, Ofglen se insere como parte integrante da ação de ir, por esse motivo faz uso do verbo na primeira pessoa do plural, fator esse que ameniza a força do valor imperativo em questão.

Figura 37: Temporada 1, Episódio 4



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

37: OFGLEN: **Vamos.** Vai andando.

Feita a apreciações de casos que ilustram os valores deônticos atrelados ao imperativo, analisaremos sua manifestação nos modalizadores deônticos, por meio de verbos modais.

4.4.1.1 Modais deônticos

Outro meio de manifestação da modalidade deôntica, especificamente da obrigação é a perífrase verbal “**ter + que**”. Conforme observamos em 38, várias Aias foram convidadas para participarem de um banquete oferecido por Gilead para uma delegação mexicana em visita ao país. Sendo as mulheres vítimas de diversas violências, algumas delas ficaram com sinais explícitos desses atos, desde cicatrizes a perda de membros corporais. Diante disso, a Sra. Waterford (antes, Serena) pede para que a tia Lydia retire qualquer Aia que tenha marcas de agressões, o que aborrece, dentre várias delas, Ofwarren (antes, Janine). Essa Aia teve um de

seus olhos arrancados depois de responder a uma Tia. É nesse âmbito que a tia Lydia expressa seu sentimento à Ofwarren na tentativa de amenizar a situação:

Figura 38: Temporada 1, Episódio 6



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

38: OFWARREN: Não é justo.

TIA LYDIA: Você tem razão. Mas às vezes **temos que fazer** o que é melhor para todos, e não o que é justo.

No excerto em questão, a Tia Lydia expressa a partir da construção “ter + que” junto ao infinitivo “fazer” a obrigação moral de que o dever está acima do que elas avaliam justo ou injusto. A obrigação, dentro deste contexto, é diferente da justiça. Dentro da situação posta, elas devem realizar o que é melhor para a imagem de Gilead, muito embora isso signifique a exclusão de parte dessas mulheres de participarem de um banquete. É uma atitude que recai sobre todos, inclusive a Tia Lydia. Por essa razão, ela faz o uso da primeira pessoa do plural junto ao “temos que fazer”.

No caso (39), temos a descrição, por parte da Offred, de como ocorre o procedimento da cerimônia. Ela expõe um dos primeiros passos que é o banho. Para tanto, ela faz uso do verbo “precisar” como auxiliar, atrelado ao ato de ficar limpa. Dessa maneira, Offred afere obrigação procedimental ao fato de que deve seguir um protocolo que, dentre outras ações, está o banho.

Figura 39: Temporada 1, Episódio 1

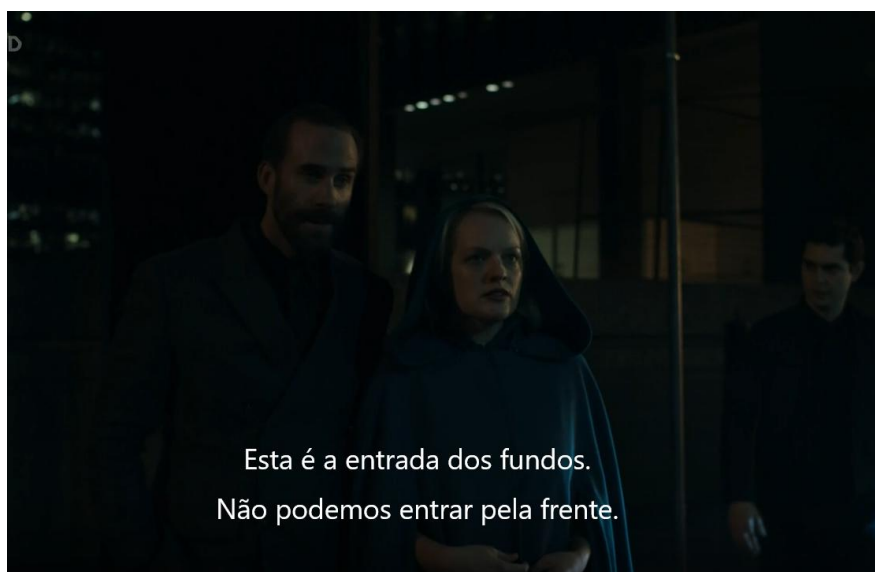


Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

39: JUN: **Preciso ficar** limpa.

No tocante à proibição, notamos a ocorrência do verbo “**poder**” como auxiliar modal, atrelado à polaridade negativa por meio do advérbio “**não**” e um verbo no infinitivo. Seria equivalente à negação da permissão, tal como apregoa Lyons (1977), como em (40).

Figura 40: Temporada 1, Episódio 8



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

40: FRED: Esta é a entrada dos fundos. **Não podemos entrar** pela frente.

Na ocorrência 40, o Sr. Waterford (antes, Fred) está levando Offred (antes, June) ao bordel clandestino, Jezebel. Ao chegar no prédio, ele relata sobre a impossibilidade de ambos entrarem pela frente. Não há marcação explícita de uma fonte deôntica, já que não é o comandante que estabelece essa proibição sobre eles; ao contrário, ele está burlando essa regra, e é impedido, junto com Offred, de entrar pela frente. Ele funciona apenas como locutor.

Contudo, alguns fatores situacionais auxiliam a identificação que a proibição emana das regras rígidas que os cidadãos de Gilead devem seguir: (i) ele é casado e está em um bordel; (ii) ele está acompanhado de uma Aia sem ser na Cerimônia; (iii) ele tem cargo de influência e não pode se envolver em polêmicas, principalmente do âmbito moral. Logo, percebemos que eles são impedidos pelas próprias leis de Gilead de terem tais comportamentos. Para Pessoa (2007), a negação da permissão é considerada uma proibição forte, pois é admitida a autoridade entre os interlocutores. Por outro lado, nos casos em que há a uma obrigação de não agir (não dever), há uma atenuação da força ilocucionária por parte do enunciador. Assim, considerando que o Comandante Waterford utiliza “não podemos”, ele reconhece o poder que proíbe aos dois de irem àquele recinto como forte, ou seja, mesmo ele sendo um Comandante, o Governo ainda é mais poderoso.

Vale ainda destacar que ele não instrui Offred (antes, June) ou a si a agir de uma maneira específica. Antes de tudo, ele expõe um fato, o impedimento de os dois entrarem pela porta da frente e serem flagrados, assim, burlando regras.

Observamos que o Sr. Waterford, embora seja, na estrutura social totalmente distante de Offred, tendo em vista que um é Comandante e outra, uma Aia; ele não pode adentrar no Jezebel pela frente assim como ela, dado que a instância governamental é maior que qualquer um. Assim, ao reportar a proibição, ele se aproxima dela, marcando isso linguisticamente pela primeira pessoa do plural. Ambos são transgressores e, por isso, impedidos de executar a ação.

Por outro lado, percebemos a circunstância que a proibição perde força dentro do contexto por ocorrer na interação de duas pessoas semelhantes na escala de poder. Vejamos:

Figura 41: Temporada 1, Episódio 2



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

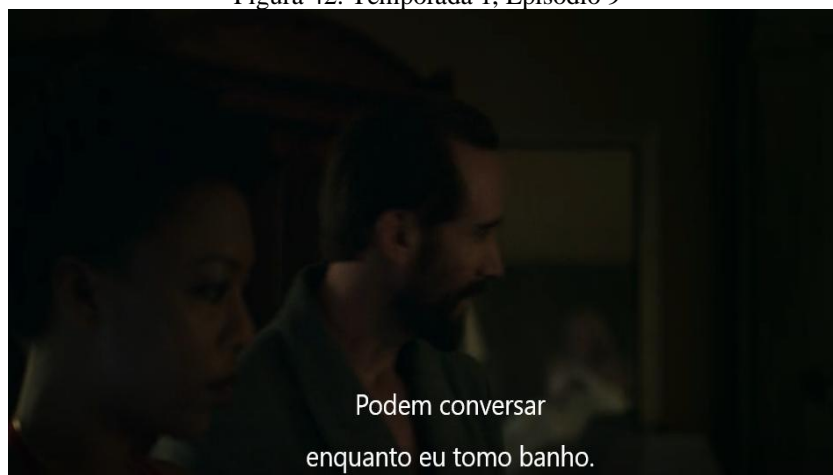
41: ESPOSA 2: **Não deve mimá-las.** Açúcar faz mal.

Na situação 41, deparamo-nos com a interação entre duas esposas, a Sra. Waterford e Offred. Após pedir para a Aia atualizá-las como estava o processo do parto da Ofwarren, uma das esposas oferece um biscoito para a Offred, e logo a outra esposa intervém, atestando que não se deve fazer isso, tanto porque comportamentos assim podem mimar não apenas Offred, mas as outras Aias, como açúcar não é recomendado por não ser benéfico para a saúde. Todavia, não é possível encarar essa proibição como um impedimento total sobre a ação da outra mulher, dado que ambas estão em um patamar de poder semelhante, soando muito mais como um aconselhamento, uma vez que é muito mais o atestamento de um fato. Seria equivalente, segundo Pessoa (2007), à “obrigação de não”, que é pareável à proibição, porém mais suave que o “não poder”. É um impedimento parcial, já que cabe ao alvo decidir se cumpre ou não. Essa estratégia serve como atenuante da própria proibição. Isso se torna mais explícito ainda, pois, logo em seguida, a Sra. Waterford não acata o conselho e oferece a Offred um biscoito, o qual ela aceita. Fica claro que o estabelecimento de forças nessa cena em alguma medida é anulado entre as esposas. Contudo, é significativo destacar que a figura da Aia é totalmente rebaixada, não atoa a esposa 2 não faz uso da terceira pessoa do singular para atrelar a consequência da proibição à Offred, mas, sim, decide utilizar a terceira pessoa do plural, agrupando-a e as demais aias. Essa estratégia discursiva é um comentário geral feito na presença de Offred, que soa praticamente como se a personagem não estivesse presente no recinto. Demarca assim a desimportância dada a figura de uma Aia, não havendo preocupação com a face da Offred ou de qualquer outra, já que são inferiores às esposas.

Ainda no Episódio 2, Offred vai ao gabinete de Sr. Waterford após ter sido convidada por ele de forma inesperada. Durante essa cena, ela sai de seu quarto tarde da noite, de maneira que não seja percebida, pois, embora tenha sido um pedido feito pelo seu comandante, as normas sociais impedem que mulheres adentrem o recinto, até mesmo as esposas. Além disso, não é permitido que exista qualquer grau de intimidade entre Aia e Comandante, a não ser os contatos já previstos, como a Cerimônia.

No que tange à permissão, destacamos o uso do auxiliar “poder” junto a um infinitivo. No exemplo 42, o Sr. Waterford leva Offred ao Jezebel e promove um encontro surpresa entre ela e sua amiga, Moira. Mesmo as duas mulheres ficando assustadas e receosas pelo momento, já que correm risco de serem punidas pelo próprio Comandante, ele dá seu consentimento para que elas possam conversar, no período que ele estiver no banho. Isso demonstra seu poder, pois tanto deixa que elas conversem como delimita um tempo.

Figura 42: Temporada 1, Episódio 9



Fonte: *Print* da tela da série *O Conto da Aia*.

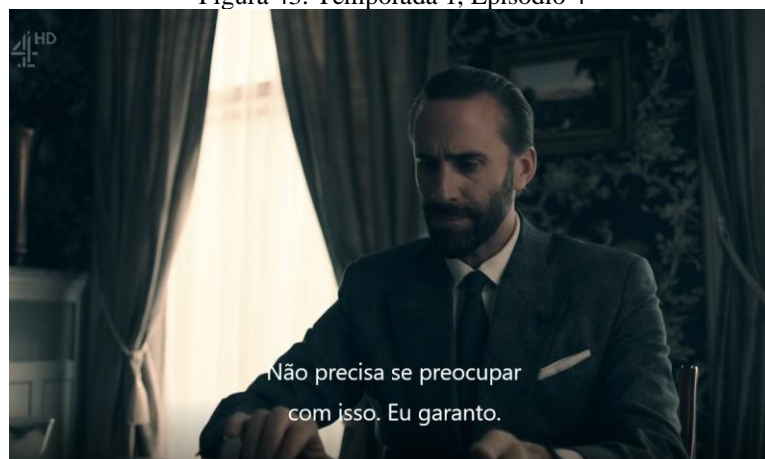
42: SR. WATERFORD: **Podem conversar** enquanto eu tomo banho.

Como já discutido, os fatores contextuais e as relações interpessoais se mostram pertinentes para a compreensão mais precisa do fenômeno linguístico. Dessa forma, observamos que o imperativo, que pode ser atrelado mais comumente à obrigação deôntica, pode trazer a carga semântica de permissão a partir das condições extralinguísticas.

Outra ocorrência de permissão é o verbo “precisar” em sua polaridade negativa, visto que se alguém precisa realizar uma ação, ela está no âmbito da obrigação; por outro lado, não precisar é atrelado a não obrigatoriedade de efetivar algo. Verificamos essa manifestação no caso 43, o qual Serena⁴² vai tomar café da manhã com Fred e decide opinar sobre as relações internacionais de Gilead. Em específico, ao ser informada da fuga de uma Tia para o Canadá, Serena diz como seria interessante que agisse: não descredibilizando o que a Tia fugitiva falou, mas a pessoa em si. Vale mencionar que Serena, como demonstrado no decorrer da temporada, é uma das pessoas que idealiza Gilead, entendendo de estratégia política. Mas com a destituição de poderes políticos às mulheres, ela também é impactada, não sendo possível interferir, mesmo que opinando. Diante disso, o Fred destaca:

⁴² Optamos por nesse momento utilizar os nomes Serena e Fred, pois os dois, sendo marido e mulher, se tratam pelos primeiros nomes.

Figura 43: Temporada 1, Episódio 4



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

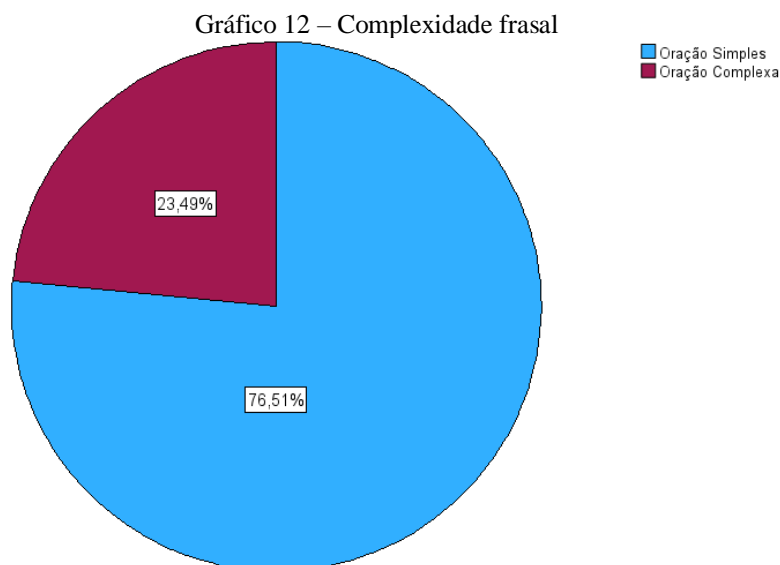
43: FRED: **Não precisa se preocupar** com isso. Eu garanto.

A construção “não” junto ao verbo “precisa” desobriga Serena a despender energia pensando sobre o assunto. Entendemos, na verdade, ser uma estratégia discursiva de Fred, tendo em conta que ela não tem autoridade, nem deve ficar opinando sobre aspectos políticos, já que são os homens os detentores de poder para tais decisões. Para que Serena não faça esforços que serão desnecessários, já que sua opinião não valerá, ele a desobriga de pensar nisso. Se ela pensar, é por querer, mas não precisa.

Um último aspecto que foi analisado em relação à microestrutura diz respeito ao tipo e complexidade frasal e o tempo verbal com que a modalidade deôntica aparece na série *O Conto da Aia*. No próximo tópico, exploramos alguns exemplos.

4.4.2. Complexidade frasal

No que tange a complexidade frasal, conforme apregoa Costa, Costa, Gonçalves (2017), as estruturas mais complexas são menos frequentes. Enquanto, naturalmente, as simples são mais frequentes. Os autores ainda destacam que o gênero textual condiciona o aparecimento maior de um tipo de estrutura ou de outra. No nosso caso em particular, foi possível observar que cerca de três quartos das ocorrências se deram por meio das orações simples (76,61%). Consequentemente, as orações complexas perfizeram 23,49% do total dos casos. Isso coincide com o fato de orações simples serem mais frequentes, e, dado o contexto opressor presente na série, não há exigências de complexificar a estrutura, visto que, para passar comandos, quem recebe, em geral, deve obedecer, sem necessidade de convencimento, de argumentos.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Podemos ilustrar a ocorrência de orações simples por meio dos exemplos 44 e 45:

Figura 44: Temporada 1, Episódio 6



Fonte: Print da tela da série *O Conto da Aia*.

44: SRA. WATERFORD: **Organize** a fila, por favor.

Está ocorrendo um evento diplomático em Gilead e levaram as Aias para mostrar aos visitantes como funciona o sistema deles. Minutos antes da entrada delas na festa, a Sra. Waterford ordena à Tia Lydia que as ponha em fila. A utilização do imperativo do verbo “organizar” instrui uma atitude que deve ser tomada pela responsável pelas Aias. Não há complexidade no comando, pois não há preocupação com a face do interlocutor, já que é subordinada hierarquicamente, conforme se vê no organograma disposto no apêndice B.

Da mesma forma, Tia Lydia, ao obedecer ao que lhe foi ordenado, de maneira direta, passa o comando para que as Aias formem uma fila:

Figura 45: Temporada 1, Episódio 6



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

45: TIA LYDIA: Muito bem, meninas. **Façam** uma fila.

Como é possível observar, a manifestação deôntica nessas circunstâncias tende a não exigir que a estrutura da oração se complexifique, visto que é claro a sobreposição de poder hierárquico entre os indivíduos nas trocas discursivas, não havendo necessidade que haja agrupamento de muitas informações em um enunciado. Bastando sentenças curtas e diretas.

No que tange às orações complexas, percebemos que tendem a sequenciar ações de forma coordenada. Conforme percebemos em 46, após a personagem Janine⁴³ (antes, Ofwarren; agora, Ofdaniel) tentar se jogar de uma ponte com sua bebê, pois havia sido realocada em outra casa, os Putnams estão tentando negociar com a Aia para que ela lhes dê a criança.

Figura 46: Temporada 1, Episódio 9



Fonte: *Print da tela da série O Conto da Aia.*

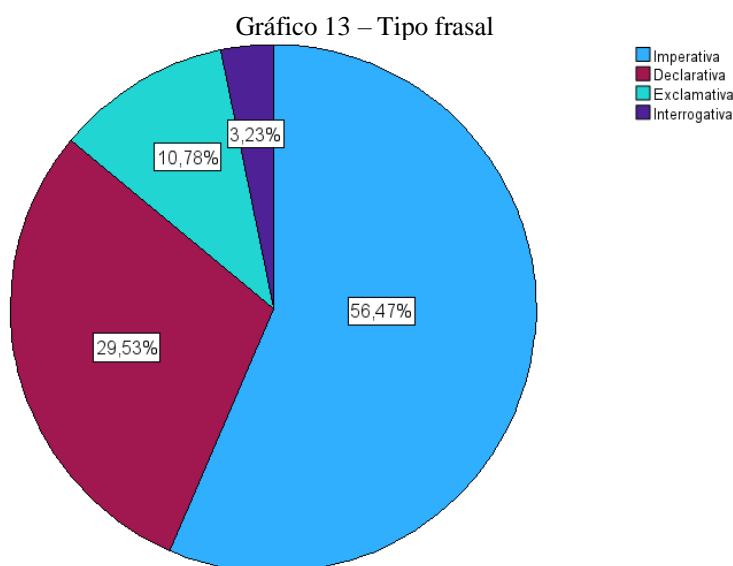
46: COMANDANTE PUTNAM: **Desça** daí e me **deixe** pegar a Angela.

⁴³ Optamos por chamar a personagem pelo seu nome antes de ser Aia, pois, nesse momento, ela não era mais subordinada aos Putnams, e a sua nova denominação poderia confundir a leitura.

É possível notar a ocorrência de duas orações, a primeira com o verbo “descer” no imperativo, e a segunda com o verbo modal “deixar” + o verbo “pegar” no infinitivo. O elo de ligação entre ambas é a conjunção aditiva “e”. Nota-se a sequência de ações que é solicitada à Aia: primeiro ela desce; depois, permite que o Sr. Putnam pegue o bebê. É válido ainda mencionar que nesse momento o Comandante e sua Esposa estão em desvantagem em relação à Janine, uma vez que ela tem o poder de decidir sobre a sua vida e da criança. Suas falas não são entendidas como uma ordem, mesmo ele usando o imperativo. Entende-se que a primeira oração é um pedido e a segunda um pedido de permissão de ele ter a criança em seus braços.

4.4.3. Tipo frasal

No que tange o tipo frasal, de acordo com Neves (2006), é possível, a partir do que é expresso, observar o ponto de vista do enunciador. Logo, observar o tipo frasal escolhido pelo falante é relacionar o aspecto subjetivo vinculado aos conceitos de modalidade (Fuentes Rodríguez, 2007). Dentro da nossa pesquisa, conforme já estimado, a maior ocorrência se deu por tipo imperativa, com mais da metade das ocorrências (56,47%). Em seguida, as frases declarativas aparecem em segundo lugar com 29,53% e, por fim, as exclamativas e interrogativas com 10,78% e 3,23%, respectivamente. É válido salientar que, a manifestação verbal imperativa não se dá apenas no tipo frasal imperativo, podendo ocorrer em outros tipos frasais, por exemplo, em frases exclamativas.

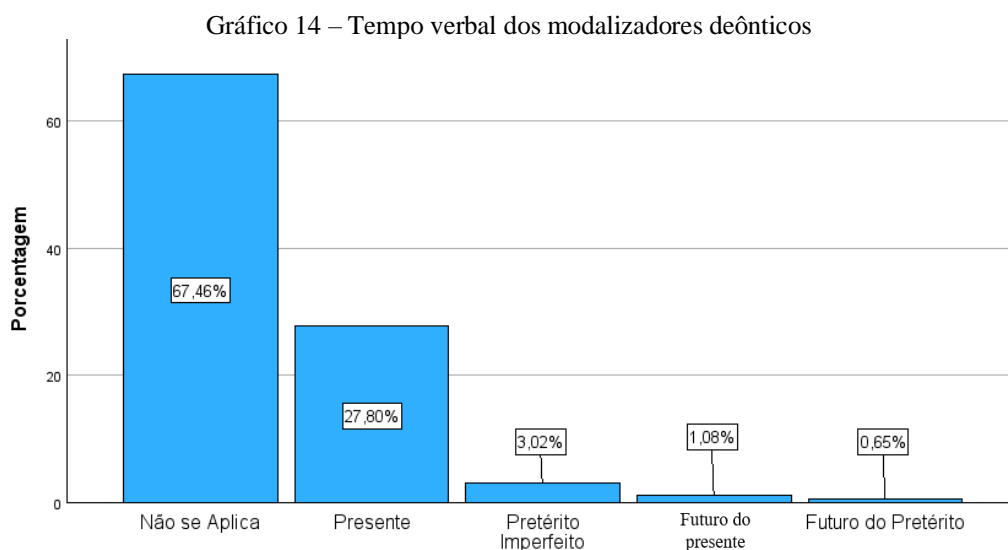


Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Tais dados são coincidentes com o fato de que, como já visto, o meio de manifestação mais frequente de modalidade deôntica na nossa análise foi o imperativo. Logo, as orações imperativas tiveram maior destaque.

4.4.4. Tempo e modo verbal

Em se tratado de tempo verbal, para a maior parte dos dados esse critério não se fez pertinente, visto que a maior proporção de casos se deu por meio de imperativos, modo verbal que formalmente não se atrela a tempo específico. Sendo assim, para 67,46% das ocorrências, não se aplica a categoria tempo. Perfazendo 27,8% de todos os casos, dentre as marcações formais de tempo, o presente foi o mais frequente. Atrelando-se, principalmente, a manifestação de modais. Com incidência que juntos não computam 5%, apareceram o pretérito imperfeito, o futuro e o futuro perfeito. Cabe destacar que o pretérito perfeito, em geral, surge mais como uma estratégia que incide na força argumentativa do que uma ocorrência da modalidade deôntica propriamente no passado.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Destacamos que a característica de futuridade é intimamente vinculada à modalidade, dado que as demandas que influem na conduta de alguém são esperadas que ocorram após serem enunciadas. Assim como aponta Lopes e Oliveira (2020), “as intenções geralmente conduzem a uma performatização projetada para um momento posterior ao da enunciação”, o que corrobora com os dados encontrados, uma vez que, embora o imperativo não seja marcado formalmente por tempo, pragmaticamente afere-se uma imposição sobre alguém, esperando que determinada ação venha a acontecer. Logo, embora não seja marcado por tempo verbal, atrela-se ao imperativo a futuridade, que indica a intenção do falante.

Tendo essa premissa, notamos que a intenção de agir sobre o outro, típica da modalidade deôntica, e que permeia nosso objeto de análise, denuncia marcas de autoritarismo na sociedade de Gilead. Isto é, embora não haja marcação temporal para todos os casos

analisados, todos eles assinalam a influência de alguém sobre a conduta de outra pessoa e ocorrem com frequência na série *O Conto da Aia*.

Por fim, faremos a análise do cruzamento de algumas categorias para perceber se há condicionamento entres os níveis tal como é proposto pela Pragmalinguística.

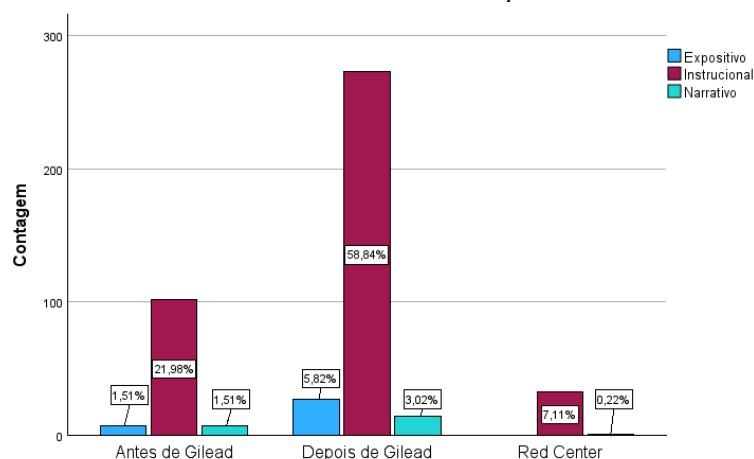
4.5 Cruzamento de categorias⁴⁴

Conforme apregoa Fuentes Rodríguez (2007), a organização linguística é modular e os níveis e planos se influenciam entre si. Baseando-nos nessa premissa, fizemos o cruzamento de categorias de diferentes níveis para observar quais são condicionadas e quais não são diretamente interrelacionadas. Para saber se há correlação entre categorias, tomamos por base o teste do *qui-quadrado*⁴⁵, que, se apontar abaixo de 0,005, encontramos significância.

a) Contexto situacional X sequências textuais

Começando pelo cruzamento entre Contexto situacional e Sequências textuais, encontramos o valor de 0,343 de significância, o que mostra que não há interferência direta entre essas duas categorias.

Gráfico 15 - Contexto situacional X sequências textuais



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

É válido notar que após Gilead a quantidade de enunciados atrelados a modalidade deôntica, principalmente na sequência instrucional, é relativamente alta. Devemos, contudo, nos atentar que, a maior parte do tempo, a série foca no período em que a Nova República se

⁴⁴ Optamos por fazer os cruzamentos entre a categorias que julgamos mais pertinentes dentro da realidade da nossa pesquisa.

⁴⁵ Todos os cruzamentos feitos estão dispostos no apêndice C com seus respectivos valores de relevância baseados no teste *qui-quadrado*.

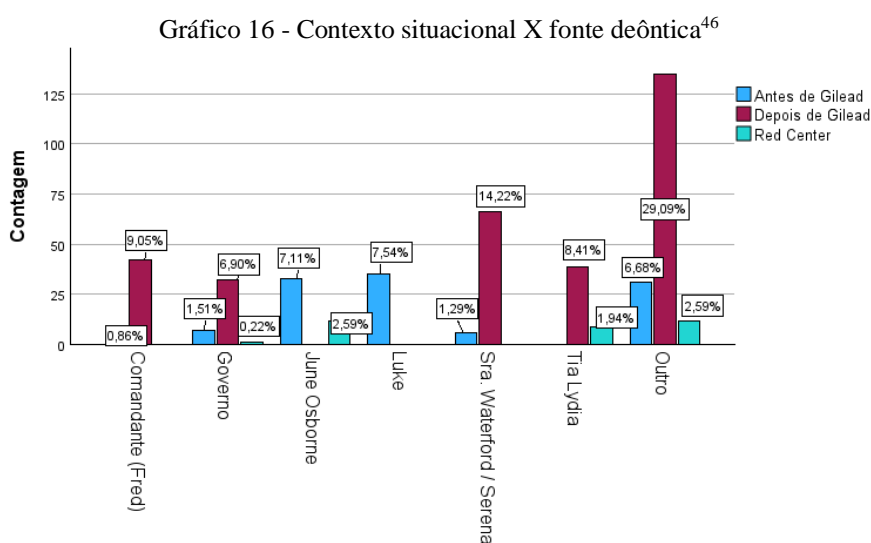
estabelece. Sendo assim, já é esperando um maior número de falas de cunho deôntico sendo mapeadas nesse recorte temporal. Dito de outra maneira, o recorte temporal entre antes e depois da instauração do novo regime não parece ser decisivo como fator que influi nas marcas linguísticas do eixo da conduta, muito embora, se compararmos, a Sequência instrucional ocorre majoritariamente em todos os períodos.

b) Contexto situacional X fonte deôntica

Em se tratando da relação entre contexto situacional e fonte deôntica (categoria da macroestrutura), podemos perceber que há influência quando associados, com qui-quadrado menor que 0,001.

Observando o Gráfico 16 com os cruzamentos entre contexto e fonte, notamos que o destaque de personagens que mais proferem sentenças com deonticidade é da Sra. Waterford, visto que ela é a vilã (Braga e Martins, 2020). Embora mulher, ela, em alguma medida, governa a casa, e as Aias passando, a maior parte do tempo em casa, é esperado que a Esposa impere com frequência sobre a Aia. O Sr. Waterford e a Tia Lydia também utilizam modalidade deôntica com certa frequência dado suas posições sociais que os aferem poder, no caso do Comandante, sobre muitas questões inclusive do país; e, em se tratando da Tia, sobre as Aias.

Chamamos atenção em especial para o Governo, que embora não seja um personagem concreto, as medidas sociais implantadas resvalam nas falas dos participantes da série, principalmente nas questões que demandam moralidade a partir dos preceitos da Nova República.



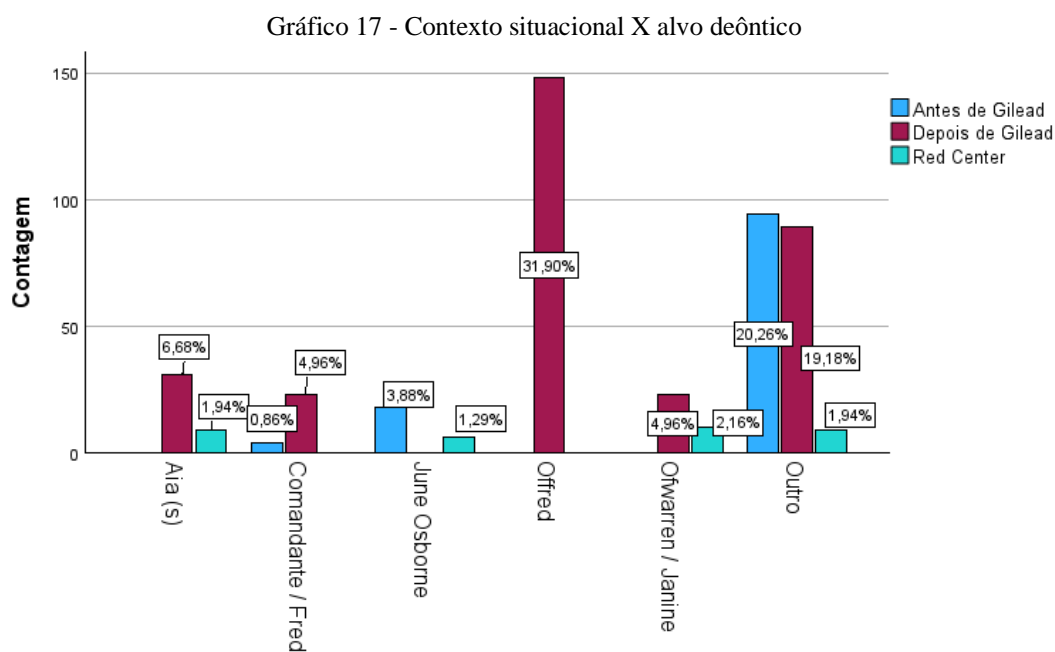
Fonte: SPSS a partir das análises do autor

⁴⁶ Considerando que “fonte deôntica” tem muitas subcategorias, suprimimos as que apresentam menos que 5% de ocorrência total, para podermos observar no gráfico as que mais se destacaram no cruzamento entre as duas categorias. A mesma observação ser para o Gráfico 17, que possui alvo deôntico.

c) Contexto situacional X alvo deôntico

Entre contexto situacional e alvo notamos que há interrelação, com o valor menor que 0,001.

Vale destacar alguns pontos: (i) antes de Gilead, June chega a receber algumas imposições de outros personagens, mas após o novo regime, Offred (June como Aia) passa a ser a principal vítima das demandas deônticas; (ii) analisando o gráfico anterior, é notório que June e seu esposo Luke são quem mais utilizam deonticidade, mas após Gilead ela, por ser Aia, passa a ser quem mais recebe, isso posso indicar o autoritarismo sobre a figura feminina; (iii) incontestavelmente, as outras mulheres como Aias também passam a ser alvo, Janine (uma das melhores amigas da Offred) e demais Aias vistas em conjunto; (iv) quem parece fugir da regra, sendo um dos destaques como alvo, é o Comandante Waterford, uma vez que é um homem; mas justifica-se, pois a ele é demandado a ter comportamento de líder, dado que ele é do alto escalão social.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor

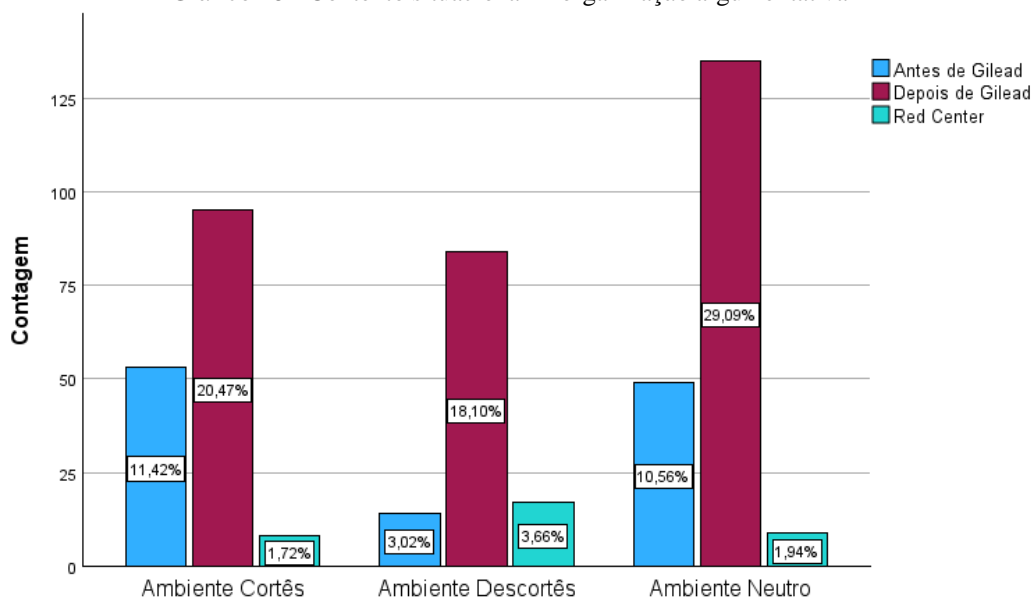
d) Contexto situacional X organização argumentativa

No comparativo entre contexto situacional e organização argumentativa, também notamos que a correlação, visto que o valor do qui-quadrado de menor de 0,001.

No gráfico 18, fica marcado que a maior parte dos enunciado deônticos ocorreram após Gilead ser implementada, e que o ambiente neutro prevalece. Contudo, frisamos que o que se tem como neutro pelos preceitos de Gilead não necessariamente é neutro em outros

ambientes. As imposições advindas de posições mais altas na hierarquia não são facilmente questionadas, logo não se precisa a utilizar diretamente traços (des)corteses. Mas há marcações do querer do outro de maneira direta e constante durante toda a temporada.

Gráfico 18 - Contexto situacional X organização argumentativa

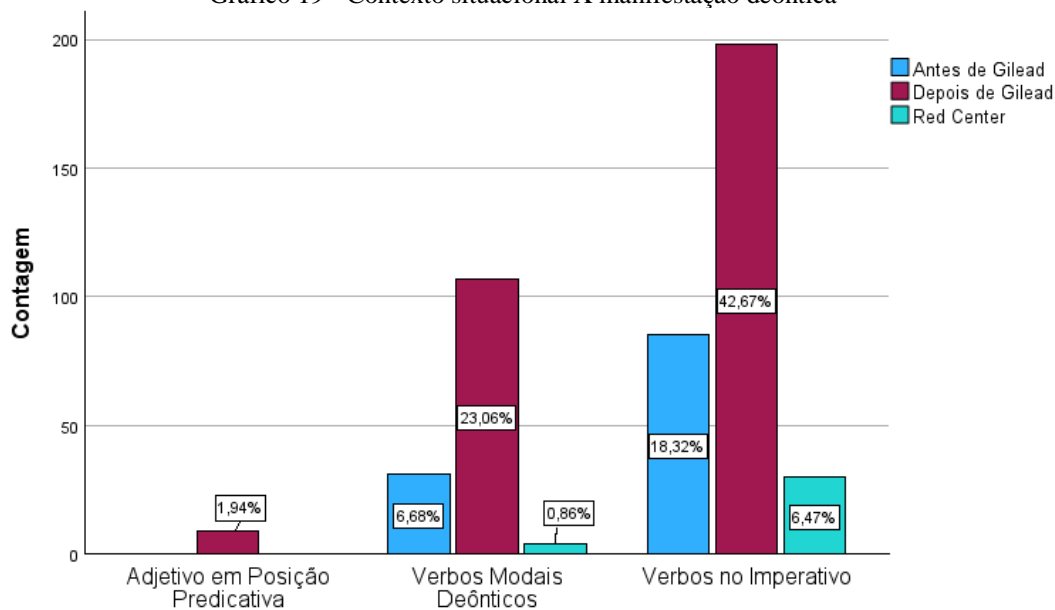


Fonte: SPSS a partir das análises do autor

e) Contexto situacional X manifestação deôntica

Se analisarmos a influência do contexto situacional sobre a manifestação deôntica (aspecto da microestrutura), notamos significância, já que o qui-quadrado deu 0,008.

Gráfico 19 - Contexto situacional X manifestação deôntica



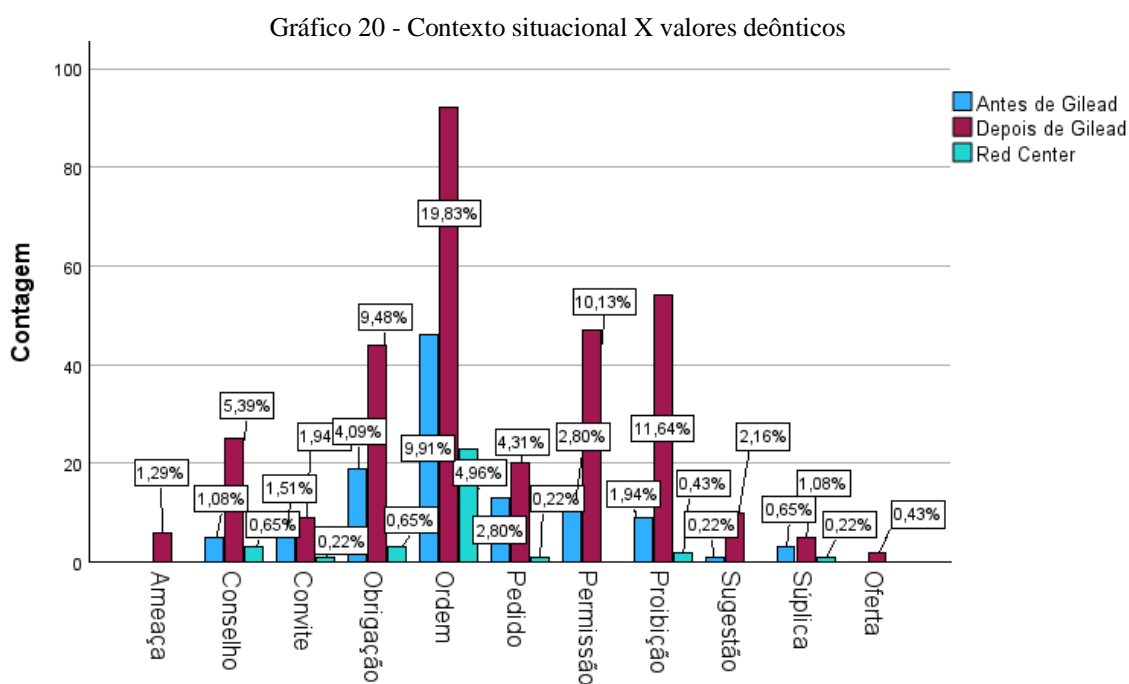
Fonte: SPSS a partir das análises do autor

Conforme mostrado pelos dados, a manifestação deôntica ocorre na série principalmente por meio dos verbos no imperativo, e o recorte temporal influencia diretamente para que haja preponderância em um momento ou outro de determinada forma de meio de manifestação.

f) Contexto situacional X valores deônticos

Assim como a manifestação deôntica, os valores deônticos são influenciados pelo contexto situacional, uma vez que o qui-quadrado indica o valor de 0,002, conforme o Gráfico 20.

Identificamos que para todos os valores percebidos na nossa análise, o período Depois de Gilead apresenta um quantitativo maior que o Antes de Gilead. Se considerarmos na contagem o *Red Center* dentro do período posterior à instauração da nova república, temos 75% dos valores ocorrendo após a solidificação da Nova República. Esse é mais um indício que com o avanço do novo governo, as bases autoritárias presentes na sociedade se solidificam nas falas do seu povo.

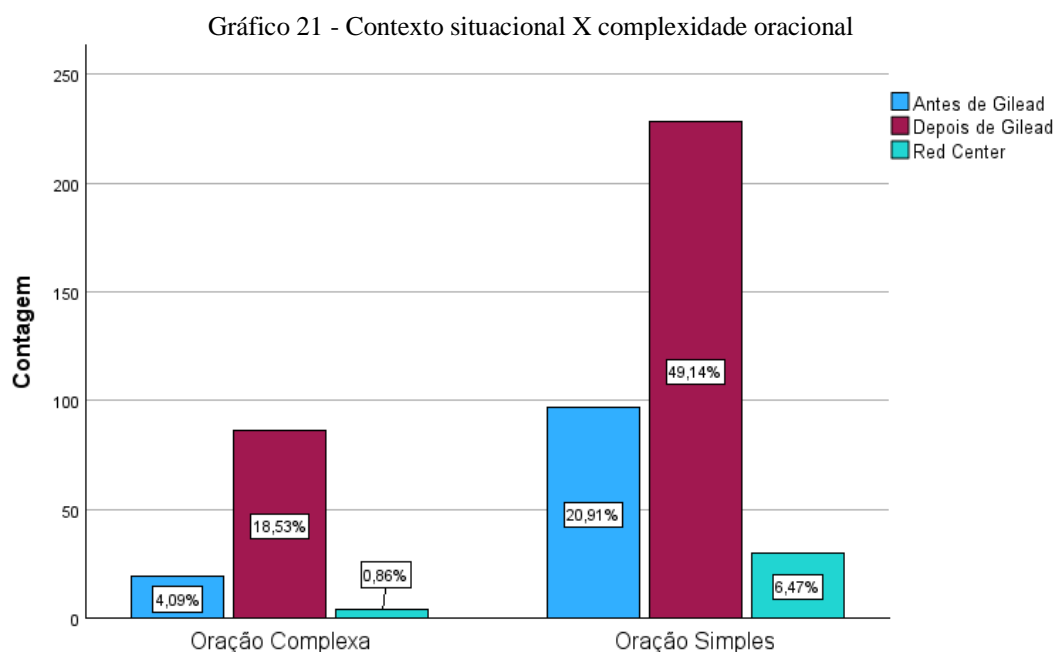


Fonte: SPSS a partir das análises do autor

g) Contexto situacional X complexidade oracional

Outro aspecto da microestrutura que analisamos para saber se havia influência do contexto situacional, foi a complexidade oracional. Obtivemos como resultado do teste de *qui-quadrado* o valor 0,014, o que indica que essas duas variáveis possuem relação direta.

Conforme podemos perceber no Gráfico 21, as orações simples prevalecem sobre as orações complexas nos três contextos observados: “depois de Gilead” temos prevalência de enunciados deônicos, precedidos por “antes de Gilead” e, por fim, pelo “Red Center”.



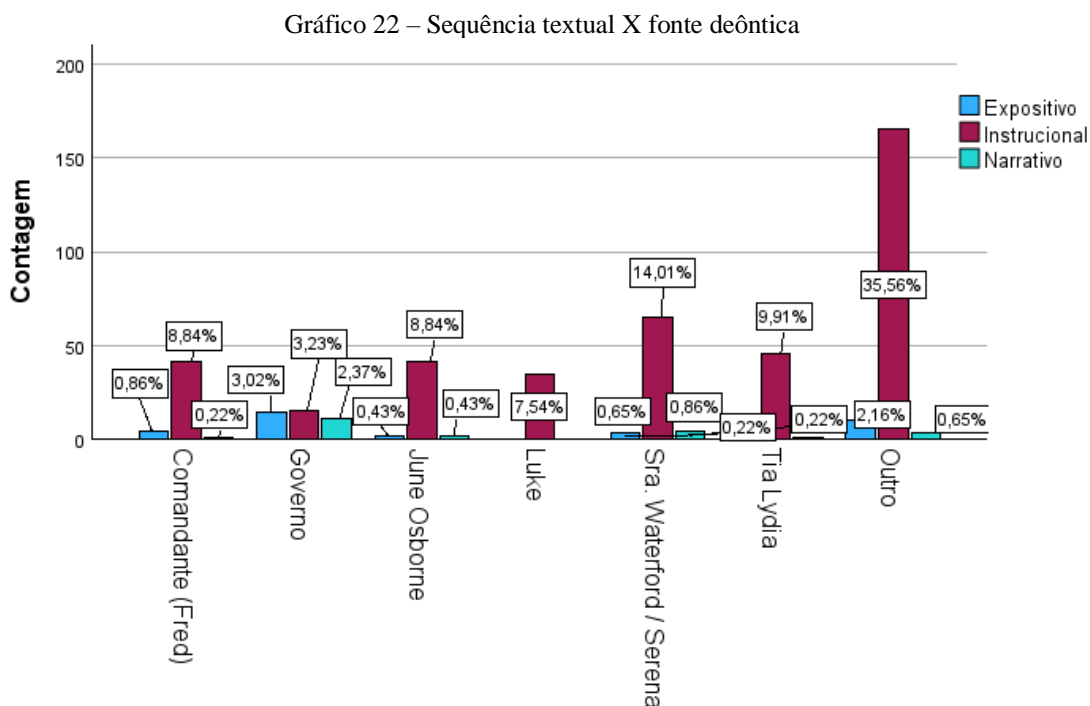
Fonte: SPSS a partir das análises do autor

As comparações estabelecidas entre contexto situacional e outras categorias de níveis inferiores de acordo com a teoria da pragmalinguística nos indicam que, embora não consiga interferir em tudo que é predisposto, o meio externo atua como fator capaz de afetar a organização linguística tal como preconiza Fuentes Rodríguez (2017).

h) Sequência textual X fonte deônica

A nível da superestrutura, cruzamos a sequência textual com a fonte deônica (macroestrutura), com o intuito de ver qual sequência prevalece e quais personagens mais a utilizam. Baseados no teste do *qui-quadrado*, as duas variáveis se interrelacionam, visto que o valor obtido foi menor que 0,001.

Para todas as fontes observadas⁴⁷, a sequência instrucional foi predominante em relação às outras duas. Destacamos que o Governo possui número próximos entre os três tipos de sequência. Acreditamos que isso deva-se ao fato de que, por ser uma instituição, a expressão de seu poder perpassa sequências textuais diferentes de maneira relativamente homogênea, sem que necessariamente seja por meio da instrução de maneira tão direta quanto como temos personagens atuando.



Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

i) Sequência textual X alvo deôntico

Ao buscar se há relação entre sequência textual e alvo deôntico, encontramos o valor de significância menor que 0,001, o que indica que, dentro do nosso estudo, eles são correlatos.

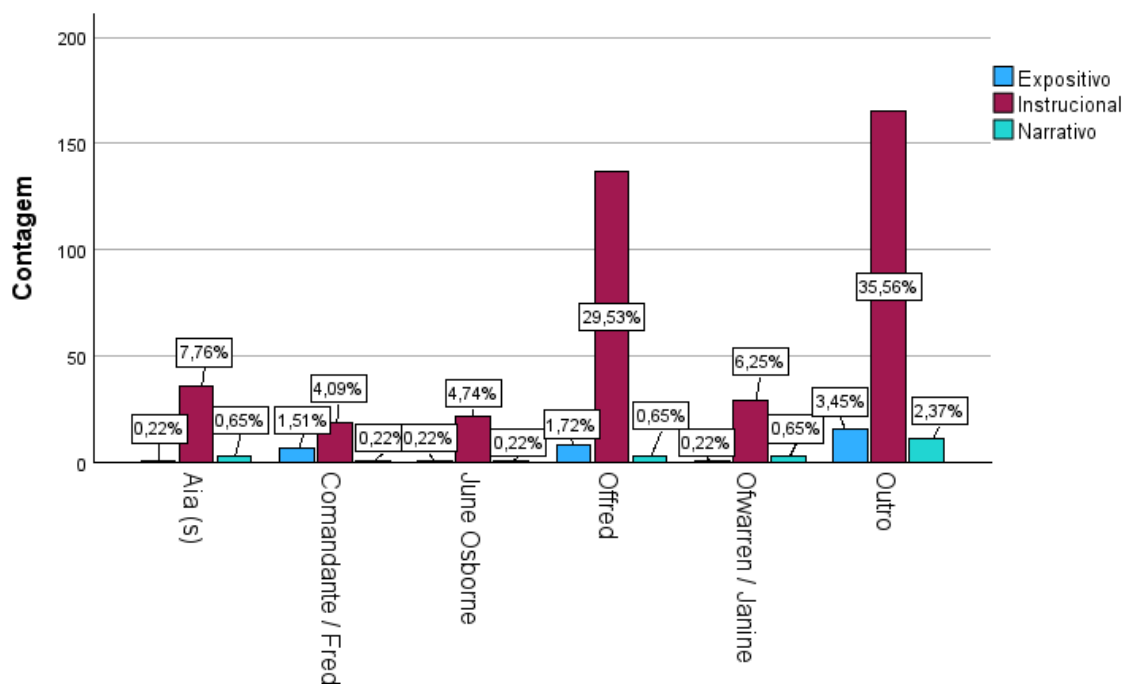
De maneira semelhante ao que encontramos na correlação da sequência com a fonte, percebemos que a sequência instrucional predomina e uma vez que as mulheres que são Aias são as mais oprimidas na série, elas são os principais alvos da modalidade deôntica.

Como observado por Orlandi (1987), no discurso religioso, há uma assimetria entre os interlocutores, de forma que a fonte discursiva impera sua vontade sobre alguém ou um grupo abaixo na organização social. Notamos, assim, fenômeno semelhante em *O Conto da*

⁴⁷ Condensamos na categoria “outro” todas as fontes deônticas com percentual total abaixo de 5%.

Aia, dado que a sociedade formada após o golpe tem preceitos bem definidos que assujeitam as mulheres a uma posição de obediência. Dessa forma, as Aias, que são apenas servas dentro da nova estrutura hierárquica, são as personagens que mais frequentemente são alvo da modalidade deôntica.

Gráfico 23 - Sequência textual X alvo deôntico



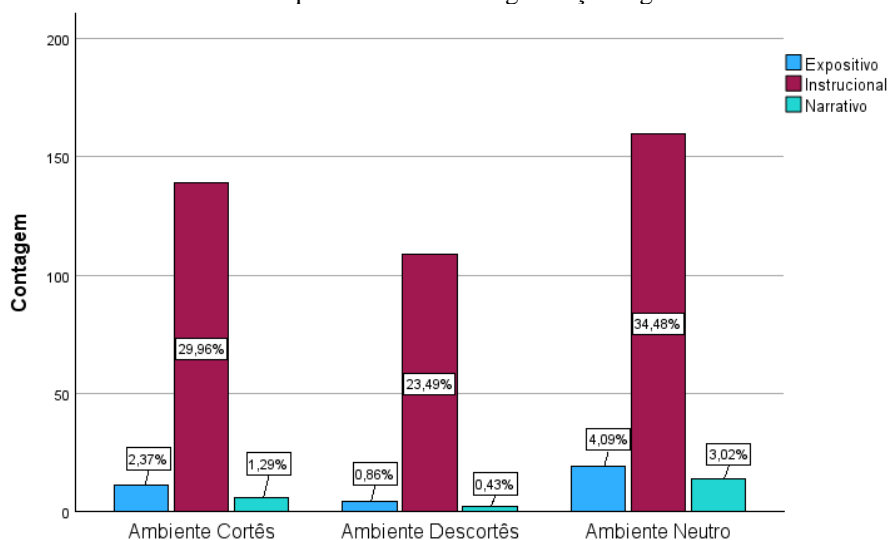
Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

j) Sequência textual X organização argumentativa

Com um valor de significância 0,037, o teste *qui-quadrado* revelou que há correlação direta entre a sequência textual e a organização argumentativa.

Assim, a predominância da sequência instrucional na superestrutura e do ambiente neutro na organização argumentativa parecem indicar que há tanta constância em passar comandos em O Conto da Aia, que esse tipo de sequência se neutraliza dentro desse meio.

Gráfico 24 - Sequência textual X organização argumentativa



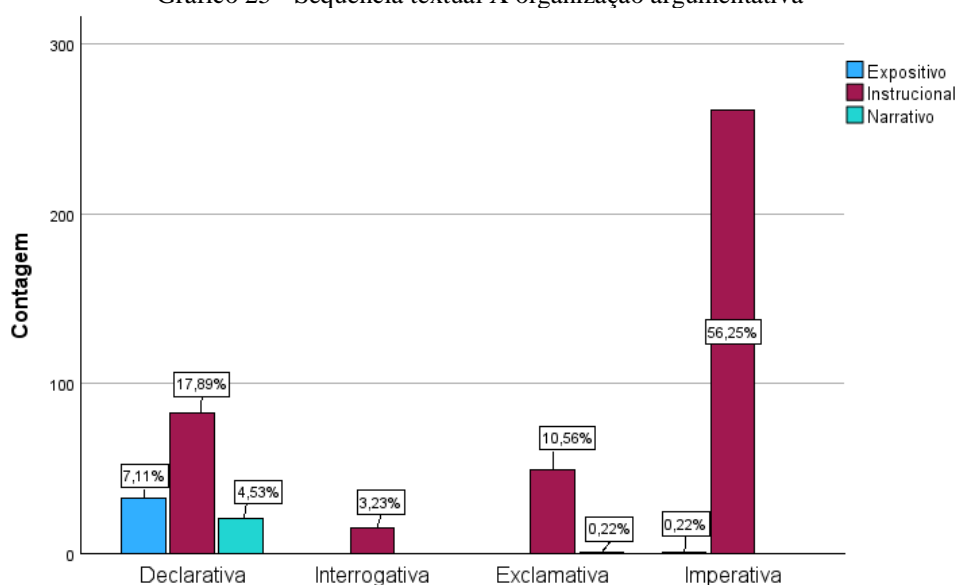
Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

k) Sequência textual X tipo frasal

No cruzamento da sequência textual com o tipo frasal, encontramos valor de significância menor que 0,001, o que indica que as duas variáveis se relacionam.

Com o Gráfico 25, podemos observar que a sequência instrucional ocorre em todos os tipos frasais da nossa análise. Ou seja, embora a instrucional se sobressaia nas frases imperativas, o que já esperaríamos; ela também acontece nas frases declarativas, exclamativas ou interrogativas. Isso sugere que o foco dos personagens é dar comandos, indicando o autoritarismo que buscamos flagrar nas construções linguísticas da série independentemente do tipo frasal.

Gráfico 25 - Sequência textual X organização argumentativa

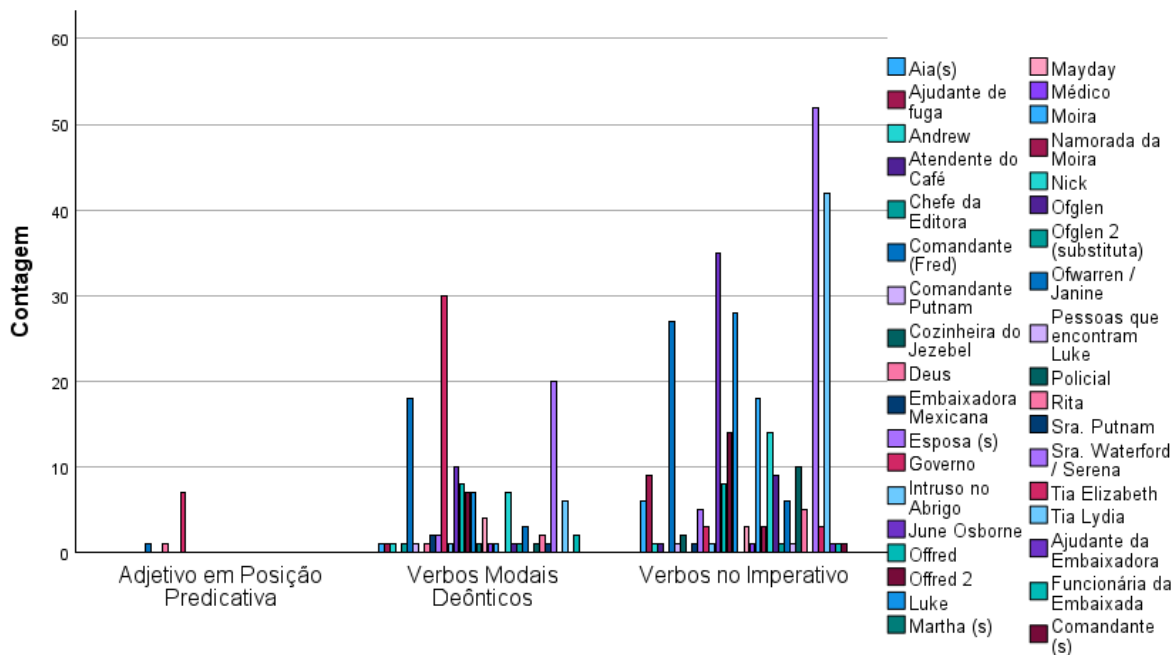


Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

l) Fonte deôntica X manifestação deôntica

Com o valor de significância menor que 0,001, identificamos que há correlação entre a fonte deôntica e o manifestação deôntica.

Gráfico 26 – Fonte deôntica X manifestação deôntica



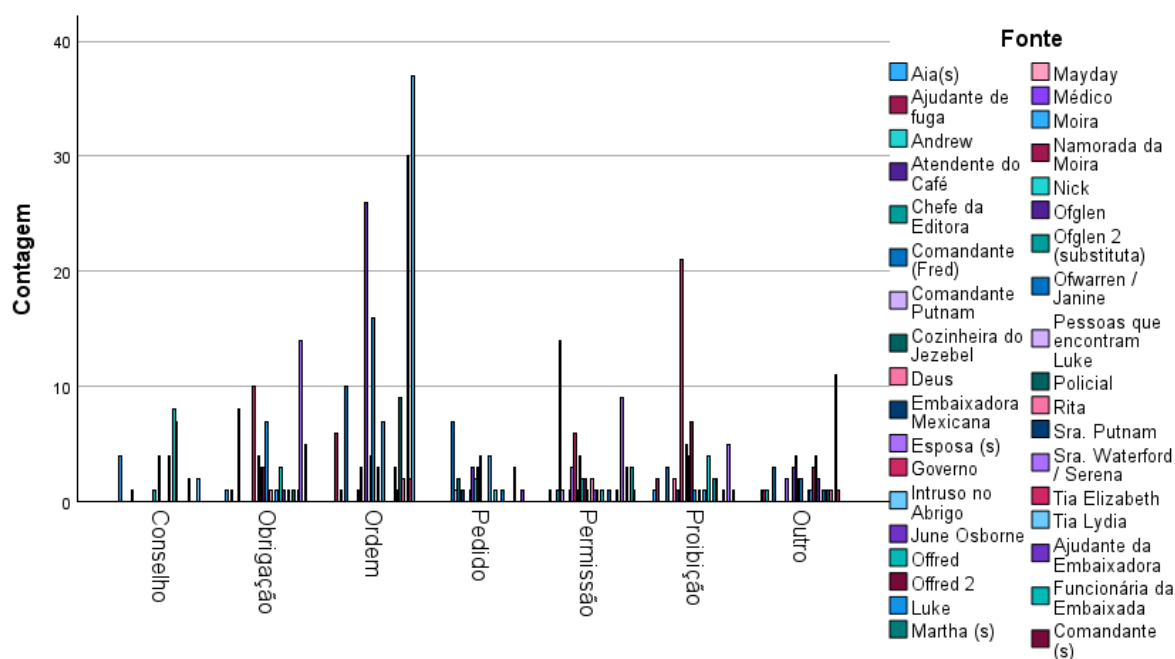
Detectamos que as fontes que mais fazem uso de construções com imperativo são: Sra. Waterford (11,2%), Tia Lydia (9,1%), June (7,5%), Luke (6%) e Sr. Waterford (5,8%). Em se tratando dos verbos modais, as principais fontes são: Governo (6,5%), Sra. Waterford (4,3%) e Sr. Waterford (3,9%). No que se refere aos adjetivos em posição predicativa, destacamos o Governo (1,5%).

m) Fonte deôntica X valor deôntico

De forma semelhante, a significância de fonte (macroestrutura) com o valor deôntico (microestrutura) deu menor que 0,001, indicando que existe relação entre essas variáveis de níveis diferentes.

Tendo isso em vista, os valores mais comumente usados pelas fontes deônticas foram: **(i) Ordem** – Tia Lydia (8%), Sra. Waterford (6,5%), June Osborne (5,6%), Luke (3,4%), Sr. Waterford (2,2%); **(ii) Obrigação** – Sra. Waterford (3%), Governo (2,2%); **(iii) Proibição** - Governo (4,5%); **(iv) Permissão** – Sr. Waterford (3%).

Gráfico 27 – Fonte deôntica X valor deôntico



Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

Feito esse contraste, podemos verificar que, embora a Sra. Waterford seja a personagem que mais utiliza orações de valor deôntico, a Tia Lydia é quem mais utiliza o valor de ordem, uma vez que sua função social é instruir as Aias. Outro ponto a ser destacado é que o Governo é quem mais instaura proibições e, após a Sra. Waterford, é quem mais obriga. Por fim, vale mencionar que, embora seja respaldado pelo próprio sistema para fazer exigências, o Sr. Waterford é quem mais utiliza permissão. Muitas dessas permissões são dadas à Offred para que ela não siga à risca as regras impostas às Aias e, dessa forma, ele possa tê-la como amante.

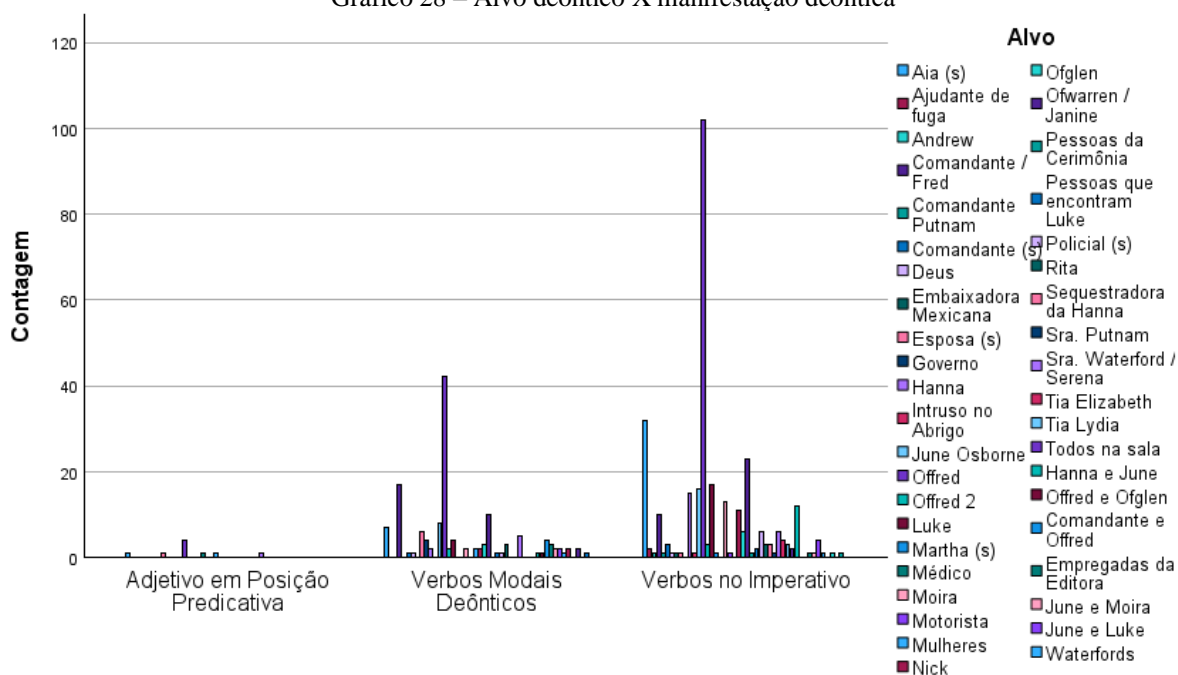
n) Alvo deôntico X manifestação deôntica

Focando no alvo deôntico e na manifestação, o teste qui-quadrado deu menor que 0,001, indicando que as duas variáveis são interligadas.

Os personagens que mais sofrem influência dos verbos no imperativo são: Offred (22%), Aia (s) (6,9%), Janine (5%), Luke (3,7%), Sr. June (3,4%), Hanna (3,2%), Moira (2,8%), Hanna e June (2,6%), Nick (2,4%), Sr. Waterford (2,2%).

Considerando os verbos modais, citamos: Offred (9,1%), Sr. Waterford (3,7%), Janine (2,2%). Ao que tange os adjetivos em posição predicativa, encontramos, como maior percentual: Offred (0,9%).

Gráfico 28 – Alvo deôntico X manifestação deôntica



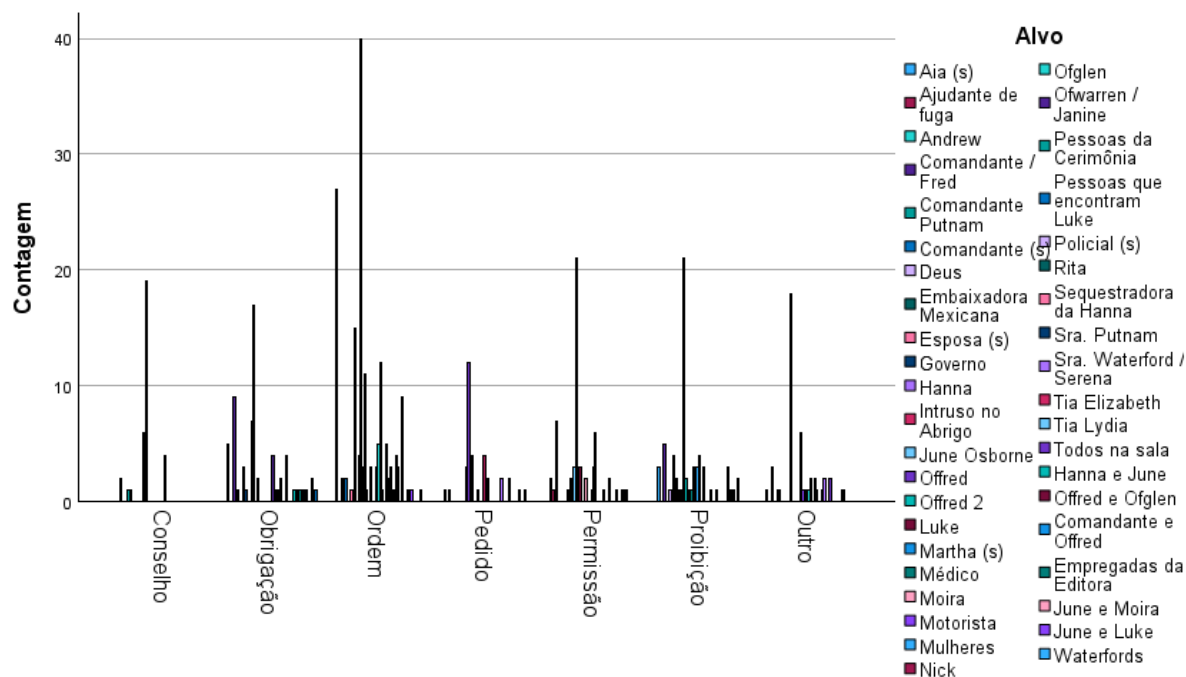
o) Alvo deôntico X valor deôntico

Tendo em conta a vinculação entre alvo deôntico e o valor, observamos que eles se associam, posto que o valor do *qui-quadrado* ficou menor que 0,001.

Os alvos deônticos atrelados aos valores mais recorrentes nas legendas da série *O Conto da Aia* foram: **(i) Ordem** – Offred (8,6%), Aias (s) (5,8%), Hanna (3,2%), Janine (2,6%), Luke (2,4%); **(ii) Proibição** – Offred (4,5%); **(iii) Permissão** – Offred (4,5%); **(iv) Conselho** – Offred (4,1%); **(v) Obrigação** - Offred (3,7%); **(vi) Pedido** – Offred (2,6%).

Assim como já fora apontado antes, Offred é a personagem que mais é alvo da modalidade deôntica, isso deve-se ao fato de tanto ela ser Aia como ser a protagonista. Logo, a acompanhamos com uma frequência maior que os demais participantes da série.

Gráfico 29 – Alvo deôntico X valor deôntico

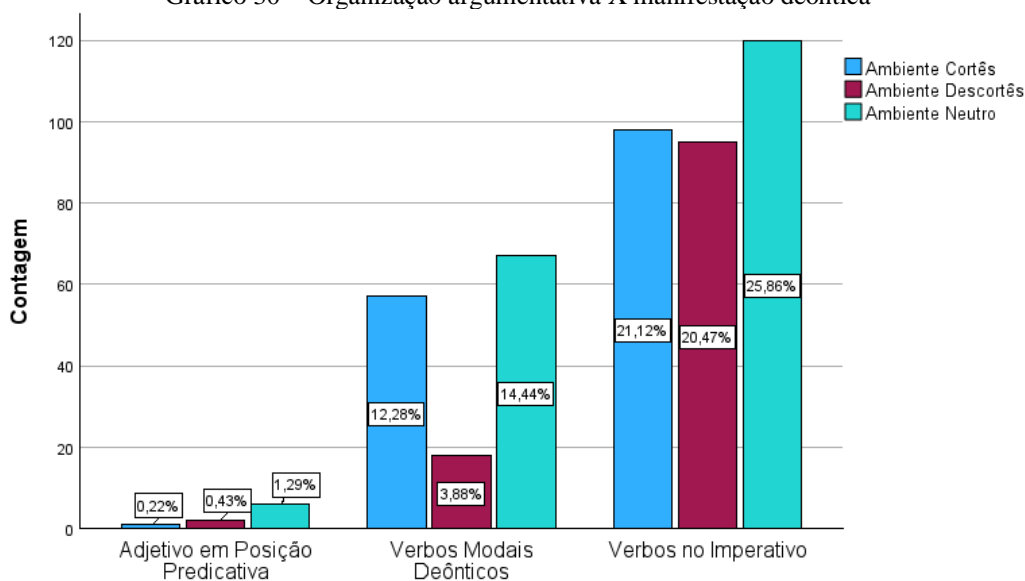


p) Organização argumentativa X manifestação deôntica

Com o valor menor que 0,001%, constatamos que a organização argumentativa influencia a manifestação deôntica.

No comparativo entre as categorias de manifestação deôntica delimitadas, notamos que o ambiente neutro é mais significativo em todas as três possibilidades. Mas, para as outras duas expressões da organização argumentativa, o Gráfico 30 sugere que o imperativo tem uma tendência de ser tanto utilizado para cortesia como para descortesia, enquanto os verbos modais possuem uma tendência de serem mais frequentemente corteses. Vale destacar que, o ambiente neutro de *O Conto da Aia*, já tende a ser permeado de ordens, visto que o poder é bem definido, e, logo, os chefes não precisam utilizar grosserias explícitas constantemente para que seus subordinados ajam conforme suas vontades.

Gráfico 30 – Organização argumentativa X manifestação deôntica



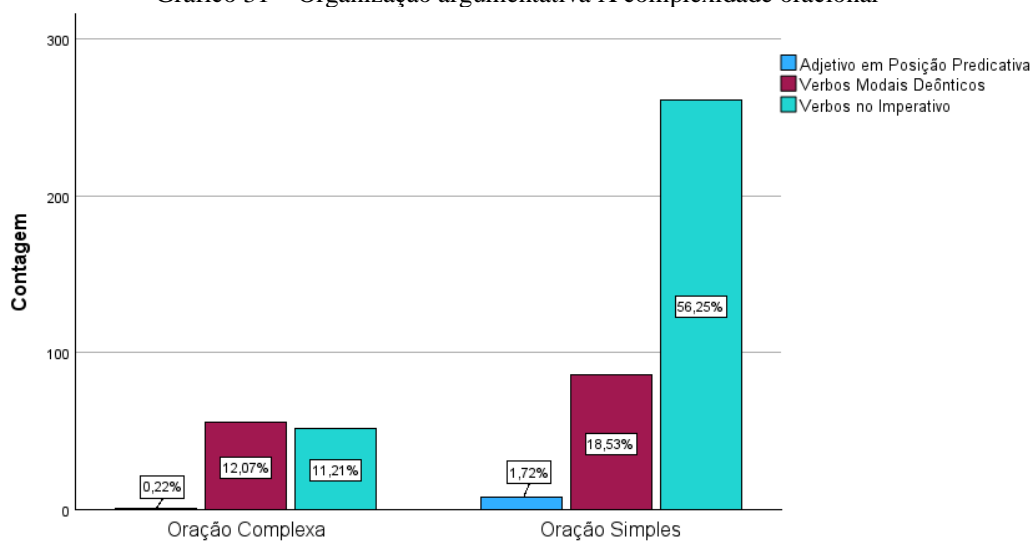
Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

q) Organização argumentativa X complexidade oracional

Outro fator que buscamos analisar foi a relação entre organização argumentativa e a complexidade oracional. O teste do qui-quadrado indicou haver correlação como o resultado menor que 0,001%.

Ao examinar o Gráfico 31, podemos perceber que os verbos modais deônticos e os verbos no imperativo possuem quase o mesmo percentual de aparição nas orações complexas, 12,07% e 11,21%. Contudo, se nos atentarmos às orações simples, o quantitativo de verbos imperativos se sobressai. Os adjetivos em posição predicativa também parecem preferir as orações simples. Assim, os dados parecem indicar que os verbos modais tem predileções por orações com maior quantidade de informações, sendo menos diretos no estabelecimento de comandos; e os verbos no imperativo, tendem a serem mais diretos.

Gráfico 31 – Organização argumentativa X complexidade oracional



Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

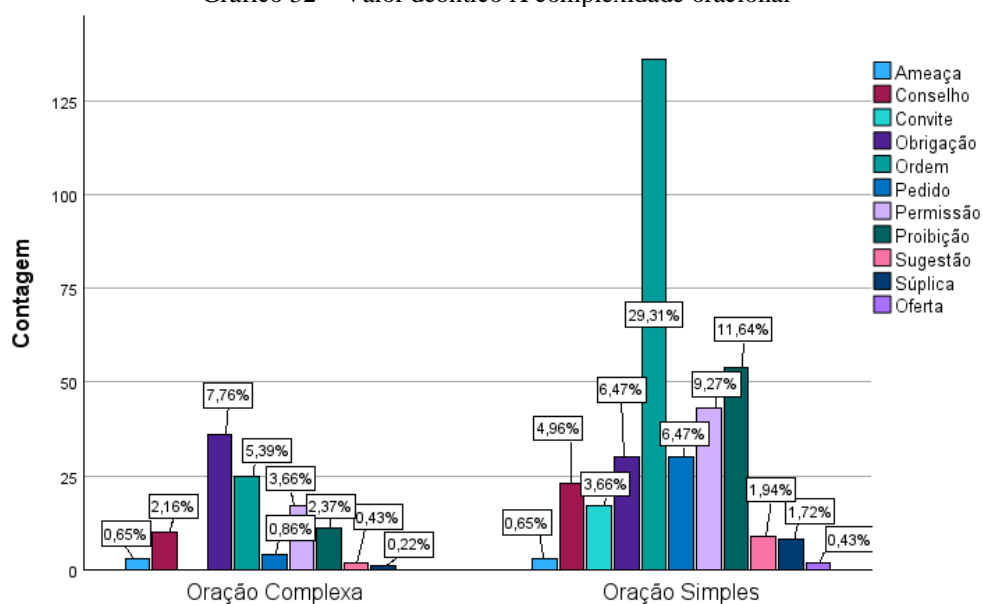
r) Valor deôntico X complexidade oracional

Por fim, buscamos descobrir se havia relação entre o valor deôntico e a complexidade oracional. De acordo com o teste qui-quadrado, essas duas variáveis se correlacionam, dado que o resultado deu menor que 0,001.

Enquanto na oração simples encontramos a prevalência dos valores: ordem (29,3%), proibição (11,6%), permissão (9,3%), obrigação (6,5%), pedido (6,5%) e conselho (5%); nas orações complexas dispomos de: obrigação (7,8%), ordem (5,4%), permissão (3,7%).

Tais dados parecem sugerir que, a ordem sendo um valor explícito, direto, a preferência é pela ocorrência em frases mais básicas. Por outro lado, a obrigação parece ocorrer em enunciados um pouco mais elaborados. Possivelmente, porque, ao ser alvo de obrigação, o indivíduo ou desconhece ou burla uma regra, precisando de mais informações para que ele entenda seu dever.

Gráfico 32 – Valor deôntico X complexidade oracional



Fonte: SPSS a partir das análises do autor.

Frente aos cruzamentos dos dados, pudemos notar que em sua maioria há influência dos níveis e planos entre si, condicionando a ocorrência de determinadas expressões a partir do que é manifesto em cada circunstância de fala. Tal fato ajuda a endossar a teoria da Pragmalinguística e mostra-nos que, nas legendas da série O Conto da Aia, existem condicionantes para a ocorrência da modalidade deôntica. Esse comportamento linguístico que impera principalmente sobre a figura feminina, em especial as Aias, ajuda a demonstrar o autoritarismo vigente na república de Gilead.

5 CONCLUSÕES

O presente trabalho buscou investigar a modalidade deôntica como reflexo de um discurso autoritário na série televisiva “O Conto da Aia”, tendo como base teórica norteadora a Pragmalinguística (Fuentes Rodríguez, 2017; Prata e Fuentes Rodríguez, no prelo). Julgamos a pertinência dessa teoria para nortear nosso estudo, visto que, por meio dela, podemos observar a língua como fenômeno social que indica por meio do discurso as intencionalidades e reflete, em alguma medida, o meio sociocultural. Outro aspecto de escolha por essa base teórica foi a capacidade de explicar alguns aspectos discursivos se mantendo na análise e descrição linguística.

No primeiro capítulo, foi apresentado o objetivo geral de investigar como as expressões linguísticas que perpassam pelo eixo da conduta instauram um discurso autoritário na série *O Conto da Aia*, com base na perspectiva Pragmalinguística. Para atingir tais fins, também foram apontados os objetivos específicos: (i) averiguar como a mudança de temporal do contexto sociopolítico (contexto situacional) presente série *O Conto da Aia* afeta nas construções deônticas; (ii) analisar, ao nível superestrutural, qual sequência textual é predominante quando há uso de expressões deônticas série *O Conto da Aia*; (iii) investigar, por meio da modalidade deôntica, quem mais instaura falas autoritárias (personagem-fonte) e quem mais as recebe (alvo) no plano enunciativo nas legendas da série *O Conto da Aia*; (iv) perquirir, no nível da microestrutura, quais são os valores mais frequentes nas manifestações deônticas série *O Conto da Aia*; (v) descrever por quais meios de expressão da modalidade deôntica o autoritarismo se manifesta na microestrutura frente ao contexto da série *O Conto da Aia*; (vi) examinar se há predominância, a nível microestrutural, de um tempo verbal específico para a modalidade deôntica em *O Conto da Aia*; (vii) constatar se, na microestrutura, há um tipo frasal mais frequente quando manifesta a modalidade deôntica em *O Conto da Aia*; (viii) sondar se, a nível da microestrutura, as frases que manifestam a modalidade deôntica em *O Conto da Aia* são em sua maioria simples ou complexas.

No segundo capítulo, detemo-nos em apresentar os preceitos basilares da teoria da Pragmalinguística a partir de Fuentes Rodríguez (2000; 2017) e Pérez Béjar (2018). Tratamos ainda sobre discurso autoritário com base em Orlandi (1987). Em se tratando sobre modalidade deôntica, nosso aporte teórico foi composto por autores como Palmer (1986); Parret (1988); Fuentes Rodríguez (1991); Halliday (2004); Hengeveld e Mackenzie (2008) Pessoa (2008); e Lopes (2014).

No terceiro capítulo, demonstramos os passos metodológicos da nossa pesquisa que se pautou nos preceitos da Pragmalinguística (Fuentes Rodríguez, 2017) fazendo a divisão teórica em aspectos contextuais e linguísticos (superestrutura, macroestrutura e microestrutura). O *corpus* foi constituído pelas falas dos personagens retiradas das legendas da primeira temporada da série O Conto da Aia.

Para realizar a análise dos dados, utilizamos o software SPSS, programa que faz levantamento de frequência e cruzamento entre as categorias fornecendo dados estatísticos e testes de significância, como o qui-quadrado.

Analisamos toda a primeira temporada, que totaliza 10 episódios. Ao todo, selecionamos, codificamos e analisamos 464 ocorrências. Ao que compete as categorias contextuais, analisamos o aspecto temporal: Antes de Gilead, Red Center (centro de treinamento de Aias) e Durante Gilead. Em relação às categorias linguísticas, fizemos o recorte baseado na Pragmalinguística: (i) superestrutura – sequência textual; (ii) macroestrutura – locutor, fonte, alvo e organização argumentativa; (iii) microestrutura: manifestação deôntica, valor deôntico, complexidade oracional, tempo verbal e tipo frasal.

No quarto capítulo, apresentamos a análise qualitativa e quantitativa dos dados encontrados no nosso *corpus*.

No contexto situacional, a maioria dos casos se passaram no período “Durante Gilead”, 67,67%. Se considerarmos que o “Red Center” (7,33%) também se passa após a implementação do regime, 75% dos casos reportados se passam após o golpe que firma Gilead como uma Nova República.

Adentrando nos aspectos linguísticos, na superestrutura, a sequência textual de maior relevância foi a instrucional com 87,93%, assim como era esperado, uma vez que a modalidade deôntica é vinculada ao eixo da conduta e essa sequência ao ordenamento de ações. As sequências expositivas e narrativas performaram 7,33% e 4,74% respectivamente.

Na macroestrutura, utilizamos a distinção entre locutor e fonte, pois, nem sempre quem fala, é o indivíduo responsável pelo comando repassado. Tendo isso em mente, a categoria de locutor ficou em destaque a Sra. Waterford (15,95%), Sra. Waterford (15,95%); Offred (12,07%); Comandante (10,78%); Tia Lydia (10,13%); June (9,7%); Luke (7,33%); Moira (5,39%).

Em se tratando da categoria fonte, os maiores índices ficaram para os personagens: Sra. Waterford (15,52%); Tia Lydia (10,34%); Comandante (9,91%); June (9,7%); Governo (8,62%); Luke (7,54%).

Essas duas categorias são interessantes serem percebidas juntas, pois provam que não necessariamente quem é fala é o real portador da enunciação. Ou seja, que a real fonte deôntica não é sempre coincidente com o locutor. Embora a Sra. Waterford permaneça como o principal locutor e fonte, notamos, por exemplo, que o Governo aparece como uma das fontes mais frequentes. Isso indica, por exemplo, o poder institucional resvalando nas falas dos personagens.

Em se tratando do alvo deôntico, a maior expressividade fica concentrada nas mulheres, em específico, as Aias, conforme já prevíamos. Offred, a personagem principal, performou 32,11% dos casos; as demais Aias, 8,62%; e Ofwarren, 7,11%. O único personagem masculino listado com mais de 5% sendo alvo foi o Sr. Waterford (5,82%). O que sugere que, além de haver autoritarismo na série, ele se destina principalmente à figura feminina.

No que tange a organização argumentativa, o ambiente neutro totalizou 41,6%, enquanto o ambiente descortês, 33,62% e o cortês 24,78%. Vale destaque que o ambiente neutro não reflete necessariamente aspectos amenos, visto que ele é influenciado por aspectos socioculturais, em Gilead, a hierarquia condiciona que alguns personagens estejam respaldados para ditar ordens e proibições de maneira naturalizada.

Na microestrutura, o meio de manifestação mais comum foi o imperativo (67,46%). Os verbos modais perfizeram 30,6%, enquanto os adjetivos em posição predicativa, 1,94%.

Atentando aos aspectos semânticos da microestrutura, o valor mais frequente foi a ordem (34,91%), seguido por proibição (14,01%), obrigação (12,72%) e permissão (12,07%).

Considerando os valores atrelados ao imperativo, a ordem seguiu sendo a mais comum, seguida por pedido (7,33%) e conselho (7,11%). Já os que se relacionam com os verbos modais, a obrigação representou 14,01%, já a permissão e a proibição, 9,05% e 7,54% respectivamente. No caso do adjetivo em posição predicativa, a incidência foi menor, com 1,72% de proibição e 0,22% de permissão.

Tendo valores como ordem e proibição se destacando, notamos que valores mais incisivos estão mais recorrentemente sendo vinculados às falas e influenciando as atitudes na sociedade. Esse tipo de expressão semântica pode ser um dos indícios de autoritarismo na série.

Ainda no nível microestrutural, detectamos, no que concerne a complexidade frasal, que as orações simples performaram 76,61% e as complexas, 23,49%. O tipo frasal imperativo contabilizou 56,47%, acompanhado pelas frases declarativas (29,53%), exclamativas (10,78%) e interrogativas (3,23%). Por fim, o tempo verbal, que sendo influenciado pela alta incidência dos verbos imperativos, encontramos em sua maioria a categoria tempo não sendo válida

(67,46%). Em segundo lugar, ficou o presente (27,8%), em seguida, o pretérito imperfeito (3,02%), o futuro (1,08%) e o futuro (0,65%).

Diversos cruzamentos entre as categorias foram feitos (cf. Apêndice C) de forma que atestássemos se havia correlação entre elas, e assim, confirmar se os níveis se influenciam, conforme aponta Fuentes Rodríguez (2017).

De todos os cruzamentos feitos, apenas contexto situacional *versus* sequência textual não apresentou significância. O que parece indicar que na série *O Conto da Aia*, as diversas categorias analisadas, pertencentes aos diferentes níveis propostos por Fuentes Rodríguez (2017), se inter-relacionam. Esse fato também ajuda a comprovar a efetividade da Pragmalinguística para análise de fenômenos linguísticos.

Um dos fatores para o qual acreditamos que o contexto situacional não tenha tido significância comprovada para alguns dos pontos comparados pode estar atrelado ao tempo dispendido da série para o período “antes de Gilead”. Talvez, em um *corpus* onde haja uma separação temporal melhor distribuída, seja encontrada significância entre contexto e fatores linguísticos de maneira mais direta.

A nossa análise se limitou a sentenças em língua portuguesa compreendendo uma temporada da série *O Conto da Aia*, visto que a série original é em língua inglesa, existe a possibilidade em trabalhos futuros de fazer um comparativo entre os dois idiomas de forma a se perceber se há divergência ou convergência entre a manifestação da modalidade deôntica em língua inglesa e portuguesa.

Defendemos, assim, que nosso estudo ajudou a observar a produtividade da Pragmalinguística na língua portuguesa, visto que essa teoria, até então, estava mais restrita à aplicação de fenômenos em língua espanhola.

Tendo em vista as hipóteses levantadas no nosso estudo, podemos dizer que em geral elas se comprovaram, dado que encontramos mais sequências instrucionais, e as falas foram proferidas principalmente por fontes que possuem poder social e, conseqüentemente, os alvos foram, em sua maioria, as mulheres em posição de Aia. Em se tratando de valores atrelados às falas, tivemos a incidência mais significativa de ordens, proibições e obrigações, o que sugere produções linguísticas mais diretas em atreladas às relações sociais presentes na série. O conjunto desses pontos sugere que há tendências autoritárias não apenas nas regras sociais impostas normalmente dentro de Gilead, mas que essas tendências também estão refletidas na língua.

REFERÊNCIAS

- ABDURAKHMANOV, Muhammadjon. Scientific-theoretical foundations of modality category. **Foreign Linguistics and Lingvodidactics**. v. 2, n. 3, p. 76–81, 2024.
- AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. Na América Latina, o Brasil lidera o consumo de streaming, mas enfrenta desafios de representatividade de conteúdo nacional. **Ministério da Cultura**. Brasília, 3 de dez. de 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/na-america-latina-o-brasil-lidera-o-consumo-de-streaming-mas-enfrenta-desafios-de-representatividade-de-conteudo-nacional#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20de%20Streaming%20Global,a%20m%C3%A9dia%20global%20de%2056%25>. Acesso em: 08 de fev. de 2025.
- AGUIAR, M. Ethos Presidencial de Autoridade: Análise da Modalidade Deontica nos Discursos de Tomada de Posse do Estado Novo. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, Braga, n. 1, 2016.
- ALMEIDA, Luísa Dias de. **Foco narrativo na adaptação audiovisual do romance O Conto da Aia**. 2021. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. **L'argumentation dans la langue**. Liège: Pierre-Mardaga, 1983.
- ATWOOD, Margareth. **O conto da aia**. Rio de Janeiro, ROCCO, 2017.
- BATISTA, Victória Glenda Lopes; PRATA, Nadja Paulino Pessoa; MENEZES, Léia Cruz de. Deonticidade nos discursos de Donald Trump: um ethos para cada audiência. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, v. 29, n. 4, p. 2201-2224, julho de 2021. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18092>. Acessado em: 13 de agosto 2024.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009
- BRAGA, Y. D. Estética da Representação da Série Televisiva O Conto de Aia. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais eletrônicos**. Belém: Intercom, 2019. P.1 – 14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2087-1.pdf>. Acesso em: 18 de outubro de 2024.
- BRENES PEÑA, ESTER. **Descortesía verbal y tertúlia televisiva**. Ber: Peter Lang, 2011.
- BORGES, Jayne Silva de Sousa. **O Conto da Aia à luz da recepção virtual: Literatura e série televisiva sob a perspectiva de receptores contemporâneos**. 2023. 103 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras - Campus Bacabal) - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BYBEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Copyright-John Benjamins Amsterdam. Philadelphia, 1995.

CERVONI, J. **A enunciação**. Tradução: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

COSTA, Ana Luísa; COSTA, Maria Armanda; GONÇALVES, Anabela. Consciência linguística: aspetos sintáticos. *In*: Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.). **Aquisição de língua materna e não materna**: Questões gerais e dados do português. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 409-438.

COSTA, Léa Angeline da. **O uso da perífrase modal “tener que+infinitivo” no condicional no discurso digital escrito em espanhol**. 2023. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

DIK, C. S. **The Theory of Funcional Grammar**. Vol. 1. Ed by Hengeveld (Kees) Berlin/ New York: Mounton de Gruyter, 1997.

ESCANDELL VIDAL, Maria Victoria. **Introducción a la pragmática**. Barcelona: Ariel, 2013.

DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988.

FONSECA, Priscila Lima. **Mulheres e uma distopia estética com o Conto de Aia**. 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2021.

FORTE, Vanessa; MARTINS, Allysson. “O Lugar de uma Mulher” por Serena Joy: Representações da “Traidora de Gênero” na Série o Conto da Aia. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43., 2019, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Intercom, 2020. P.1 – 14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0262-1.pdf>

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Algunas reflexiones sobre el concepto de modalidad. **Revista española de lingüística aplicada**: Espanha, vol. 7, p. 93 – 108, 1991.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Acercamiento a las unidades supraoracionales. **Philologia hispalensis**, Sevilha, n. 8, p. 25-36, 1993.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **La sintaxis de los relacionantes supraoracionales**. Madrid: ArcoLibros, 1996.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Lo oral en lo escrito: los enunciados parentéticos. **Moenia**: n. 5, p. 225 – 246, 1999.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Sintaxis del enunciado**: los complementos periféricos. Madrid: Arco Libros, 2007.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. El análisis lingüístico desde un enfoque pragmático. **Estudios de lingüística**: investigaciones lingüísticas en el siglo XXI, n. 23, p. 63-102, 2009.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. (Des)cortesía y violencia verbal: implicaciones lingüísticas y sociales. In: FUENTES RODRIGUEZ, C; ALCAIDE LARA, E; BRENES PEÑA, E. **Aproximaciones a la (des)cortesía verbal en español**. Bern: Peter Lang AG, 2011, p. 27-74.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. La gramática discursiva: niveles, unidades y planos de análisis. **Cuadernos AISPI 2**: 2013. p 15-36.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Enunciación, aserción y modalidad. Tres Clásicos. **Anuario de estudios filológicos**: n. 27, p. 121 – 145, 2014.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Lingüística pragmática y análisis del discurso**. Madrid: Arco/libros, Madrid, 2017a. 3º edición.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Macrosintaxis y lingüística pragmática. **CLAC**: n. 71, p. 5-34, 2017b.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **El discurso en su contexto de realización**. Lingüística pragmática, argumentación y cortesía. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2020.

FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. Construcciones interjectivas y operadores discursivos de intensificación argumentativa. **Boletín de Filología**. Santiago: v. 57, n. 2, p. 19-51, 2022.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Distinções entre modalidade deôntica objetiva e subjetiva no português falado: o caso do verbo 'dever'. **Revista Confluência**, v. 46, p. 273-287, 2014.

GOTTLIEB, H. Subtitles: Readable dialogue?. In: PEREGO, E (ed.). Eye tracking in audiovisual translation. 1 ed. Roma: Aracne, 2012. p. 37 – 81.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Education, 2004. 3ª edición.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality in a Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, Oxford, v. 6, n. 3-4, p. 227-269, 1988.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOLANDA, Ana Carolina Pessoa; XEREZ, Rafael Marcílio. *O Conto da Aia* e o aborto no Brasil: a ausência de liberdade da mulher sobre o próprio corpo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021.

FILLIETTAZ, Laurent; ROULET, Eddy. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. **Discourse Studies 4** (3): 369-393, 2002.

- LIMA JUNIOR, Oswaldo Pereira de; HOGEMANN, Edna Raquel. O conto da aia: a (des)ressoalização como dimensão epistêmico-moral fundadora da condição de sujeito de direito da mulher. **Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura**, PortoAlegre, v.5, n.1, p.69-93, jan.-jun., 2019.
Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/470/pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2024.
- LOPES, M. F. V. **Gramática de significados**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.
- LOPES, M. F. V. Os sentidos deônticos na peça teatral *The Glass Ménagerie*. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 3, p 1195-1231, jul./set. 2019.
- LOPES, M. de F. S.; OLIVEIRA, A. S. As modalidades deôntica e volitiva e a implicatura de futuridade em tebeos de língua espanhola. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 542–571, 2020.
- LYONS, J. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAGALHÃES, M. C. C.; NININ, M. O. G.; LESSA, A. C. T. A dinâmica discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo? **Bakhtiniana**, São Paulo, v.9, n.1, p.129-147, 2014
- MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, SueliCristina; PAULIUKONIS, AparecidaLino; ELIAS, Vanda Maria(Orgs.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.
- MARTINS, E. C. D., da Cruz, E. P., & dos Santos, S. F. O Conto da Aia: Uma Leitura Multidisciplinar. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências**, v. 9, n. 1, p. 312-339, 2020.
- MAYBERRY, R.; HATRAK, M.; ILKBASARAN, D.; CHENG, Q.; HUANG, Y.; HALL, M. L. (2023). Impoverished language in early childhood affects the development of complex sentence structure. In: **Developmental Science**, v. 27, n. 1, 2023.
- MENEZES, Léa Cruz de. **A modalidade deôntica na construção da persuasão em discursos políticos**. Dissertação de mestrado. UFC, Fortaleza-Ceará, 2006.
- MENEZES, Léa Cruz de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa: um exercício de análise retórico-funcional**. 2011. 334f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2011.
- MITELL, J. **Complex TV: the poetics of contemporary television storytelling**. New York: New York University Press, 2015.
- MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Poética das séries de televisão: elementos para conceituação e análise. 2017, **Anais**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002855450.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

- NASCIMENTO, Monique Batista do. O conto da aia: Uma análise sobre a divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero. **Revista Idealogando**, v. 3, n. 2, p. z-w, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/243059>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- NEVES, M. H. M. A polissemia dos verbos modais ou falando de ambigüidades, **Alfa**: v. 44, p. 115–145, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- NOGUEIRA, M. T. (org.) ; PRATA, Nadja Paulino Pessoa (Org.) . **Funcionalismo linguístico: domínios de investigação**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2024. 187p.
- OLIVEIRA, André Silva. Reflexões sobre a expressão da modalidade deôntica para o ensino de língua espanhola. **Saridh (Linguagem e Discurso)**, v. 3, n. 1, p. 39-59, 2011.
- OLIVEIRA, L. C. de. **A modalidade deôntica em discurso profissional na mídia televisiva**. 2016. 144f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2016.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli . **A Linguagem e Seu Funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987a.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Palavra, fé e poder**. Campinas: Pontes, 1987.
- PALMER, F.R. **Mood and modality**. New York: Cambridge University Press, 1986.
- PALMER, F. R. Negation and the modals of possibility and necessity. *In*: BYBEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. (Ed.), **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 453–471.
- PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Tradução: Eni P. Orlandi; Marco A. Escobar; Maria A. Babo; Paulo Otoni; Raquel S. Fiad e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- PÉREZ BÉJAR, Victor. **Pragmagramática de las estructuras suspendidas**. 2018. 567 f. Tese (Doutorado) – Universidad de Sevilla, Programa de Doctorado en Estudios Filológicos, Sevilla.
- PESSOA, Nadja Paulino. **A manifestação da modalidade deôntica nos anúncios publicitários**. 2007. 221f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- PESSOA, Nadja Paulino. A categoria modalidade e a (in)determinação de fronteiras. In: **Simpósio Mundial De Estudos De Língua Portuguesa**, 1, 2008, São Paulo; Encontro Gramatical De Português, 3, 2008, São Paulo; Encontro Anual Do Grupo De Pesquisa “Morfologia Histórica Do Português”, 2, 2008, São Paulo; Simpósio Internacional Sobre Práticas Escritas Na Escola: Letramento e Representação, 4, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2008.

PESSOA, Nadja Paulino. **Modalidade deôntica e discurso midiático**: uma análise baseada na gramática discursivo-funcional. 2011. 224f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE.

PIRES NETO, J. A. A. ; PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Modalidade deôntica na perífrase ?haber que? + infinitivo: uma visão pragmatolinguística no uso do Twitter. In: Cícero A. A. Miranda; Lucineudo Irineu; M. Valdênia F. do Nascimento; Valdecy O. Pontes. (Org.). **Espacios de existencia y resistencia del español en Brasil**: El Nordeste en foco. 1a.ed. João Pessoa: Ideia Editora, 2023, p. 224-241.

PRATA, Nadja Paulino Pessoa; FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **Modalidad deôntica en el discurso digital**. (No prelo)

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.

RESENDE, Maurício. A morfologia dos modais: notas sobre a caracterização morfológica de dever, poder e ter que/de. **Revista da Anpoll**. Florianópolis: v. 52, n. 1, 2021, p. 236–256.

ROULET, E. Un modelo y un instrumento de análisis de la complejidad de la organización del discurso. **I Simposio Internacional de Análisis del Discurso**. Madrid: D.L., 1998, págs. 20-22.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. **Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 2004, p. 699-771.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. Reflexões sobre o imperativo em português. **D.E.L.T.A**, v. 23, no especial, em homenagem a Lúcia Lobato, 2007. p. 193-242.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz. Sobre a variação do imperativo na gramática do português brasileiro: ampliando a análise de enunciados escritos sem marcas convencionais de diálogo. In: VIEIRA, Marcia dos Santos Machado; WIEDEMER, Marcos Luiz (org.). **Saberes em Sociolinguística**: trilhas, demandas e proposições. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2023. p. 100 – 150.

SILVA, Luiz Antônio da. Interação e descortesia: uma visão pragmática. **Revista Entrepalavras**, v. 12, p. 173-186, 2022.

TAYLOR, C. Multimodal texts. In: PEREGO, E (ed.). **Eye tracking in audiovisual translation**. 1 ed. Roma: Aracne, 2012. p. 13 – 35.

THIBAUT, P. The Multimodal Transcription of a Television Advertisement: Theory and Practice. In A. Baldry (Ed.), **Multimodality and Multimediality in the Distance Learning Age**. Campobasso: Palladino Editore, 2000. p. 311–385.

VASCONCELOS, Edina Maria Araújo de. **A manifestação da modalidade pelo autor de livro didático em orientações para o ensino de gramática da língua inglesa**. 2021. 141f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza -CE.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto**: un enfoque interdisciplinario. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992. 305 p.

Filmografia

O CONTO da Aia [Seriado]. Direção: Bruce Miller. Produção: Bruce Miller, Daniel Wilson, Fran Sears e Warren Littlefield. Estados Unidos: Paramount, 2017. Disponível em:
<<https://www.paramountplus.com/br/>>

APÊNDICE A - Resumo dos episódios da 1ª temporada de O Conto da Aia.

1. Offred

Offred, uma das poucas mulheres férteis conhecidas como aia na opressiva República de Gilead, luta para sobreviver como substituta reprodutora para um poderoso Comandante.

2. Dia do Parto

Offred e suas companheiras aias ajudam no parto do bebê de Janine. Offred aproxima-se de Ofglen, enquanto teme um encontro secreto com o Comandante.

3. Atrasada

Offred visita o bebê de Janine com Serena Joy e se lembra dos primeiros dias da revolução. Ofglen enfrenta um desafio difícil.

4. Nolite Te Bastardes Carborundorum

Punida por Serena Joy, Offred começa a refletir sobre seu tempo com Moira no Centro Vermelho. Uma complicação durante a Cerimônia ameaça a sobrevivência de Offred.

5. Fiel

Serena Joy faz uma proposta surpreendente a Offred, que se lembra do início não convencional do relacionamento com o marido.

6. Um Lugar de Mulher

A embaixadora mexicana visita Gilead e questiona Offred sobre sua vida como uma Aia. Serena Joy reflete sobre seu casamento e o papel que desempenhou no começo da Gilead.

7. O Outro Lado

Lembrando-se da tentativa de fuga de sua família, Offred descobre uma revelação chocante da vida antes de Gilead.

8. Jezebéis

O Comandante surpreende Offred com uma aventura secreta em Gilead. Por causa do seu passado problemático, Nick é recrutado pelos Filhos de Jacob.

9. A Ponte

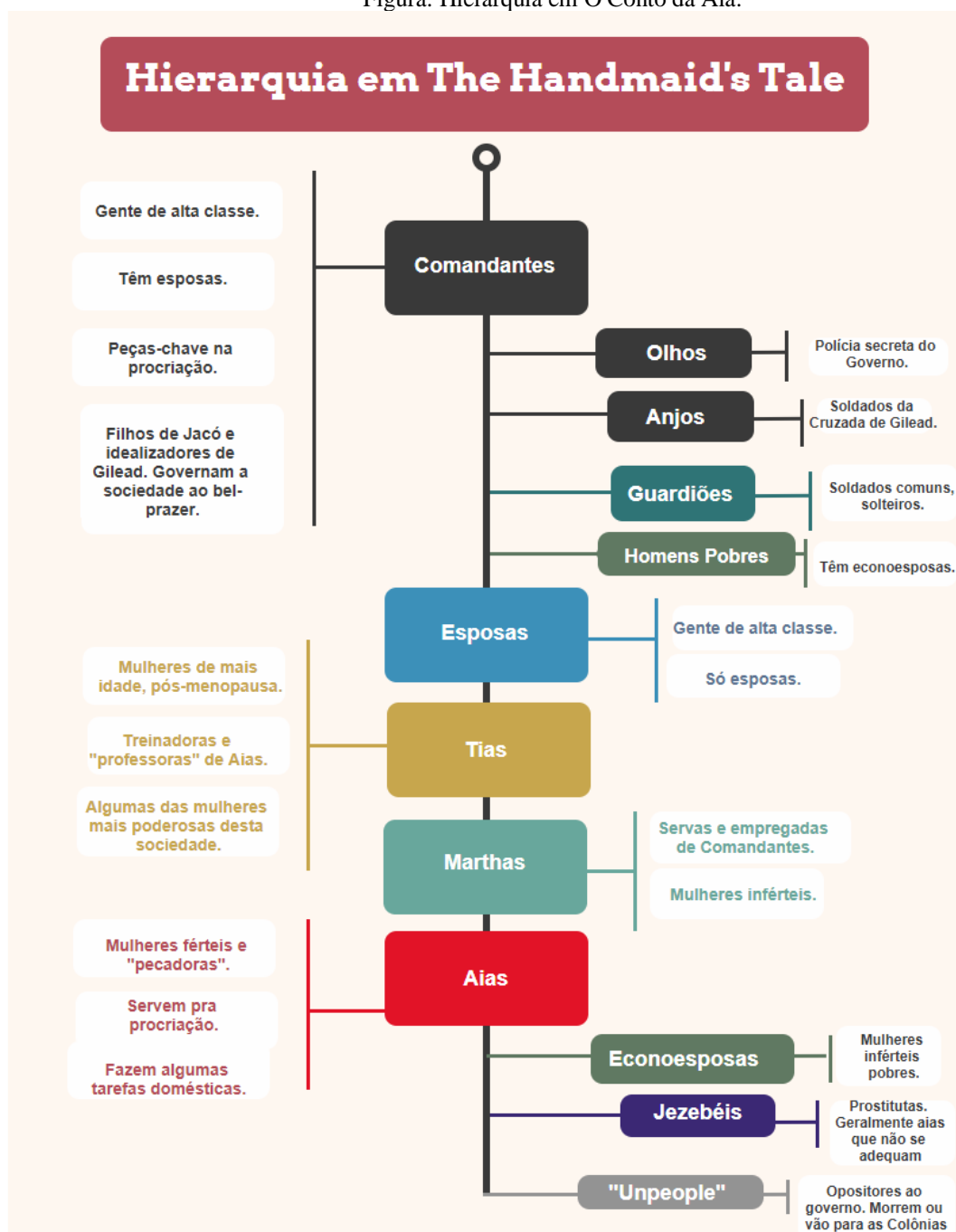
Offred embarca em uma missão perigosa pela resistência, Janine se move para um novo posto, e Serena Joy suspeita da infidelidade do Comandante.

10. Noite

Serena Joy confronta o Comandante e Offred, que lida com uma revelação complicada e transformadora. As Aias enfrentam uma decisão brutal.

APÊNDICE B – Hierarquia em *O Conto da Aia*

Figura: Hierarquia em O Conto da Aia.



Fonte: Site Garotas Geek (2019)

Imagem da internet:

Fonte: Garotas Geek. Disponível em: <<https://www.garotasgeeks.com/e-preciso-reforcar-quem-sao-os-verdadeiros-viloes-em-the-handmaids-tale-os-homens/>> Acesso em: 18 set. 2024.

APÊNDICE C – Teste qui-quadrado

Teste qui-quadrado em relação as categorias analisadas na série “*O Conto da Aia*”.

Categorias Cruzadas	<i>Valor qui-quadrado</i>
Contexto situacional X sequências textuais	0,343
Contexto situacional X fonte deôntica	<0,001
Contexto situacional X alvo deôntico	<0,001
Contexto situacional X organização argumentativa	<0,001
Contexto situacional X manifestação deôntica	0,008
Contexto situacional X valores deônticos	0,002
Contexto situacional X complexidade oracional	0,014
Sequência textual X fonte deôntica	<0,001
Sequência textual X alvo deôntico	<0,001
Sequência textual X organização argumentativa	0,037
Sequência textual X tipo frasal	<0,001
Fonte deôntica X manifestação deôntica	<0,001
Fonte deôntica X valor deôntico	<0,001
Alvo deôntico X manifestação	<0,001
Alvo deôntico X valor deôntico	<0,001
Organização argumentativa X manifestação deôntica	<0,001
Organização argumentativa X complexidade oracional	<0,001
Valor deôntico X complexidade oracional	<0,001

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS.